



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANA VENTURA MARTINS

**SILÊNCIOS E EVIDÊNCIAS RESSIGNIFICADAS: A CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA DE MARIANA GRAJALES CUELLO (SÉCULOS XIX E XX)**

SEROPÉDICA
2026





MARIANA VENTURA MARTINS

SILÊNCIOS E EVIDÊNCIAS RESSIGNIFICADAS: A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MARIANA
GRAJALES CUELLO (SÉCULOS XIX E XX)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Rebeca Gontijo Teixeira.

SEROPÉDICA
2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M379s Martins, Mariana Ventura , 1999-
 Silêncios e Evidências Ressignificadas: a
 construção da memória de Mariana Grajales Cuello
 (Séculos XIX e XX) / Mariana Ventura Martins. -
 Seropédica , 2026.
 123 f.

 Orientadora: Rebeca Gontijo Teixeira.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
 História, 2026.

 1. História de Cuba . 2. Mariana Grajales. 3.
 Memória . 4. Interseccionalidade . I. Teixeira, Rebeca
 Gontijo , 1968-, orient. II Universidade Federal
 Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
 História III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a
fonte

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



TERMO Nº 41 / 2026 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.005393/2026-18

Seropédica-RJ, 09 de fevereiro de 2026.

Nome do(a) discente: MARIANA VENTURA MARTINS

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 06 de fevereiro de 2026

Banca Examinadora:

Dra. ANDREA MAZUROK SCHACTAE Examinadora Externa à Instituição
Dra. IZABEL PRISCILA PIMENTEL DA SILVA, UERJ Examinadora Externa à Instituição
Dra. REBECA GONTIJO TEIXEIRA, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 18/02/2026 12:47)

REBECA GONTIJO TEIXEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROFHIST (12.28.01.00.00.79)
Matrícula: 1734363

(Assinado digitalmente em 09/02/2026 08:38)

ANDRÉA MAZUROK SCHACTAE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 001.284.239-78

(Assinado digitalmente em 09/02/2026 17:02)

IZABEL PRISCILA PIMENTEL DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 087.116.597-00

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **41**, ano: **2026**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **09/02/2026** e o código de verificação: **62382f2290**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANA VENTURA MARTINS

**SILÊNCIOS E EVIDÊNCIAS SIGNIFICADAS: A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MARIANA
GRAJALES CUELLO (SÉCULOS XIX E XX)**

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no Programa de
Pós-Graduação em História, Área de
concentração em Relações de Poder e Cultura.

Dissertação aprovada em 06 de Fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Rebeca Gontijo Teixeira - Orientador – UFRRJ

Andréa Mazurok Schactae - Membro externo – IFPR

Izabel Priscila Pimentel da Silva - Membro externo – UERJ

Dedico a minha mãe, cujo amor, apoio e
oração me carregaram até aqui.

*”De Cuba traigo un cantar
Para el ensueño mejor
Cantar para la esperanza
Para la luz y el amor”
(Carlos Puebla)*

RESUMO

Martins, Mariana Ventura. **Silêncios e Evidências Ressignificadas:** a construção da memória de Mariana Grajales Cuello (Séculos XIX e XX). 2026. 123p. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

Esta dissertação é resultado da análise crítica das memórias relacionadas a Mariana Grajales Cuello, negra, que se tornou um símbolo da mulher cubana, protagonista das lutas políticas pela independência da ilha, ocorrida a partir de 1868. Popularmente, Grajales ainda é reconhecida por seus conterrâneos como “Madre de la Pátria”. Mais especificamente, o estudo do caso Grajales visa compreender o trabalho de construção da memória sobre essa personagem, considerando as possíveis disputas relacionadas à construção do panteão da memória nacional cubana em contextos diversos, como os da independência, em meados do século XIX, e o da Revolução Cubana, em meados do século XX. O referencial teórico da pesquisa inclui estudos sobre a construção da memória coletiva e da identidade nacional, à luz da reflexão sobre interseccionalidade. A metodologia visa dar conta de fontes diversas: desde a correspondência, passando por textos de teor biográfico, monumentos e símbolos que representam a personagem estudada.

Palavras-chave: História de Cuba; Mariana Grajales; Memória; Interseccionalidade.

ABSTRACT

MARTINS, Mariana Ventura. **Silences and Reinterpreted Evidence:** the construction of the memory of Mariana Grajales Cuello (19th and 20th centuries). 2026. 123p. Dissertation (Master's in History) – Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

This dissertation is the results of the critical analysis of the memories associated with Mariana Grajales Cuello, a black woman who became a symbol of the Cuban woman and a protagonist in the political struggles for the island's independence beginning in 1868. Popularly, Grajales is still recognized by her compatriots as the “Mother of the Homeland.” More specifically, the study of the Grajales case seeks to understand the processes involved in constructing the memory surrounding this figure, taking into account the disputes related to the formation of the Cuban national memory pantheon in different contexts, such as the independence movement in the mid-nineteenth century and the Cuban Revolution in the mid-twentieth century. The theoretical framework draws on studies of the construction of collective memory and national identity, informed by reflections on intersectionality. The methodology encompasses a diverse set of sources, ranging from correspondence and biographical texts to monuments and symbols that represent the figure under study.

Keywords: Cuban History; Mariana Grajales; memory; intersectionality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Por que Cuba? Por que Mariana Grajales?.....	11
CAPÍTULO I: O caso cubano: insurgências, memória e identidade.....	18
1.1 A antessala da independência.....	23
1.2 O processo de Independência.....	29
1.3 Golpes e Rupturas: Cuba entre 1933 e 1952.....	34
1.4 A luta revolucionária em Cuba (1953-1959).....	36
1.5 Identidade e Memória: uma relação indissociável.....	41
CAPÍTULO II: Fragmentos de uma heroína: a construção de Mariana Grajales Cuello..	48
2.1 Vestígios de Mariana: rastros históricos e construções narrativas.....	50
2.2 Mariana e Antonio Maceo: uma indissociabilidade construída e questionada.....	55
2.3 Maternidade, símbolo, representação da pátria e continuidade.....	57
CAPÍTULO III: A Mariana biografada, entre o que se diz e o que se perde: problemas e lacunas.....	87
3.1 Notas de leitura acerca de Mariana: raíz del alma: Panorama dos autores.....	91
3.2 O capítulo inaugural: La muchacha del Río Guaninición.....	94
3.3 Como el aroma de las flores.....	96
3.4 La voz de La Manigua.....	99
3.5 Fuego inextinguible: o que vem depois?.....	104
3.6 La exhumación.....	107
3.7 Las honras fúnebres.....	107
3.8 La difamación.....	109
3.9 A realidade e construção mítica em Mariana Grajales.....	110
REFERÊNCIAS.....	116
FONTES.....	116
BIBLIOGRAFIA.....	118
SITES.....	123

INTRODUÇÃO

Por que Cuba? Por que Mariana Grajales?

Duas perguntas nortearam o processo de construção dessa dissertação. Em alguns momentos, as pessoas buscavam saber e, em outras, irrompia a inquietação íntima: por que Cuba? Por que Mariana Grajales? Hoje, a partir do amadurecimento da pesquisa, nossas indagações são um pouco diferentes: por que não Cuba? Por que não Mariana?

A história de Cuba sempre nos fascinou e intrigou. Em *Viva la Revolución*, Eric Hobsbawm afirma que a revolução sempre entusiasmou os jovens, pois tinha “romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a generosidade altruísta de sua juventude - os mais velhos mal tinham passado dos trinta - um povo radiante num país turístico tropical pulsante com ritmo da rumba” (Hobsbawm, 2017, p. 301). Nesse sentido, acreditamos que ele estava certo e explicamos o motivo.

Nosso contato mais significativo com a história de Cuba, sobretudo a Revolução, foi durante as aulas de história, na escola, quando um colega fez uma observação que nos acompanha até hoje. Não sabemos se havia lido isso em algum lugar ou se criou a analogia naquele momento, mas afirmou: Cuba, antes da Revolução, era como um cachorrinho dos Estados Unidos. Ficamos fascinados, pesquisamos um pouco sobre o país, mas, naquele momento, não entendemos muito bem o que ele queria dizer. Uma coisa é certa: ficamos fascinados por Cuba, talvez pelos motivos que E. Hobsbawm explicou.

Ao ingressar na universidade, tivemos a oportunidade de revisitar a Revolução com maior profundidade e o fascínio reapareceu, como acontece com grande parte dos estudantes de História no primeiro período. Líamos sobre Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos. Naquele momento, essa pergunta não nos inquietou, como aconteceria algum tempo depois: e as mulheres?

Com o passar dos semestres, pensamos em alguns temas para a monografia, e, todos, de alguma forma, relacionados à história latino-americana. Contudo, em tempos pandêmicos, nos deparamos com uma postagem superficial de rede social sobre a participação de mulheres na guerrilha. Ficamos intrigados, pesquisamos e chegamos até o Pelotão Mariana Grajales, conhecido como “*Las Marianas*”.

O trabalho sobre a participação feminina na guerrilha, com ênfase no Pelotão Feminino, não foi fácil, principalmente em relação às fontes. Muita gente estuda sobre a Revolução de Cuba, mas o número ainda é reduzido quando falamos sobre a atuação das mulheres. Quando tratavam sobre o tema, só havia uma vaga menção a *Las Marianas* em notas de rodapé.

Acreditamos que, de certo modo, foi a ausência que nos instigou. Onde estão as mulheres? Por que não estamos falando sobre elas? Quem são essas mulheres? A monografia foi concluída, mas ficou o questionamento, onde nos encontramos hoje e gerou esse trabalho: quem foi Mariana Grajales? A partir disso foi necessário recuar na História de Cuba e voltar aos tempos das lutas independentistas, sem perder de vista os vestígios dessa luta no presente.

Nesse sentido, o repertório teórico que orienta esta pesquisa está estruturado, sobretudo, em duas diretrizes centrais: memória e gênero. No que concerne ao debate sobre memória, ainda que não seja o único autor mobilizado, destacamos a contribuição de Michael Pollak, cujas reflexões permitem compreender as disputas entre memórias oficiais e memórias subterrâneas, evidenciando os conflitos simbólicos que permeiam a construção e a circulação de narrativas históricas.

No âmbito das discussões sobre interseccionalidade, ressaltamos a obra de Kimberlé Crenshaw, cuja formulação teórica evidencia a articulação entre diferentes eixos de opressão, notadamente raça, classe e gênero, e demonstra como tais dimensões se entrecruzam na produção de desigualdades e na estruturação das experiências sociais.

Diante disso, algumas de nossas fontes são a biografia *Mariana: raíz del alma cubana* (2015), a troca de correspondência entre Antonio Maceo e José Martí, referentes à década de 1890; o discurso de 1960, na fundação da Federação de Mulheres Cubanas (FMC) e duas canções do músico cubano Carlos Puebla *Canto a Mariana Grajales* e *La mujer esta con la Revolución*. A partir desse conjunto documental, buscamos examinar tanto as evidências apresentadas quanto os possíveis silenciamentos que atravessam o conteúdo das fontes.

Nós crescemos, vamos a escola e lá, nessa primeira formação, estudamos, de maneira geral, personagens negros enquanto agentes passivos, vítimas de violência e sujeitos de pouca resistência. E, quando fazemos um recorte de gênero, o silenciamento é ainda maior. É bem verdade que há um cenário em que os docentes tentam evidenciar tantos nomes que por muito tempo ficaram nas sombras, no caso brasileiro, destacamos Maria Quitéria e Luiza Mahim. Mesmo assim, não é o suficiente. Aqui, fazemos referência ao texto de Petrônio Domingues que afirma que a história das mulheres negras no Brasil ainda não foi devidamente contada (Domingues, 2007, p. 347). Entretanto, vamos além ao abordar o contexto cubano.

No texto célebre *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, a escritora inglesa afirma que na história, os anônimos geralmente eram mulheres (Woolf, 2014, p. 73). Então, cabe a nós, enquanto historiadoras/es, nomear esses sujeitos. No caso deste trabalho, a mulher negra que estudamos não é uma anônima, pelo contrário, ela é bastante reconhecida por seus conterrâneos. Entretanto, compreendemos que a construção da memória referente a ela é

perpassada por diversos “anonimatos” relacionados à subjetividade e agência política abrindo espaço para uma potencialização de características atribuídas a um ideal de feminilidade.

Entendemos que, para situar o leitor desta dissertação, é necessário expor os pensamentos que orientaram o processo de escrita, bem como os objetivos propostos e o tema central da pesquisa: Mariana Grajales Cuello, a “mãe da pátria” cubana.

Como mencionamos anteriormente, o esboço dessa pesquisa teve início a partir do estudo sobre o Pelotão Mariana Grajales. Na ocasião, o principal intuito era escrever sobre a trajetória dessa personagem, quase uma ilusão biográfica.¹ A ideia não foi bem sucedida e já naquele momento outras perspectivas começaram a surgir, as inquietações passaram a ser: por que o Pelotão foi batizado com o nome de Mariana? Como surgiu o título de “mãe da pátria”? Como Mariana foi e ainda é lembrada? Talvez esta última questão seja a mais relevante, pois, caso esta dissertação pudesse ser sintetizada em uma pergunta central, acreditamos que seria esta.

Desta forma, o objetivo geral da presente pesquisa é analisar a construção da memória de Mariana Grajales Cuello, considerando que teve início ainda no século XIX e consolidou-se no século XX, sobretudo a partir da Revolução Cubana, sob a perspectiva de uma potencialização da maternidade. Além disso, buscamos compreender as representações e ressignificações da trajetória e os usos da memória de Mariana, nas narrativas e imagens construídas dentro de um suposto projeto societário cubano e discutir a influência dessa figura na cultura popular.

Para isso, o trabalho foi organizado em três capítulos intitulados, respectivamente: *O caso cubano: insurgências, memória e identidade*, *Fragmentos de uma heroína: a construção de Mariana Grajales Cuello* e *Mariana Biografada, entre o que se diz e o que se perde: problemas e lacunas*.

O capítulo de abertura desta dissertação foi estrategicamente organizado em cinco seções, sendo eles: *A antessala da Independência*, *O processo de Independência*, *Golpes e rupturas: Cuba entre 1933 e 1952*, *A luta revolucionária em Cuba* e *Identidade e Memória: uma relação indissociável*. Nosso intuito era contextualizar historicamente o surgimento da personagem central da pesquisa. Para tanto, propomos à apresentação do panorama social, político e econômico do período em questão, com ênfase nos fatores estruturais que

¹ Referência ao célebre texto *A ilusão biográfica* de Pierre Bourdieu, no qual o autor afirma que a “ilusão biográfica” é a tendência de contar a vida de alguém como uma sequência lógica e contínua, dando a impressão de que todos os acontecimentos seguiram um plano e levaram naturalmente a um ponto específico.

contribuíram para a constituição de sua trajetória. A abordagem adotada visa elucidar os condicionantes históricos que influenciaram suas experiências e escolhas, oferecendo, assim, um referencial analítico que sustenta a leitura e a compreensão dos capítulos subsequentes, nos quais sua atuação será explorada em maior profundidade.

Este capítulo apresenta, inicialmente, o processo de colonização e transculturação que marcou a formação da sociedade cubana, a partir do encontro entre três grupos fundamentais: os povos indígenas, os africanos escravizados e os europeus colonizadores. Em seguida, discutimos o surgimento do sentimento *criollo* e da ideia de pertencimento, articulando, de forma breve, os conceitos de *cubanía* e *cubanidad*. Tais elementos são fundamentais para a compreensão da identidade nacional cubana, marcada por uma forte noção de resiliência.

Neste momento, propomos refletir sobre como a ideia de resiliência e a tradição de luta são construídas, difundidas e incorporadas na memória coletiva e na historiografia ao longo do tempo. Buscamos evidenciar que a narrativa da resistência e da luta pela soberania nacional é frequentemente apresentada como originária ainda no início do processo colonizador, por meio das primeiras insurgências indígenas.² Ressaltamos, ainda, que durante todo o período colonial coexistiram grupos que apoiavam a permanência do domínio espanhol e a manutenção da ordem vigente, assim como setores que já esboçavam ideais independentistas. Com base nisso, introduzimos o que denominamos de a *antessala da independência*, uma série de manifestações iniciais, pontuais e ainda incipientes, que pavimentaram o caminho para as lutas mais estruturadas do século XIX.

Nossa intenção é demonstrar que o movimento pela independência foi segmentado em três fases: *Guerra de los Diez Años* (1868-1878), *Guerra Chiquita* (1879-1880) e a *Guerra de Independencia de Cuba* (1895-1898). Cada uma dessas etapas desempenhou um papel fundamental na luta contra o domínio espanhol, caracterizando-se por distintas estratégias, lideranças e cenários políticos. Embora os conflitos tenham várias fases, este trabalho se limita a enfatizar a primeira delas, a Guerra dos Dez Anos (1868-1878).

Com base na apresentação das guerras de independência e da subsequente libertação do domínio espanhol, evidencia-se que a região passou a ser submetida a um regime de caráter neocolonial, agora sob influência dos Estados Unidos. Nesse contexto, observamos que tanto a democracia quanto a república demonstraram-se instáveis, sendo marcadas por sucessivos golpes políticos e regimes ditatoriais. Esse cenário de instabilidade contribuiu para o surgimento e a organização dos movimentos revolucionários ao longo do século XX.

² Exemplo do líder *taíno* Hatuey, denominado como “primeiro rebelde da América”.

A relevância das guerras de independência e da consequente libertação do domínio espanhol mostrou-se central para os movimentos revolucionários do século XX. Esse processo histórico não apenas forneceu um marco simbólico de resistência, como também inspirou a retomada de figuras emblemáticas, sobretudo aquelas oriundas dos conflitos do século XIX, como Antonio Maceo, José Martí e Mariana Grajales, cujas trajetórias foram ressignificadas e integradas ao imaginário revolucionário. A guerrilha, enquanto tática de luta recorrente durante esses confrontos, foi incorporada como elemento distintivo das revoluções posteriores, reafirmando a continuidade histórica das lutas anticoloniais. Assim, o resgate dessas lideranças e de suas práticas contribuiu para reforçar a ideia de uma luta prolongada contra formas de dominação externas, agora sob a égide do neocolonialismo estadunidense.

A partir do triunfo da revolução em 1959, teve início um processo de construção e legitimação do novo regime político, marcado pela necessidade de consolidar sua autoridade e ampliar sua aceitação social. Nesse contexto, observamos o resgate estratégico de figuras históricas e símbolos nacionais, bem como a valorização de elementos identitários ligados à luta popular. A construção de uma comunidade imaginada e a formulação de uma memória coletiva tornaram-se instrumentos fundamentais para fortalecer o vínculo entre o governo revolucionário e a população, reafirmando a continuidade histórica da resistência e garantindo a coesão em torno do novo projeto político.

Já o segundo capítulo está organizado em três eixos, sendo eles: *Vestígios de Mariana: rastros históricos e construções narrativas*, *Mariana e Antonio Maceo: uma indissociabilidade construída e questionada* e *Maternidade, símbolo, representação da pátria e continuidade*. O principal propósito foi apresentar a trajetória de Mariana Grajales Cuello, contextualizando sua origem, o ambiente em que foi criada, sua formação familiar e os principais marcos de sua vida. A partir dessa reconstrução biográfica, buscaremos evidenciar como as categorias de raça, classe e gênero atravessam e moldam sua experiência, influenciando tanto sua identidade quanto suas possibilidades de atuação social.

Nosso objetivo foi analisar como a construção da memória em torno de Mariana Grajales tem suas origens ainda no século XIX, especialmente a partir das ideias e escritos de José Martí e Antonio Maceo. Essa construção simbólica se intensifica ao longo do século XX, adquirindo maior projeção após o triunfo da Revolução Cubana. Propomos examinar de que modo essa imagem é atravessada por estereótipos de gênero, com ênfase na exaltação de seu papel materno, o que contribui para a consolidação de um ideal feminino alinhado aos valores revolucionários.

Neste segundo capítulo, propomos analisar discursos, canções e produções audiovisuais que contribuem para reforçar e sacralizar a imagem materna de Mariana Grajales. O objetivo é problematizar a ênfase recorrente no seu papel de mãe da pátria, frequentemente exaltado em detrimento de sua atuação política e de sua subjetividade enquanto mulher negra e ativista. Buscamos compreender por que, mesmo na historiografia, prevalece a valorização da maternidade, enquanto aspectos fundamentais como sua negritude e as influências afro cubanas em sua trajetória são, em grande parte, silenciados ou negligenciados.

Por fim, o terceiro capítulo está estruturado em nove sub tópicos que dialogam com a ordem estabelecida no livro *Mariana: Raíz del alma cubana* (2015), apresentando-se da seguinte forma: *Notas de leitura acerca de Mariana: Raíz del alma: panorama dos autores; O capítulo inaugural: La muchacha del Río Guaninicún; Como el aroma de las flores; La voz de La Manigua; Fuego inextinguible: o que vem depois?; La exhumación, Las honras fúnebres, La difamación e A realidade e a construção mítica em Mariana Grajales.*

O terceiro capítulo tem como propósito realizar uma análise crítica, sob a perspectiva das relações de gênero, da obra biográfica *Mariana: raíz del alma cubana*. Buscamos examinar o discurso construído em torno da personagem histórica, evidenciando como, em diversos momentos, sua representação é atravessada por uma lógica vinculada à moralidade cristã. Tal lógica opera de forma sutil no sentido de aproximar a imagem de Mariana das representações marianas, sobretudo por meio dos adjetivos e categorias empregados para descrevê-la, o que revela as disputas simbólicas que permeiam sua construção narrativa.

Nesse contexto, retomamos os debates acerca da memória, com ênfase na biografia enquanto forma de produção e reprodução social, fundamentada nos aportes teóricos de Pierre Bourdieu. Além disso, discutimos o papel do mito e a perpetuação de estereótipos de gênero na consolidação de determinadas imagens e narrativas sobre a personagem analisada.

CAPÍTULO I

O CASO CUBANO: INSURGÊNCIAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE

CAPÍTULO I: O caso cubano: insurgências, memória e identidade

A história de Cuba é semelhante a de outros países latino-americanos, caracterizada pela exploração colonial e imperialista, violenta e cheia de conflitos políticos, sociais e muita resistência. O escritor uruguaio Eduardo Galeano, na emblemática obra *As veias abertas da América Latina*, afirmou que a região latino-americana aprendeu desde cedo a perder, a partir do momento em que os europeus foram para o mar e “fincaram os dentes” na garganta do território (Galeano, 2019, p. 17). Contudo, a história dos países da América Latina não se inicia com a chegada dos homens do velho continente, pois já existiam civilizações pré-coloniais na região.

Para compreender a dimensão do processo revolucionário cubano, é essencial considerar a formação do povo e o desenvolvimento do sentimento nacionalista ao longo dos diferentes períodos da história da ilha. Esse processo de integração tem suas raízes na etapa colonial, momento em que se consolidam as primeiras bases da identidade nacional. A Revolução de 1959 é frequentemente interpretada como uma continuidade das lutas anticoloniais do século XIX, pois compartilha dos mesmos ideais de soberania e autodeterminação. Dessa forma, para analisar as razões que levam a essa interpretação, torna-se fundamental examinar o início da colonização e a construção dos elementos históricos, sociais e culturais que moldaram a identidade cubana tal como a conhecemos hoje.

A análise desenhada neste capítulo integra a memória oficial e a historiografia cubana, ambas vinculadas a centros de estudos associados ao governo. O foco recai sobre a maneira como um conjunto de autores cubanos constroem e narram sua história, especialmente por meio dos livros didáticos utilizados no ensino básico.³ Esses materiais desempenham um papel fundamental na formação da identidade nacional, contribuindo para a construção e consolidação de uma narrativa histórica pautada na ideia de continuidade. É importante salientar que nos baseamos no trabalho *Historia de Cuba: Nivel Medio Superior*, da editora *Editorial Pueblo Y Educación*, publicado pela primeira vez em 2010.

O continente americano⁴ era desconhecido pelos europeus até aproximadamente 1492, quando o navegador Cristóvão Colombo⁵ chegou à região, marcando o início do processo de

³ Susana Callejas Opisso; Oscar Loyola Vega; Horacio Díaz Pendás; Francisca López Civeira e José A. Rodríguez Ben

⁴ O continente americano passou a ser chamado de América no início do século XVI, em homenagem ao navegador e cartógrafo Américo Vespúcio. O nome "América" apareceu pela primeira vez em 1507, em um mapa-múndi elaborado pelo cartógrafo alemão Martin Waldseemüller.

⁵ Cristóvão Colombo (1451-1506) foi um navegador e explorador genovês, financiado pelos Reis Católicos da Espanha, que liderou a expedição que resultou na chegada dos europeus à América em 1492. Acreditando ter encontrado uma rota para as Índias, Colombo realizou quatro viagens ao Novo Mundo, explorando diversas regiões do Caribe, como as Bahamas, Cuba e Hispaniola.

exploração e colonização do chamado Novo Mundo. No caso de Cuba, entretanto, a ocupação e exploração colonial só ocorreram em 1511, quando Diego Velásquez⁶ liderou um grupo de colonizadores espanhóis que desembarcaram em Baracoa.⁷ É relevante salientar que a relativa demora na exploração do território cubano ocorreu porque os colonizadores concentraram seus esforços em outras regiões, atualmente denominadas Haiti, República Dominicana e Porto Rico. Esse direcionamento se deu, sobretudo, ao interesse na extração de metais preciosos, especialmente ouro, recurso que era escasso em Cuba (Le Riverend, 1999, p. 3-4).

Antes do desembarque dos espanhóis, a ilha já era habitada por povos indígenas, os mais conhecidos foram denominados *Táinos*. No entanto, após a chegada dos colonizadores, a realidade dessas comunidades foi profundamente transformada. Os povos nativos foram desalojados de suas terras de cultivo, removidos de suas comunidades e separados de suas famílias. Sob o domínio espanhol, foram submetidos a condições de trabalho forçado, sendo compelidos a desempenhar funções distintas das que tradicionalmente exerciam, especialmente nas atividades de mineração e agricultura. Desta forma, a ocupação dos europeus impôs uma nova realidade às populações indígenas, levando à eclosão de diversas formas de insurgência. O caso mais emblemático foi o de Hatuey, cacique taíno de Guahabá (Hispaniola⁸), reconhecido por sua luta contra a dominação espanhola, documentada⁹ pelo Frade Bartolomé de Las Casas.¹⁰ Além disso, registraram-se outros levantes, como a revolta dos indígenas *Cayos*,¹¹ em 1523, e a insurreição liderada pelo cacique taíno Guamá, que se estendeu entre 1522 e 1533. Durante esse período, Guamá promoveu ataques sistemáticos contra os colonizadores espanhóis, utilizando a região montanhosa da serra de Baracoa como base para sua resistência (Pérez, 1988, p. 94).

De acordo com o historiador estadunidense Richard Gott, a ideia de que os povos originários foram dizimados nos primeiros anos do processo de colonização é uma visão simplista. Na realidade, muitos grupos indígenas sobreviveram em reservas oficiais ou em

⁶ Diego Velázquez Cuéllar (1465-1524) foi um colonizador espanhol e o primeiro governador de Cuba. Em 1511, liderou a invasão do território cubano.

⁷ É uma cidade da província de Guantánamo, situada no extremo leste de Cuba. Foi a primeira capital e é a cidade mais antiga da ilha, fundada por Diego Velázquez em 1511.

⁸ Uma das principais ilhas do arquipélago das Antilhas, localizada no mar das Caraíbas a sudeste de Cuba e a oeste de Porto Rico. Foi palco do desembarque de Cristóvão Colombo em 1492, durante sua primeira viagem. Era habitada por povos originários da etnia taína.

⁹ Las Casas registra a cena da morte de Hatuey no livro *Brevísima relación de la destrucción de las Indias Occidentales* (1552).

¹⁰ Bartolomé de Las Casas (1484-1566) foi um religioso espanhol defensor dos direitos dos nativos do Novo Mundo.

¹¹ A revolta ocorreu na região de Bayamo e ao longo do Rio Zaza. Os insurgentes receberam essa denominação por habitarem áreas próximas à atual província de Camagüey ou por serem oriundos de regiões desabitadas.

assentamentos nas montanhas, os *palenques*,¹² pelo menos até o século XIX, mantendo contato com os novos habitantes, especialmente os negros. Além disso, o vocabulário cubano preserva muitas palavras de origem taína, incluindo o próprio nome do país (Gott, 2006, p. 19). Há várias especulações sobre a origem do nome, mas vamos nos concentrar na palavra taína *cubanacán*, que é traduzida como “lugar amplo” ou “lugar ao centro”. Isso é compreensível, considerando que Cuba está estrategicamente localizada no coração do Caribe e é a maior ilha da região.

Para decifrar a ideia de tradição de luta, é fundamental considerar o processo de desenvolvimento da sociedade cubana, sobretudo a partir da colonização. Assim, a formação da sociedade e, posteriormente a identidade cubana é resultado da convergência de três grupos fundamentais: os indígenas, os brancos e os negros. O que a professora Maria do Carmo Luiz Caldas Leite denominou como uma “sociedade formada por retalhos”, forjada por meio de disputas. Influenciada pelas ideias de Fernando Ortiz,¹³ Leite também defende que a história de Cuba é marcada por complexos processos de transculturação, nos quais a identidade cubana se constitui como um resultado contínuo e inacabado da interação, síntese e dissociação dos elementos culturais trazidos pelos diversos grupos que chegaram à ilha ao longo do tempo (Ortiz, 2002b, p. 254 apud Leite, 2023, p. 28). Já mencionamos anteriormente os povos originários. Como, então, os outros dois grupos podem ser definidos?

A maioria dos espanhóis que participaram do processo de colonização era proveniente do sul da Península Ibérica, especialmente das regiões de Castela e Leão, das montanhas da Estremadura e da Andaluzia. Essas áreas apresentavam grande diversidade econômica, cultural e tradicional. Destacavam-se, entre os colonizadores, os chamados *hidalgos*, membros de uma nobreza empobrecida que, por não possuírem bens e sendo, em muitos casos, filhos secundogênitos sem direito à herança, buscavam nas expedições uma oportunidade de enriquecimento que lhes era inacessível na Espanha. Além deles, também migraram habitantes urbanos pertencentes às classes médias, incluindo comerciantes, camponeses e artesãos atraídos pela promessa de riqueza fácil nas colônias. Esses grupos foram predominantes no povoamento da ilha durante o século XVI. Embora houvesse a presença de alguns nobres, a alta nobreza, beneficiada pelo poder monárquico, não possuía a

¹² Os *palenques* eram agrupamentos estabelecidos por pessoas escravizadas que escapavam das plantações e dos centros urbanos como forma de resistência à dominação colonial. Essas comunidades, frequentemente situadas em regiões de difícil acesso, como florestas e montanhas, funcionavam tanto como refúgio quanto como locais de organização para os fugitivos, denominados *cimarrones*.

¹³ Com uma carreira dedicada ao estudo da cultura e identidade cubanas, Fernando Ortiz Fernández (1881 - 1969) é considerado um dos principais antropólogos cubanos, destacando-se por suas contribuições sobre a cultura afro-cubana.

necessidade ou o interesse de se estabelecer definitivamente em terras estrangeiras, deslocando-se para as colônias, em geral, apenas temporariamente, a fim de exercer funções administrativas.

A diversidade de grupos que compunham a hoste colonizadora acompanhou Diego Velázquez na organização político-administrativa da colônia, iniciada com a fundação das primeiras cidades entre 1511 e 1515: *Nuestra Señora de la Asunción de Baracoa*, *San Salvador de Bayamo*, *La Santísima Trinidad*, *San Cristóbal de La Habana*, *Sancti Spiritus*, *Santa María del Puerto del Príncipe* e *Santiago de Cuba*. Os colonizadores, ao se estabelecerem nessas localidades, receberam o status de vizinhos, o que lhes garantiu acesso às primeiras “distribuições indígenas” e à concessão de terras para seu uso e usufruto, embora sem direito à propriedade definitiva. Além disso, puderam participar da administração colonial por meio da eleição para os *cabildos*, órgãos de governo municipal responsáveis por decisões políticas e administrativas locais.

Há registros de que, por volta de 1515, começaram a ser introduzidos na ilha os primeiros escravizados africanos, como força de trabalho complementar à indígena, para trabalhar em minas de ouro e cobre, mais tarde nas plantações de tabaco. Esse grupo social era o mais marginalizado e, na primeira metade do século XVI, representava uma minoria absoluta. No entanto, sua presença cresceu gradativamente à medida que a população indígena diminuía. A maioria dos escravizados eram provenientes da África Ocidental Subsaariana e eram caracterizados pela heterogeneidade, pois formavam um conjunto de costumes, tradições, etnias, línguas e religiões distintas. Esse grupo multicultural apresentou um desenvolvimento econômico e social mais avançado em comparação aos povos indígenas nativos, o que lhes proporcionou melhores condições de sobrevivência diante do regime de exploração a que foram submetidos. Nos períodos iniciais, a escravidão não possuía a intensidade que viria a caracterizá-la no final do século XVIII.

Durante os séculos XVIII e XIX, a maior parte da população escravizada estava confinada às grandes plantações de açúcar, enquanto uma parcela menor era mantida como escravos domésticos. Paralelamente, existia um grupo substancial de negros que não estava submetido à escravidão, conhecidos como “negros livres” ou “homens de cor livres”, que atuavam em diversas ocupações, como operários, artesãos e comerciantes (Gott, 2006, p. 18).

Em Cuba, a presença indígena, africana e espanhola possibilitou o processo de integração sociocultural, a transculturação, que se iniciou na primeira etapa da colonização da

ilha caribenha. O elemento central dessa sociedade colonial emergente foi o *criollo*,¹⁴ produto da fusão, seleção e criação de elementos humanos e culturais que se encontram na ilha. É essencial mencionar que a formação do *criollo* é resultado de uma fusão sociocultural que se fundamenta em processo de integração étnica e multi-étnica, com forte tendência à miscigenação, a partir das relações de africanos, europeus e nativos (Loyola; Torres-Cuevas, 2001).

Como destaca Leite, a formação das primeiras comunidades *criollas* no século XVII marca o início dos sentimentos pátrios, que se intensificam até o início das lutas pela independência. O processo de conscientização da própria identidade coletiva, ou do “nós”, por parte das classes e dos setores criollos, representa um elemento dinâmico e intencional na construção da nacionalidade cubana (Leite, 2023, p. 25). É razoável supor que fatores como a relação com o lugar de origem e a identificação com o ambiente familiar são pontos de partida essenciais para a compreensão da noção de pátria e a diferenciação dos interesses e sentimentos espanhóis.

Em Fernando Ortíz, *cubanidad* e *cubanía* são conceitos que refletem a formação histórica, social e cultural de Cuba, marcada pela interação de diferentes culturas. Os conceitos são fundamentais para compreender a identidade nacional cubana. A *cubanía* refere-se à essência da nação cubana, àquilo que caracteriza o espírito coletivo do povo e suas manifestações culturais, históricas e sociais. Trata-se de um conceito dinâmico, construído ao longo do tempo por meio da interação entre diferentes grupos étnicos e culturais que compõem a sociedade cubana. Logo, *cubanía* não é um traço fixo ou imutável, mas sim um processo contínuo de formação e transformação da identidade nacional, marcado pela fusão de elementos indígenas, africanos, espanhóis etc.

Por outro lado, a *cubanidad* corresponde à expressão individual da identidade cubana, ou seja, à forma como cada sujeito vivencia e manifesta sua cubanidade. Esse conceito está relacionado à subjetividade e à experiência pessoal, refletindo as diversas formas de pertencimento à nação. A *cubanidad* pode ser expressada por meio da linguagem, das tradições, da música, da religiosidade e dos valores culturais que definem o povo cubano. Dessa forma, enquanto a *cubanía* representa um conjunto de características coletivas e estruturais da identidade nacional, a *cubanidad* diz respeito à experiência individual e à maneira particular de ser cubano dentro desse universo identitário.

¹⁴ Em espanhol, o termo *criollo* designa alguém nascido na América, cujos pais são originários da Europa (Leite, 2023, p. 25)

Cabe ressaltar que as relações de poder estabelecidas entre colonizadores e colonizados desempenharam um papel fundamental na construção da identidade do povo cubano, evidenciando a existência de duas concepções de pátria: uma associada aos *criollos* brancos e outra aos *criollos* negros. Cada um desses grupos desenvolveu seu sentimento de patriotismo com base na identidade étnica a que pertenciam. O enfrentamento dos *criollos* brancos contra as autoridades coloniais contribuiu para a consolidação de um patriotismo branco, enquanto as revoltas e insurreições lideradas pelos negros e pelos chamados “mulatos livres”¹⁵ contra o regime escravista criaram as condições para o surgimento de um patriotismo negro. Dessa forma, entre os *criollos*, o sentimento de pertencimento étnico prevaleceu sobre a construção de uma identidade nacional unificada. Assim, as relações desiguais eram traços importantes para o contexto de dominação e discriminação racial (Leite, 2023, p.26).

1.1 A antessala da independência

Desde o período de conquista da América, a Coroa espanhola buscou centralizar o controle sobre suas colônias, impondo um rígido monopólio comercial e uma complexa estrutura político-administrativa. Cuba, apesar de não possuir abundância de ouro ou prata, era estratégica para a metrópole, contribuindo com impostos e servindo como ponto crucial no comércio colonial. Havana, em especial, tornou-se o principal porto de chegada e saída da frota espanhola, fortalecendo sua posição dentro do império.

O sistema de frotas, instituído em 1561, tinha como principal objetivo proteger os carregamentos de mercadorias coloniais contra os frequentes ataques de piratas e corsários. Para assegurar a segurança das embarcações que partiam de Havana transportando riquezas para a Espanha, foram erguidas fortificações estratégicas na cidade. A presença prolongada dessas frotas no porto estimulou significativamente a economia local, favorecendo o crescimento do comércio e a oferta de serviços voltados aos viajantes. Entretanto, as demais regiões da ilha não desfrutavam das mesmas vantagens e, diante das restrições impostas pelo monopólio comercial, foram levadas a recorrer ao contrabando como meio de suprir suas necessidades.

Cuba tornou-se um dos principais centros de contrabando no Caribe, impulsionado pelas restrições impostas pelo monopólio comercial espanhol, que dificultava o comércio interno e elevava os preços dos produtos. Em 1603, na cidade de Bayamo, os habitantes se

¹⁵ Mulatos livres é o mesmo que pardos livres. Pessoas de descendência africana, que não eram escravizadas. Os pardos livres não possuíam os mesmos direitos e privilégios dos brancos, mas não estavam sujeitos à condição de escravidão.

insurgiram contra as autoridades coloniais enviadas para reprimir as atividades comerciais ilegais. Esse episódio representou o primeiro registro documentado da diferenciação entre os espanhóis nascidos na ilha, denominados “naturais”, e os imigrantes europeus recém-chegados. A chamada “gente da terra” passou a defender seus interesses econômicos e a resistir às tentativas da Coroa Espanhola de impor um controle mais rigoroso sobre suas práticas comerciais.

Posteriormente, ocorreram mais três revoltas nos anos de 1717, 1720 e 1723, motivadas pela insatisfação com a metrópole referente ao campo econômico, sobretudo no comércio do tabaco. Além disso, houve a formação de milícias *criollas* diante da invasão inglesa em 1762. Os seguintes fatores demonstram também a diferenciação dos interesses criollos e os da coroa espanhola, consolidando assim o sentimento de comunidade desse grupo de nascidos na terra. Assim, a sociedade *criolla* é estabelecida em três séculos: XVI, período de surgimento; XVII, fase de organização e XVIII, marcado pela consolidação.

É a partir do século XVIII que o pensamento reformista *criollo* em Cuba se desenvolveu como uma reação às políticas centralizadoras impostas pela coroa espanhola e às Reformas Bourbonicas,¹⁶ que limitavam a autonomia econômica e política da elite local. Os *criollos* passaram a reivindicar maior participação na administração colonial e a defender a liberalização do comércio, buscando impulsionar a economia cubana, especialmente a produção açucareira. Influenciados pelo Iluminismo e pelas correntes reformistas europeias, propunham mudanças dentro da estrutura colonial sem, contudo, romper definitivamente com a metrópole. Entretanto, embora pleiteassem transformações econômicas e políticas, não contestavam a escravidão, que constituía a base da economia da ilha. Esse pensamento reformista contribuiu para o fortalecimento da identidade local e serviu de precursor para os movimentos independentistas do século XIX, os quais passaram a reivindicar não apenas autonomia, mas também a separação definitiva da Espanha.

Segundo Maria Ligia Prado, os sujeitos que, em desacordo com a ordem colonial, conduziram os processos de independência política se encontravam profundamente permeados pelos princípios do liberalismo burguês, apropriados a partir de suas experiências intelectuais na Europa ou por meio da circulação clandestina de obras de pensadores “franceses” no continente. As ideias de liberdade, igualdade jurídica, legitimidade da propriedade privada, da educação como instrumento de superação dos grandes males sociais,

¹⁶ As Reformas Bourbonicas foram um conjunto de mudanças administrativas, econômicas e militares implementadas pela monarquia espanhola no século XVIII, sob o governo da dinastia Bourbon. Essas reformas tinham como objetivo modernizar e centralizar o controle sobre as colônias americanas, aumentando a eficiência da administração e a arrecadação fiscal para fortalecer o império espanhol.

da necessidade do império da lei, do progresso e da busca pela felicidade geral do povo estavam amplamente presentes nos projetos políticos formulados por esses líderes liberais. Entre 1810 e 1820, os objetivos centrais desses grupos eram convergentes, tendo como inimigo comum a Espanha. Nesse contexto, todos os esforços se concentravam na ruptura com o domínio espanhol, sendo a noção de liberdade o fio condutor que permeava os discursos e mobilizava as ações (Prado, 1994, p.13-14).

Prado aponta que a ruptura com o domínio político ibérico foi fruto de um longo percurso, atravessado por enfrentamentos e tensões constantes (Prado, 1994, p.6). Assim, se retomarmos o debate, a insatisfação dos criollos na América espanhola decorreu, sobretudo, das restrições impostas pela coroa aos nascidos no continente. Isso porque, apesar de serem descendentes de espanhóis, os criollos eram excluídos dos cargos administrativos mais altos, reservados exclusivamente aos indivíduos oriundos da metrópole. Essa marginalização política se somava às limitações econômicas, como os monopólios comerciais, os altos impostos e o controle rígido sobre as atividades produtivas e comerciais das colônias. Além disso, as reformas borbônicas do século XVIII aprofundaram esse descontentamento ao centralizar ainda mais o poder nas mãos da metrópole e reduzir a autonomia local. Esse cenário gerou um sentimento crescente de insatisfação, que se articulou às influências das ideias iluministas e aos impactos das revoluções atlânticas, estimulando as lutas por autonomia que culminaram nos processos de independência (Prado, 2004, p. 27-28).

Contrastando com a perspectiva defendida por Prado, que concentra sua análise na experiência das elites intelectualizadas, em *Ideias de liberdade penetram profundamente: comunicação e revolução, 1789-1793* (2025), Julius S. Scott argumenta que, no contexto das revoluções atlânticas, especialmente entre 1789 e 1793, os ideais de liberdade, igualdade e emancipação circularam intensamente pelos territórios coloniais, atravessando fronteiras e impactando as populações subalternizadas, em especial os africanos escravizados e libertos. Scott indica que a circulação de ideias foi tão relevante quanto a de pessoas e mercadorias, dinamizada por espaços como portos, navios, tavernas e mercados, que atuaram como verdadeiros centros de difusão de informações. Através da expressão “vento comum na América”, Scott sinaliza que as lutas por liberdade, resistência e ruptura com a ordem colonial não foram processos isolados, mas interconectados no âmbito atlântico, mobilizando não apenas elites, mas sobretudo sujeitos subalternos que desempenharam papel ativo na construção de redes, na disseminação de ideais emancipatórios e na transformação dos sistemas coloniais (Scott, 2025). Em diálogo com a interpretação apresentada por Scott,

enfatizamos a atuação de grupos subalternizados nas lutas por independência, especificamente as mulheres negras, como vamos demonstrar posteriormente.

O independentismo cubano no início do século XIX foi influenciado pelas ideias iluministas, pela Revolução Francesa e pelos processos de independência na América Latina. Nesse período, setores da elite *criolla* começaram a questionar o domínio espanhol, reivindicando maior autonomia política e comercial. Apesar disso, a elite açucareira, dependente da escravidão e do mercado espanhol, hesitava em romper com a metrópole. Líderes como Félix Varela¹⁷ e José Antonio Saco¹⁸ defenderam mudanças políticas e o fim da escravidão, mas divergiam sobre os caminhos para a separação. A forte repressão e o temor de revoltas escravas retardaram a luta pela independência, que só se consolidou na segunda metade do século XIX.

A primeira iniciativa voltada à independência de Cuba foi organizada em 1809 por Román de la Luz, Luis Francisco Bassave e Joaquín Infante, todos oriundos de famílias abastadas de Havana e Bayamo. Nesse contexto, destacou-se a atuação de Bassave, capitão das milícias de cavalaria, cuja influência popular permitiu a mobilização de adeptos. Sua estratégia consistiu na tentativa de incitar à revolta as milícias compostas por negros e pardos, bem como os trabalhadores negros e mulatos livres de determinados bairros da capital. A conspiração foi descoberta em 1810 por meio de uma denúncia contra Bassave. Infante conseguiu escapar, enquanto os demais conspiradores foram processados e condenados à prisão.

Na década de 1820, a luta pela independência em Cuba foi impulsionada pelas ideias revolucionárias de Félix Varela e pelo contexto da emancipação latino-americana, que levou à derrocada do Império Espanhol. O prestígio de Simón Bolívar¹⁹ e de outros líderes independentistas alimentou o sentimento anti-espanhol na ilha. Além disso, México e Colômbia demonstravam interesse em auxiliar a libertação cubana, temendo que a Espanha utilizasse a ilha como base para retomar o controle sobre as nações recém-independentes.

¹⁷ Félix Varela (1788-1853) foi um padre e escritor cubano, considerado um dos precursores do pensamento independentista em Cuba. Defendeu ideias progressistas como a autonomia da ilha, a abolição da escravidão e a educação como instrumento de transformação social.

¹⁸ José Antonio Saco (1797-1879) foi um político cubano, conhecido por suas reflexões sobre a identidade cubana e pelo seu papel no debate sobre a escravidão e a independência da ilha. Destacou-se na crítica ao colonialismo espanhol e na defesa da abolição do tráfico negreiro, embora fosse contrário a uma revolução imediata. Exilado diversas vezes devido às suas ideias reformistas, viveu em países como Estados Unidos e França.

¹⁹ Simón Bolívar (1783-1830) foi um líder militar e político venezuelano, fundamental para a independência de diversas nações sul-americanas do domínio espanhol. Influenciado pelo Iluminismo e pelas revoluções americana e francesa, dedicou-se à libertação da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, tornando-se uma das figuras mais emblemáticas da luta anticolonial na América Latina.

Bolívar, defensor da unidade latino-americana, pretendia consolidar o fim da dominação espanhola no continente e conter a ameaça expansionista dos Estados Unidos.

Nesse contexto, as lojas maçônicas tiveram um papel fundamental nas conspirações, oferecendo um espaço seguro para a difusão de ideias políticas proibidas. A conspiração dos Soles y Rayos de Bolívar foi um dos principais exemplos, contando com a liderança de José Francisco Lemus, um jovem abastado de Havana. Seu objetivo era conquistar a independência da ilha e estabelecer a República Independente de Cubanacán. Essas iniciativas demonstraram a crescente organização do movimento independentista cubano, que, apesar das dificuldades, buscava romper definitivamente com a dominação espanhola.

As tentativas revolucionárias em Cuba continuaram na década de 1820, destacando-se a liderança de Francisco (Frasquito) Agüero Velasco e Andrés Manuel Sánchez, jovens camagüeyanos com ideais independentistas. Frasquito Agüero estava ligado à Liga da Cadeia, uma loja associada à conspiração de Lemus, de 1823. Esses movimentos refletem o desejo crescente de autonomia na ilha, inspirados pelas lutas independentistas da América Latina. Entretanto, as condições políticas e econômicas da época impuseram desafios significativos à concretização desses projetos, resultando na repressão e dissolução de diversas conspirações.

A última grande conspiração da década foi a *Gran Legión del Águila Negra*, uma sociedade secreta formada por cubanos exilados no México. Essa organização dependia da ajuda mexicana para consolidar uma força revolucionária em Cuba. Entre 1827 e 1828, suas atividades se expandiram para regiões próximas a Havana e Remedios, mas o movimento operava sob rígido sigilo para evitar denúncias. No entanto, a prisão de um de seus membros em 1829 levou à captura de diversos conspiradores, desmantelando a organização. Apesar de seus esforços, os líderes da conspiração permaneceram desconhecidos, e a real magnitude do movimento jamais foi completamente revelada.

Esses levantes reforçaram o processo de formação nacional em Cuba, pois buscavam a independência da ilha com base na integração cultural e social de seus diversos grupos étnicos. No entanto, os interesses da elite escravocrata e a postura contrária dos Estados Unidos à independência cubana foram fatores determinantes para o fracasso dessas tentativas. Os grandes produtores, temendo as consequências de uma revolução semelhante à Revolução Haitiana, aliaram-se ao poder colonial espanhol para impedir qualquer insurgência. Além disso, o abolicionismo preocupava a oligarquia cubana, que não estava disposta a arriscar seus privilégios econômicos. Dessa forma, a luta pela independência foi sistematicamente reprimida no início do século XIX.

Nesse ínterim, a principal motivação que levou a oligarquia escravista a considerar a anexação de Cuba aos Estados Unidos foi a manutenção da escravidão, a proteção de suas propriedades e a busca por uma alternativa política que garantisse seus interesses econômicos. Os Estados Unidos surgiam como a metrópole ideal, pois mantinham a escravidão nos estados do sul, possuíam capacidade para reprimir revoltas de escravizados, enfrentavam as pressões abolicionistas da Inglaterra, representavam o principal mercado para o açúcar cubano e demonstravam grande interesse em anexar a ilha.

No século XIX, diferentes grupos anexionistas surgiram em Cuba, formados por setores da elite colonial que defendiam a incorporação da ilha aos Estados Unidos como meio de garantir a continuidade da escravidão e a proteção de seus interesses econômicos. Em Havana, essa motivação se destacava entre os grandes proprietários de escravizados, que, em 1847, fundaram o Club de La Habana, uma associação secreta voltada à concretização da anexação. Entre seus membros, figuravam Miguel Aldama, José Luis Alfonso e Cristóbal Madan, influentes donos de engenhos. Os anexionistas rejeitavam a ideia de uma identidade nacional cubana e argumentavam que a absorção política e cultural pela União Americana seria a melhor alternativa para a ilha. Além disso, os Estados Unidos também se opunham à independência cubana, pois almejavam incorporar o território antes que ele alcançasse soberania, consolidando seu controle sobre a produção açucareira e reforçando sua influência no Caribe.

Dessa forma, reafirmamos a importância dos eventos anteriormente abordados para a compreensão dos motivos que sustentam a defesa de que os processos de independência do século XIX e a Revolução de 1959 representam a continuidade das lutas pela soberania nacional, iniciadas com a chegada dos espanhóis à ilha caribenha. A ideia de que as formas de resistência e o sentimento de distinção entre os cubanos e a metrópole foram perpetuados por mais de um século constitui a base do pensamento historiográfico cubano. Além disso, a narrativa histórica ensinada nas escolas segue a lógica de uma luta contínua por autonomia e libertação. Nesse sentido, argumenta-se que o processo de independência é uma extensão das lutas iniciadas por Hatuey e por tantos outros que resistiram ao domínio colonial. Reiteramos, portanto, que os fatos analisados integram uma memória oficial e estão inseridos na historiografia, refletindo a construção de uma narrativa histórica que influencia a compreensão do passado e a identidade nacional.

1.2 O processo de Independência

A independência de Cuba é historicamente segmentada em três fases principais: a *Guerra de los Diez Años* (1868-1878), *Guerra Chiquita* (1879-1880) e a *Guerra de Independencia de Cuba* (1895-1898). Cada uma dessas etapas desempenhou um papel fundamental na luta contra o domínio espanhol, caracterizando-se por distintas estratégias, lideranças e cenários políticos. Embora os conflitos tenham várias fases, este trabalho se limita a enfatizar a primeira delas, a Guerra dos Dez Anos (1868-1878).

Nos anos sessenta do século XIX, Cuba e Porto Rico eram os únicos territórios que ainda estavam sob domínio espanhol. É importante reforçar que a Espanha aplicou em suas colônias um sistema de exploração obsoleto, que limitava seu possível desenvolvimento, com o objetivo de extrair delas os recursos, em dinheiro e bens materiais, necessários para sua própria manutenção. Impostos excessivos, a opressão política, a falta de liberdade, a existência de um rígido sistema escravista de produção e a quase total ausência de serviços de saúde e educação marcaram a vida do povo cubano. Logo, a criação, por parte da metrópole, de um novo imposto no contexto da Junta de Informação realizada em Madri entre 1866 e 1867, cuja cobrança teria início em 1867, foi um fator importante para desencadear, na região oriental, os anseios independentistas até então reprimidos.

Francisco Vicente Aguilera²⁰ e Pedro Figueredo²¹, foram protagonistas na organização de um movimento conspiratório que rapidamente estabeleceu conexões com outros grupos independentistas em Cuba, destacando-se Vicente García, em Las Tunas, Donato Mármol, em Jiguaní, e Carlos Manuel de Céspedes²², em Manzanillo. Em Puerto Príncipe, Salvador Cisneros Betancourt também articulava um levante, enquanto, em Las Villas e no Ocidente, os esforços revolucionários permaneciam em estágios iniciais. Esses líderes representavam a ala mais radical dos proprietários de terras do centro e do oriente da ilha, contando com o respaldo do campesinato livre e de intelectuais comprometidos com a causa revolucionária, além da posterior adesão da pequena burguesia urbana e de escravizados libertos. A fragmentação regional do movimento dificultou a consolidação da unidade revolucionária,

²⁰ Francisco Vicente Aguilera (1821-1877) foi um político cubano, destacado por seu papel na luta pela independência de Cuba. Natural de Bayamo, era um dos maiores proprietários de terras da região. Foi um dos principais líderes do movimento que deu início à Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e ocupou cargos de liderança na insurreição. Exilado nos Estados Unidos, tentou obter apoio externo para a causa cubana, mas faleceu em Nova York antes de ver a independência de Cuba concretizada.

²¹ Pedro *Perucho* Figueredo Cisneros (1818-1870) foi um advogado e independentista cubano. Natural de Bayamo, se alinhou aos movimentos independentistas e foi um dos principais líderes do início da Guerra dos Dez Anos. Autor da letra e da melodia de *La Bayamesa*, marcha guerreira.

²² Carlos Manuel de Céspedes (1819-1874) foi um dos principais líderes da luta pela independência de Cuba, sendo reconhecido como o Pai da Pátria Cubana. Ele libertou os escravos de sua *plantation* e os convocou a lutar pela independência. Capturado pelas forças espanholas, foi executado por fuzilamento em 1874.

levando à realização de reuniões entre os conspiradores em 1868. No entanto, não houve consenso quanto à data do levante. A liderança de Carlos Manuel de Céspedes, respaldada pelo apoio dos *tuneros*,²³ foi determinante para a deflagração do processo revolucionário. Em 10 de outubro de 1868, Céspedes proclamou a independência de Cuba, marcando o início da Guerra dos Dez Anos.

De acordo com Aviva Chomsky, alguns historiadores cubanos argumentam que a Revolução começou em 1511, quando Hatuey liderou a resistência armada contra os colonizadores, sendo considerado “o primeiro rebelde das Américas”. Chomsky destaca que a historiografia e os revolucionários cubanos do século XX atribuem grande relevância à longa tradição de luta anticolonial. Já para a autora, a Guerra pela Independência de Cuba teve início em 1868, quando o proprietário de terras Carlos Manuel de Céspedes concedeu liberdade aos escravizados sob seu domínio, conclamando-os a se unirem à luta pela emancipação cubana, evento que ficou conhecido como o *Grito de Yara*.²⁴ Nesse contexto, Céspedes recebeu o apoio de importantes figuras que, mais tarde, se tornaram símbolos da história cubana, como Antonio Maceo,²⁵ conhecido como o Titã de Bronze, sua mãe Mariana Grajales e José Martí²⁶ (Chomsky, 2015, p.21- 25). Este último desempenhou um papel fundamental ao fundar o *Partido Revolucionário Cubano*, organização criada com o objetivo de combater o domínio colonial imposto pela Espanha.

A insurreição liderada por Céspedes em seu engenho Demajagua marcou, na história nacional, o início do uso da luta armada como meio para alcançar a independência. Ao amanhecer daquele dia, cercado por proprietários de terras e escravizados, incluindo os seus, que havia libertado, Céspedes apresentou um documento que ficou conhecido como Manifesto de 10 de Outubro. O trecho a seguir exemplifica seu teor.

consagramos estes dois veneráveis princípios: acreditamos que todos os homens são iguais, valorizamos a tolerância, a ordem e a justiça em todos os aspectos; respeitamos as vidas e propriedades de todos os cidadãos pacíficos, inclusive dos próprios espanhóis residentes neste território; admiramos o sufrágio universal, que

²³ Moradores da região de Las Tunas.

²⁴ De acordo com Richard Gott, a palavra grito faz alusão ao brado que tradicionalmente lançaram os primeiros movimentos latino-americanos pela independência, meio século antes. E Yara era o nome de uma cidade do interior da ilha caribenha (Gott, Richard. Cuba: Uma nova história. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p.89)

²⁵ José Antonio de la Caridad Maceo y Grajales (1845- 1896) foi um líder e estrategista nas guerras de independência de Cuba, no século XIX. Caiu em combate em 1896. Foi o primeiro filho do segundo casamento de Mariana Grajales Cuello.

²⁶ José Martí (1853-1895), filho de pais espanhóis, iniciou sua participação política escrevendo em jornais separatistas. Morreu em combate no vilarejo de “Dos Ríos”, província do Oriente, Cuba. Sua obra mais famosa é *Nuestra America*, onde defende a unidade da América Espanhola e a luta contra o imperialismo. Disponível em https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9_Mart%C3%AD. Acesso em: 10 fev. 2024.

assegura a soberania do povo; desejamos a emancipação gradual da escravidão, mediante compensação [...] (Céspedes, 1868. Tradução nossa).²⁷

Ao proclamar a independência de Cuba, Carlos Manuel de Céspedes assumiu o título de capitão-geral, equivalente a um governador, e estabeleceu a cidade de Bayamo como capital provisória da ilha. A principal demanda do movimento era a ruptura com o domínio colonial espanhol. No século XIX, havia um temor de que Cuba seguisse os mesmos passos da Revolução Haitiana (1791-1804) e experimentasse uma insurreição de pessoas escravizadas, culminando na abolição da escravidão e no colapso da elite colonial. Esse receio era particularmente presente entre os grandes latifundiários, os colonos espanhóis e da coroa espanhola, que enxergavam Saint-Domingue²⁸ como um exemplo de transformação social abrupta e violenta, capaz de ameaçar a ordem vigente na ilha. Deu-se início à repressão de qualquer levante que representasse uma ameaça à autoridade colonial em Cuba. O temor de um governo predominantemente negro, caso a ilha alcançasse a independência, alarmava a elite branca, proprietária das indústrias açucareiras. Diante desse cenário, a classe dominante preferiu apoiar a continuidade do domínio espanhol, enquanto apenas determinados setores intelectuais e, em alguns casos, exilados defendiam a independência cubana, ainda que considerassem a possibilidade de uma futura anexação aos Estados Unidos (Gott, 2006, p.89).

Cuba, por ser uma colônia economicamente próspera e produtiva, enfrentou forte resistência da Espanha em seus movimentos de independência. Segundo Richard Gott, a primeira fase do conflito independentista teve duração de dez anos, porém, de maneira geral, os confrontos prolongaram-se por três décadas, sendo encerrados apenas em 1898, com a intervenção dos Estados Unidos, que resultou na retirada das forças espanholas do território cubano. Para Gott, o *Grito de Yara*, proclamado por Carlos Manuel de Céspedes, ocorreu em um momento politicamente oportuno, marcado por intensas transformações. Em 1868, a Espanha foi palco da Revolução *La Gloriosa*, que levou à deposição e ao exílio da rainha Isabel II. Esses eventos contribuíram para o enfraquecimento da relação entre a metrópole e sua colônia, agravando o descontentamento cubano, especialmente diante da elevada carga

²⁷ “Nosotros consagramos estos dos venerables principios: nosotros creemos que todos los hombres somos iguales, amamos la tolerancia, el orden y la justicia en todas las materias; respetamos las vidas y propiedades de todos los ciudadanos pacíficos, aunque sean los mismos españoles, residentes en este territorio; admiramos el sufragio universal que asegura la soberanía del pueblo; deseamos la emancipación, gradual y bajo indemnización, de la esclavitud”. Disponível em https://www.cubamilitar.org/wiki/Manifiesto_de_la_Junta_Revolucionaria_de_la_Isla_de_Cuba. Acesso em: 10 fev. 2025.

²⁸ No período colonial, a ilha estava dividida em duas partes: Saint-Domingue, no lado ocidental, sob domínio francês, correspondente ao atual Haiti; e Santo Domingo, no lado oriental, pertencente à Espanha, que hoje forma a República Dominicana.

tributária imposta pela administração colonial, o que acabou servindo como estopim para a rebelião (Gott, 2006, p. 90-91).

É fundamental destacar que, nesse período, as divergências internas enfraqueceram consideravelmente os movimentos independentistas. As principais questões em debate envolviam a manutenção da escravidão e a possível anexação de Cuba aos Estados Unidos. Embora a luta pela independência fosse a principal motivação da insurreição, a ideia de integrar a ilha ao território estadunidense era bem aceita por diferentes setores da sociedade cubana, levando muitos exilados a buscar refúgio no país vizinho. O governo dos Estados Unidos acompanhava de perto os desdobramentos na ilha, e um setor dentro da administração estadunidense defendia a compra do território cubano, o que gerava ainda mais divisões entre os envolvidos no conflito (Gott, 2006, p. 98-99).

O *Pacto del Zanjón*, firmado em 10 de fevereiro de 1878, após uma década de intensos confrontos, foi um tratado de capitulação celebrado por parte dos líderes políticos e militares cubanos, que pôs fim à Guerra dos Dez Anos (1868-1878) sem atender às principais reivindicações do conflito: a independência de Cuba e a abolição da escravidão. Dessa forma, o acordo representou uma rendição por parte dos insurgentes. Embora tenha sido aceito pela maioria dos combatentes cubanos, alguns líderes e oficiais se recusaram a aderir, destacando-se Antonio Maceo, que, por meio de sua célebre *Protesta de Baraguá*,²⁹ transformou a capitulação em uma trégua estratégica, reafirmando a luta pela soberania da ilha.

Posteriormente, sob a liderança de José Martí, exilados cubanos mobilizaram-se para uma nova etapa da guerra pela independência, que se estendeu de 1895 a 1898. Esse período culminou no que Richard Gott denomina de “desastre”, referindo-se à intervenção militar dos Estados Unidos. Como resultado, Cuba emergiu desse processo profundamente abalada, tanto política quanto economicamente. Diante desse cenário, Gott sugere que a luta pela emancipação cubana não se restringiu ao século XIX, mas se prolongou por aproximadamente noventa anos, sendo concluída apenas com o triunfo da Revolução de 1959 (Gott, 2006, p. 100-109).

Conforme exposto por Renato César Saiani, a Guerra de Independência de Cuba teve um impacto significativo no cenário internacional do século XIX, promovendo

²⁹ A *Protesta de Baraguá*, ocorrida em 15 de março de 1878, foi um ato de rejeição ao *Pacto del Zanjón*, tratado que encerrou a Guerra dos Dez Anos (1868-1878). Liderada pelo general Antonio Maceo e seus comandantes, a recusa foi declarada em Mangos de Baraguá, no território oriental de Cuba, simbolizando a continuidade da luta pela independência.

transformações nas relações entre diversas nações. O autor ressalta que o desfecho do processo independentista marcou o início de uma nova fase na política externa, especialmente no que diz respeito à atuação dos Estados Unidos em relação à ilha. Essa mudança refletiu uma reconfiguração dos interesses estadunidenses no Caribe, evidenciando uma crescente influência sobre Cuba e inaugurando uma nova dinâmica nas relações diplomáticas da região (Saiani, 2011, p. 1).

A política adotada pelos Estados Unidos em relação a Cuba caracterizava-se por um viés dualista, pois, ao mesmo tempo em que manifestava apoio à população cubana, também revelava inclinações colonialistas e interesses na exploração dos recursos da ilha. Motivados por objetivos políticos e econômicos, os estadunidenses intervieram nas disputas entre a metrópole e a colônia, ou seja, entre a Espanha e Cuba. Em abril de 1898, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma resolução que declarava o direito de Cuba à liberdade e à independência. No entanto, essa medida apresentava contradições, uma vez que continha disposições que evidenciaram o interesse imperialista norte-americano na região (Le Riverend, 1999, p. 70-72). Nesse contexto, a professora Maria Lígia Prado observa que Cuba transitou diretamente do domínio metropolitano espanhol para uma forma de dominação externa, sem a intermediação de processos autônomos ou subterfúgios institucionais, evidenciando a continuidade da dependência em novas bases (Prado, 1994, p. 62).

Em 10 de dezembro de 1898, foi firmado o *Tratado de Paris*, cujo principal objetivo era encerrar oficialmente a guerra. No entanto, os representantes do povo cubano não participaram das negociações, evidenciando a exclusão da ilha dos debates sobre seu próprio futuro. Dessa forma, os Estados Unidos adotaram uma postura imperialista em relação a Cuba, ao não reconhecerem sua autonomia e ao tratarem o território como uma nação conquistada. Como consequência, para formalizar a transferência de poder, os colonizadores espanhóis delegam a administração da ilha a um general estadunidense, consolidando, assim, a influência dos Estados Unidos sobre Cuba (Le Riverend, 1999, p.73-74).

Em 1901, o senador republicano Orville Platt, membro do Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos, convocou um congresso em Washington, onde foi estabelecida a *Emenda Platt*. Embora, naquele momento, a manutenção de uma ocupação militar direta já não fosse viável, o teor da emenda assegurava que, apesar da concessão de uma independência formal, os Estados Unidos continuariam exercendo controle sobre Cuba. Diante de seu conteúdo, a medida foi amplamente considerada uma imposição humilhante à ilha, pois limitava significativamente sua soberania nacional. A seguir, são apresentados os sete primeiros artigos dessa disposição constitucional:

o primeiro dos sete parágrafos da Emenda Platt foi moldado para estabelecer que Cuba não fizesse nenhum tratado com potências estrangeiras, ou permitisse bases militares estrangeiras em seu solo sem a permissão dos Estados Unidos. O segundo indicava que as finanças públicas de Cuba seriam supervisionadas pelos Estados Unidos. O terceiro dava aos americanos o direito de intervir em Cuba sempre que julgassem necessário. O quarto proibia qualquer tentativa retroativa de questionar o que havia ocorrido durante os anos da ocupação norte-americana. O quinto, sugerido pelo general Wood, obrigava os cubanos a dar continuidade aos esforços feitos pelas forças de ocupação para melhorar o controle de doenças no país. O sexto deixava pendente o futuro legal da Ilha dos Pinheiros, enquanto o sétimo dava aos Estados Unidos o direito a estabelecer bases militares permanentes na ilha (Gott, 2006, p. 132).

Em 1900, a Assembleia Constituinte Cubana foi compelida a aceitar a *Emenda Platt*, que foi incorporada às leis dos Estados Unidos em 2 de março de 1901. Segundo Aviva Chomsky, essa medida transformava Cuba em um verdadeiro “protetorado” estadunidense, enquanto Richard Gott a descreve como “uma república para estadunidenses”. Nesse contexto, os Estados Unidos intervieram militarmente na política cubana em diversas ocasiões, entre 1906 e 1909, 1912 e 1917, e novamente entre 1917 e 1923. Ainda que, formalmente, as legislações que garantiam a tutela estadunidense sobre Cuba tenham sido revogadas em 1934, a influência dos EUA permaneceu significativa até 1959, por meio de sua interferência política, militar e econômica. Esse período pré-revolucionário foi marcado por dois elementos centrais: a corrupção e a repressão, que caracterizaram a instabilidade do regime anterior à Revolução Cubana (Chomsky, 2015, p. 28-33).

Conforme exposto, a história de Cuba, assim como a de grande parte dos países latino-americanos, é caracterizada por uma intensa instabilidade política. Além disso, a constante interferência dos Estados Unidos nos assuntos políticos e econômicos do país desempenhou um papel fundamental na desestabilização de governos, muitas vezes possibilitando e financiando sua deposição de maneira ilegítima. Dessa forma, a nação estadunidense esteve diretamente envolvida nos bastidores de diversos golpes de Estado que enfraqueceram ainda mais a já fragilizada democracia cubana.

1.3 Golpes e Rupturas: Cuba entre 1933 e 1952

A crise de 1929 teve impacto sobre a economia cubana, altamente dependente das exportações. À medida que o desemprego aumentava e os salários se tornavam insuficientes, a insatisfação popular se intensificava. Esse descontentamento resultou em uma série de

protestos organizados contra o governo de Gerardo Machado, amplamente percebido como corrupto. O presidente, por sua vez, já havia expandido seu poder e influência por meio de medidas coercitivas impostas ao Congresso. As manifestações contrárias ao seu regime eram sistematicamente reprimidas com o uso de violência.

Como exemplo da influência dos Estados Unidos na política cubana, houve uma intervenção estadunidense para remover Gerardo Machado³⁰ do cargo. Em 1933, após a renúncia do presidente, Carlos Manuel de Céspedes assumiu o governo, mas permaneceu no poder por menos de um mês, sendo deposto por uma revolta militar que, posteriormente, obteve o apoio de setores da sociedade cubana, especialmente dos estudantes. Na sequência, Ramón Grau San Martín assumiu o governo, autodenominando-se revolucionário e promovendo a revogação da *Emenda Platt*, medida considerada como um revés para o controle dos Estados Unidos sobre Cuba (Chomsky, 2015, p. 35-36). De acordo com o historiador Louis Pérez, os interesses cubanos estavam em desacordo com os interesses dos Estados Unidos (Pérez, 1988, p. 269).

A revolta militar de 1933 foi liderada por um grupo de militares de baixa patente, sob a chefia do sargento Fulgencio Batista.³¹ Posteriormente, durante o governo de Ramón Grau San Martín, Batista foi promovido a coronel e nomeado comandante do Exército. Diante das reformas implementadas por San Martín, o embaixador dos Estados Unidos, Sumner Welles, considerou Batista um sucessor viável e suscetível à influência estadunidense. Com o respaldo do governo dos EUA, Batista assumiu o poder em 1934, mantendo o controle sobre Cuba até 1944, quando a oposição venceu as eleições presidenciais. No entanto, em 1952, Fulgencio Batista liderou mais um golpe de Estado, retornando ao poder pela segunda vez.

Fulgencio Batista, nascido em 1902 em uma plantação de açúcar, teve uma trajetória marcada por sua ascensão no cenário político e militar cubano. De acordo com Richard Gott, Batista se destacou como uma das figuras mais representativas da história cubana, pois reivindicava em sua ancestralidade a descendência africana, espanhola, indígena e chinesa. Aos 19 anos, ingressou no Exército como soldado raso, iniciando sua carreira militar, o que, posteriormente, o levaria ao comando do país (Gott, 2006, p. 165).

³⁰ Gerardo Machado (1871-1939) foi um militar e político cubano que governou o país como presidente entre 1925 e 1933. Seu governo tornou-se cada vez mais autoritário, buscando se manter no poder além do previsto constitucionalmente. Sua administração foi marcada por repressão política, censura e perseguição a opositores. Em meio a uma grave crise econômica e forte pressão popular, foi forçado a renunciar em 1933, exilando-se nos Estados Unidos, onde permaneceu até sua morte.

³¹ Fulgencio Batista Zaldívar (1901-1973) nasceu em uma família de origem humilde e seguiu uma trajetória notável, desde sua entrada no exército como soldado até alcançar o posto de sargento. Sua ascensão política foi marcada por um golpe militar em 1933, que o levou a se tornar coronel e chefe do exército. Posteriormente, exerceu a presidência da República de Cuba entre 1940 e 1944, e mais tarde, comandou a ditadura cubana de 1952 a 1959.

Para Gott, Fulgencio Batista articulou ações antidemocráticas durante os governos civis da década de 1930 e, posteriormente, candidatou-se às eleições presidenciais cubanas, saindo vitorioso em outubro de 1940. Durante seu mandato, entre 1940 e 1944, manteve um certo nível de popularidade. No entanto, entre o final de 1934 e o início de 1935, o país foi palco de greves e manifestações contrárias ao governo, o que resultou na intensificação da repressão. Como consequência, universidades foram fechadas, opositores políticos foram presos e torturados, sindicatos tornaram-se ilegais e a liberdade de expressão foi severamente restringida. Nesse contexto, sob a liderança de Batista, o Exército consolidou-se como a principal força do país, assumindo um papel central na estrutura política, social e cultural de Cuba (Gott, 2006, p. 166-170).

O Golpe de Estado liderado por Fulgencio Batista interrompeu o processo eleitoral presidencial, levando diversos grupos políticos a reavaliar suas estratégias, especialmente entre os jovens, que enxergaram a possibilidade de uma renovação política. Nesse contexto, a combinação do regime autoritário de Batista com o crescente descontentamento popular, os problemas econômicos e a desigualdade social intensificada pela influência dos Estados Unidos criou um cenário favorável para a eclosão da Revolução Cubana. Esse ambiente de instabilidade lançou as bases para o início da luta armada e do processo revolucionário, que, posteriormente, transformaram de maneira definitiva o rumo da história do país.

1.4 A luta revolucionária em Cuba (1953-1959)

Segundo Luis Fernando Ayerbe, a democracia cubana, que já era precária, entrou em colapso em 1952 com o golpe militar liderado por Fulgencio Batista, interrompendo um período de oito anos de governo democrático sob as presidências de Grau San Martín³² (1944-1948) e Prío Socarrás³³ (1948-1952).³⁴ Cuba enfrentou um cenário de turbulência política e social ao longo de sua história, o que resultou na suspensão do processo eleitoral

³² Ramón Grau San Martín (1881-1969) foi um médico e político cubano que ocupou a presidência de Cuba em dois períodos: brevemente em 1933 e posteriormente de 1944 a 1948. Ganhou destaque durante a Revolução de 1933, assumindo o governo provisório após a queda do ditador Gerardo Machado. Sua administração buscou implementar reformas progressistas, como a Constituição de 1940, mas enfrentou forte oposição política e instabilidade. Em seu segundo mandato, promoveu políticas sociais, mas seu governo foi marcado por corrupção e instabilidade econômica. Após seu mandato, manteve-se afastado da política até sua morte.

³³ Carlos Prío Socarrás (1903-1977) foi um advogado e político cubano, presidente de Cuba entre 1948 e 1952. Filiado ao Partido Revolucionário Cubano, seu governo foi marcado por avanços sociais e econômicos, incluindo a modernização da infraestrutura e a ampliação de direitos trabalhistas. No entanto, sua administração também enfrentou corrupção e instabilidade política. Foi deposto por um golpe militar liderado por Fulgencio Batista em 1952, exilando-se nos Estados Unidos. Após a Revolução Cubana de 1959, permaneceu no exílio até sua morte.

³⁴ Desde 1933, Fulgencio Batista, com apoio militar, orquestrava planos para a derrocada do presidente Ramón Grau San Martín e depois, Carlos Prío Socarrás.

previsto para aquele ano e na interrupção de uma democracia fragilizada. A partir disso, houve um grande movimento antiditatorial e o surgimento de figuras de oposição como Fidel Castro,³⁵ que era pré-candidato a deputado na eleição interrompida por Batista (Ayerbe, 2004, p. 26).

Ayerbe destaca que, como resultado do regime ditatorial, surgiram movimentos de resistência que adotaram a luta armada como principal estratégia para derrubar a ditadura de Batista. Em 1953, um grupo de jovens liderados por Castro, planejou um ataque aos quartéis Moncada e Bayamo. As tentativas de revolta lideradas pelos irmãos Castro foram reprimidas e ambos condenados à prisão (Ayerbe, 2004, p. 30-34). É importante ressaltar que Castro apresentou sua própria defesa durante o julgamento, o que resultou na obra *A História Me Absolverá* (1953) e o consagrou como uma liderança de destaque em nível nacional. A prisão de Castro e de seus companheiros gerou um movimento em favor da anistia, concedida em 15 de maio de 1955. Atendendo ao clamor popular e buscando legitimar seu governo, Fulgêncio Batista convocou um processo eleitoral em 1954. Esse contexto permitiu a negociação da libertação dos prisioneiros (Ayerbe, 2004, p. 34).

Após conquistar a liberdade, Castro viajou para o México, onde organizou um grupo de combatentes com o objetivo de retornar a Cuba e derrubar a ditadura de Batista. É importante destacar que, durante sua estadia no exterior, o líder revolucionário manteve contato com a organização política e militar denominada *Movimiento 26 de Julio* (M-26)³⁶, cujo nome faz referência ao ataque ao quartel Moncada.

Em 1956, com novas estratégias delineadas, o plano inicial previa que o retorno do grupo liderado por Fidel Castro, composto por aproximadamente 82 guerrilheiros, coincidissem com uma grande insurreição capaz de mobilizar todo o país contra a ditadura. O objetivo era realizar um novo ataque ao quartel Moncada e à base da polícia, de modo a distrair as forças militares do regime e permitir que os combatentes vindos do México chegassem às montanhas de Cuba. No entanto, devido a condições climáticas adversas, o desembarque dos tripulantes

³⁵ Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu em 13 de agosto de 1923, filho de um rico proprietário de terras. Atuou como delegado estudantil em 1948 e participou do movimento de insurgência para derrubar o ditador Trujillo, da República Dominicana, entretanto, esse processo foi frustrado. Formou-se em direito pela Universidade de Havana no ano de 1950. Em 1952, se preparava para disputar as eleições ao Congresso pelo Partido Ortodoxo. AYERBE, 2004, p.29

³⁶Foi fundado em junho de 1955 por Fidel Castro e outros veteranos do ataque ao quartel Moncada, junto com jovens ativistas da ala de esquerda do Partido Ortodoxo, e outras forças, entre elas “Acción Nacional Revolucionaria”. O M-26 se separou do Partido Ortodoxo em março de 1956. Durante a guerra revolucionária esteve integrado pelo exército rebelde na Sierra Maestra e a clandestinidade urbana. Após a vitória da Revolução, o M-26 iniciou um processo de fusão com o Partido Socialista e o Diretório Revolucionário, e em 1961 formaram as “Organizaciones Revolucionarias Integradas” (ORI), posteriormente o “Partido Unido da Revolución Socialista” (PURS), e desde 1965 o Partido Comunista de Cuba.

da embarcação *Granma*, um pequeno iate a motor, ocorreu dois dias após a data prevista, em 2 de dezembro de 1956. Como resultado, as ações dos revolucionários que já estavam em território cubano haviam sido deflagradas, e a chegada do grupo não passou despercebida pelas forças de Batista. Assim, os guerrilheiros foram alvo de ataques, que resultaram na morte de alguns combatentes, enquanto os sobreviventes tiveram que se esconder em um brejo (Gott, 2006, p.178-180).

Considerando que Castro tinha um conhecimento limitado sobre a geografia das montanhas de Cuba, é importante destacar que a estratégia de uma ação guerrilheira prolongada na Sierra Maestra não fazia parte do plano original. No entanto, circunstâncias adversas levaram os combatentes a se refugiar nessa região, obrigando-os a se adaptar à nova realidade e a desenvolver novas estratégias de luta. No que se refere à guerrilha, as operações tinham como líderes: Fidel Castro, Ernesto “Che” Guevara³⁷, Camilo Cienfuegos³⁸ e Raúl Castro³⁹.

Eric Hobsbawm observa que, após 1945, a guerrilha se tornou uma estratégia amplamente adotada nos chamados países de Terceiro Mundo com passado colonial, como meio de resistência à colonização e busca pela independência. O sucesso da Revolução Cubana, obtido por meio da guerrilha, foi um catalisador que levou essa estratégia a ser amplamente divulgada e adotada em outros contextos (Hobsbawm, 2017 p. 297- 298). Florestan Fernandes enfatiza que a guerrilha foi um elemento essencial para a conquista do poder e a implementação do socialismo, pois sem ela esses objetivos não teriam sido alcançados (Fernandes, 2007, p. 89-90).

A palavra “guerrilha” tem sua origem no espanhol, derivada do termo *guerrilla*, que se difundiu durante o século XIX, nas tentativas de ocupação pelas tropas napoleônicas. A tática também é conhecida como “guerra irregular”, pois não segue os moldes estabelecidos pelos exércitos convencionais. Isso significa que não possui caráter profissional, nem há hierarquia

³⁷ Ernesto Guevara de la Serna nasceu em 1928, na Argentina, e formou-se em Medicina pela *Facultad de Medicina de Buenos Aires* em 1953. Posteriormente, viajou pela América Latina e estabeleceu-se na Guatemala até o golpe de Estado ocorrido no país em 1954. Com o início da repressão, Guevara não pôde permanecer no território guatemalteco. Dessa forma, seguiu para o México, onde atuou como médico e conheceu Fidel Castro. Foi nesse contexto que se vinculou ao grupo revolucionário que planejava retornar a Cuba para derrubar a ditadura de Batista. Ele foi assassinado em La Higuera, na Bolívia, em 1967.

³⁸ Camilo Cienfuegos Gorriarán nasceu em 1932, em Havana, e foi um dos principais líderes da Revolução Cubana, sendo conhecido como *El Comandante del Pueblo*. Em 1959, desapareceu misteriosamente, e seu corpo jamais foi encontrado.

³⁹ Raúl Modesto Castro Ruz, irmão de Fidel Castro, nasceu em 3 de junho de 1931, na então Província do Oriente. cursou os primeiros anos de estudo em Santiago de Cuba e, posteriormente, mudou-se para Havana. Na capital, ingressou na universidade e participou ativamente das lutas estudantis contra o governo de Carlos Prío Socarrás e a ditadura de Fulgêncio Batista.

com cabos e oficiais cujo objetivo seja construir uma carreira militar. As principais características dos métodos utilizados incluem cercos, barricadas, atentados, armadilhas e sabotagem. De acordo com Robert B. Asprey, a guerrilha significa “um tipo de guerra caracterizada por forças irregulares que combatem ações de pequena escala e limitadas, geralmente em conjunto com uma estratégia político-militar maior, contra forças militares ortodoxas” (Asprey, 1975, p. x . Tradução nossa).

O método da guerrilha só foi viável devido à localização da Sierra Maestra, uma região montanhosa no leste da ilha caribenha, que, desde o período colonial, serviu de refúgio para os rebeldes. A importância da serra é evidenciada pela maneira como ela influenciou os programas revolucionários e a ideologia dos combatentes. Para Aviva Chomsky, o contato com a camada popular da região rural foi uma experiência de conscientização para os líderes da revolução, ou seja, Fidel Castro e Che Guevara. Segundo a autora, foi durante a estadia na Sierra que os propósitos do *Movimiento 26 de Julio* se desenvolveram e se solidificaram. Além disso, a região tinha uma forte ligação com as lutas pela independência no século XIX, pois foi no Leste da ilha que esse movimento teve início. Nesse sentido, o M-26 tinha como objetivo dar continuidade às movimentações e aos projetos de libertação elaborados no século anterior, buscando inspiração nas teses de José Martí, especialmente no que se refere ao anti-imperialismo (Chomsky, 2019, p. 46-47).

Daniel Aarão Reis destaca que a vitória da Revolução Cubana, sob a liderança do M-26, resultou da união de forças heterogêneas, incluindo estudantes da Universidade de Havana, organizados no Diretório Revolucionário dos Estudantes (DRE) e na Federação dos Estudantes Universitários (FEU); liberais oriundos do Partido Ortodoxo; democratas; comunistas do Partido Socialista Popular (PSP); além de correntes civis e militares insatisfeitos com o regime ditatorial de Fulgêncio Batista. A adesão ao movimento antiditatorial não se limitava à busca pela autonomia econômica, mas também representava a reconquista da honra, da *cubanidad* e do orgulho de pertencer a uma sociedade livre e com autonomia para tomar suas próprias decisões. Além disso, o autor ressalta que, entre as correntes liberais estadunidenses, o apoio à Revolução era significativo, o que contribuiu para a interrupção da ajuda militar dos Estados Unidos ao governo de Batista (Reis, 2011, p. 365-366).

Outro fator apontado por Aarão Reis é que a vitória do processo revolucionário resultou da união de diversos atores, não sendo apenas fruto da ação guerrilheira (Reis, 2011, p. 368). Para Izabel Pimentel, a Revolução Cubana consolidou a discussão sobre a luta armada como uma extensão do processo revolucionário, ideia defendida por diversos setores

da esquerda latino-americana. Esses grupos tinham como principais referências para a guerra de guerrilha os escritos de Che Guevara e Régis Debray⁴⁰ (Silva, 2019). Segundo a pesquisadora, a ideia de “foco guerrilheiro” surgiu a partir das interpretações de Régis Debray sobre a Revolução Cubana, enfatizando um viés mais militar em comparação ao campo político. No entanto, em suas obras *Guerra de Guerrilhas* (1960) e *Guerra de Guerrilhas: Um Método* (1963), Che Guevara ressalta a importância de a guerrilha estar vinculada a uma luta política mais ampla, com a participação ativa das forças populares (Silva, 2016).

Izabel Pimentel da Silva destaca que o pensamento formulado por Régis Debray foi amplamente disseminado entre as forças de esquerda da América Latina durante as décadas de 1960 e 1970, período em que a Revolução Cubana servia como principal referência estratégica. O conceito de “foco” ou “foquismo” baseava-se na atuação de um grupo restrito de militantes guerrilheiros estabelecidos em regiões montanhosas, cuja geografia adversa dificultaria as operações repressivas do exército inimigo. Além disso, esses guerrilheiros deveriam engajar a população camponesa local, promovendo sua mobilização. Em um estágio posterior, o movimento se expandiu por meio da formação de “colunas guerrilheiras”, que avançaram para outras regiões, ampliando a revolução. Conforme Pimentel Silva, a teoria difundida por Debray conferia primazia ao aspecto militar em detrimento das dinâmicas políticas, atribuindo ao foco guerrilheiro um papel superior ao do partido. A historiadora ressalta, entretanto, que não se pode afirmar que a vitória da Revolução Cubana tenha sido resultado exclusivo da ação de um foco guerrilheiro, uma vez que o processo revolucionário contou com amplo respaldo social e com um consistente trabalho político (Silva, 2016, p.50-51).

A concepção difundida por Debray e Che Guevara⁴¹ reforça e amplia a centralidade atribuída ao guerrilheiro. Conforme observa Higor Codarin, o “foquismo”, ao propor um perfil renovado de militante, ainda ancorado nos princípios tradicionais formulados por Vladimir Lenin, intensificava a associação entre características socialmente definidas como masculinas e as competências tidas como essenciais ao engajamento revolucionário. Nessa perspectiva, as formulações teóricas de Guevara e Debray acabaram por reiterar a desqualificação e a posição subordinada reservada às mulheres no interior do movimento

⁴⁰ Régis Debray nasceu na França em 1940 e, durante a década de 1960, esteve em diversos países da América Latina. Em 1967, foi para a Bolívia para se juntar aos guerrilheiros liderados por Che Guevara, porém, no mesmo ano, foi preso, sendo libertado quatro anos depois. Sua obra mais famosa, *Revolução na Revolução*, discorre sobre a ideia de “foco guerrilheiro”, uma estratégia que ficou conhecida como “foquismo”.

⁴¹ Texto *A Guerra de Guerrilhas* (1960).

revolucionário (Codarin, 2024, p. 4). Andrea Schactae sinaliza que a construção da imagem do guerrilheiro no contexto da Revolução Cubana constitui-se também como um processo de elaboração de um ideal de virilidade, ancorado na tradição cultural ocidental, e marcado por atributos como força, coragem, bravura, domínio bélico, predisposição ao combate e masculinidade (Schatae, 2021, p. 3).

A luta armada não foi um elemento exclusivo da revolução ocorrida na década de 1950, pois os conflitos contra o domínio colonial espanhol no século XIX também se desenvolveram por meio da resistência militar. Mesmo após a conquista da independência, a soberania de Cuba permaneceu limitada, em razão das relações de dominação impostas pelos Estados Unidos. Nesse contexto, a dinâmica estabelecida entre o governo estadunidense e a ilha caribenha foi caracterizada como “neocolonial”, conferindo a Cuba o status de “pseudo república”, conforme os conceitos formulados por Aviva Chomsky (Chomsky, 2015, p.28). Dessa forma, as lutas revolucionárias que emergiram em meados do século XX podem ser interpretadas como movimentos anticoloniais, voltados para a plena libertação nacional.

1.5 Identidade e Memória: uma relação indissociável

Segundo o dicionário da língua portuguesa, a memória é a “faculdade de reter as ideias adquiridas anteriormente, de conservar a lembrança do passado ou da coisa ausente” (Amora, 2009, p. 456). A capacidade de lembrar e reconstruir informações é essencial para a preservação da história, da cultura e dos valores de uma sociedade, bem como para a construção de identidades coletivas.

A noção de memória está profundamente ligada à ideia de identidade, que envolve a construção de uma imagem de si mesmo, tanto para o mundo interno quanto para o externo. A memória, como a identidade, é uma construção social. Conforme afirma Michael Pollak:

a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros, onde ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudanças, de negociação, de transformação em função dos outros (Pollak, 1992, p. 204).

No que se refere à construção da memória, adotamos a perspectiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs, que concebe a memória como um fenômeno eminentemente social, resultado das interações dentro de uma comunidade. Para Halbwachs, o estágio mais avançado e coletivo desse processo é o que ele denomina memória nacional (Halbwachs, 1990). Quando um grupo atua de forma intensa e colaborativa, tende a desenvolver estruturas

coesas de narrativa e interpretação dos eventos, criando verdadeiros “universos discursivos” e “universos de significado”. Esses elementos conferem ao conjunto de informações uma configuração histórica singular, consolidando uma versão legitimada dos acontecimentos. Dessa maneira, a perspectiva do grupo contribui para a construção e a fixação de sua própria imagem ao longo da história (Bosi, 1994, 66-67).

Sob outra perspectiva, considera-se que a memória coletiva não se configura como um espaço neutro, estando sujeita a disputas e seleções estratégicas. Com frequência, essa memória é instrumentalizada por grupos hegemônicos como um mecanismo de exercício do poder. Conforme argumenta Michael Pollak (1992), a memória não deve ser concebida como um simples repositório imparcial do passado, mas sim como um processo dinâmico, influenciado por relações de poder e pelo contexto social. Dessa forma, determinadas narrativas são destacadas enquanto outras são deliberadamente silenciadas, em consonância com os interesses políticos e ideológicos.

Nesse sentido, a memória transcende o indivíduo, sendo constituída e moldada coletivamente pelos grupos sociais ao longo do tempo. Além disso, como ressalta o pesquisador Márcio Seligmann-Silva, a memória e o esquecimento são processos intrinsecamente vinculados à construção da autoimagem de grupos, culturas e nações. Tais dinâmicas desempenham um papel crucial na formação e na manutenção das identidades coletivas, influenciando, portanto, as relações de pertencimento e de reconhecimento entre os diferentes grupos sociais (Silva, 2022, p. 16). Dessa maneira, a memória e o esquecimento não são apenas atos individuais ou subjetivos, mas componentes estruturais no processo de construção de identidades e de narrativas coletivas.

O processo de rememoração envolve uma escolha seletiva de experiências passadas, como afirma Elizabeth Jelin: “Toda narrativa do passado implica em uma seleção. A memória é seletiva, a memória total é impossível. Isto implica um “esquecimento” necessário para a sobrevivência e o funcionamento do sujeito individual, grupos e comunidades” (Jelin, 2002, p. 29, tradução nossa).

Para a análise do conceito de identidade nacional, torna-se fundamental considerar as contribuições teóricas de Stuart Hall e Benedict Anderson, cujos trabalhos oferecem uma compreensão aprofundada sobre as dinâmicas que configuram as identidades coletivas. Hall, em sua obra, destaca que a identidade não deve ser compreendida como uma entidade fixa e imutável. Pelo contrário, ela se configura como um processo contínuo de construção e reconciliação, influenciado diretamente pelas condições socioculturais e históricas em que os indivíduos e os grupos estão inseridos (Hall, 2008, p. 106-109). Segundo Hall, a identidade é

dinâmica, sujeita a transformações e reinterpretações ao longo do tempo, sendo moldada por interações sociais e por disputas no âmbito cultural e político. Por outro lado, Benedict Anderson, ao explorar o conceito de “comunidade imaginada”, propõe uma análise das nações como entidades construídas a partir de processos discursivos que produzem um senso de pertencimento e de identificação entre os indivíduos. Para Anderson, as nações não são realidades objetivas ou naturais, mas construções simbólicas que se materializam por meio de narrativas compartilhadas, que permitem aos membros dessas comunidades se reconhecerem como parte de um todo, mesmo que nunca tenham interagido diretamente entre si (Anderson, 2008, p. 31-33).

A ideia de “comunidade imaginada” ressalta a importância dos discursos, das representações e das práticas culturais na formação de identidades nacionais, sublinhando a dimensão simbólica e interpretativa da construção da nação. Ambos os autores, portanto, enfatizam a natureza fluida e histórica das identidades coletivas. Hall, ao focar nos processos de construção identitária, e Anderson, ao analisar a criação de comunidades nacionais por meio de discursos, desconstruem visões essencialistas e estanques sobre a identidade. Essa perspectiva permite repensar as identidades coletivas como algo que se refaz constantemente, em resposta às transformações sociais, culturais e políticas, desafiando a ideia de uma identidade imutável e preexistente.

Partindo do pressuposto de que identidades e memórias são significativas para a construção de uma comunidade, Octavio Ianni argumenta que as revoluções e lutas pela independência na América Latina são parte integrante da estruturação da nação, reforçando seus aspectos fundamentais (Ianni, 1988, p. 5). Dessa forma, consideramos que, antes da vitória da Revolução Cubana em 1959, já se observava um movimento de legitimação, especialmente por meio da continuidade das lutas anticoloniais do século XIX e da evocação de figuras emblemáticas desse período, como José Martí, Antonio Maceo e Mariana Grajales. É digno de nota que o resgate de figuras relevantes do século XIX não foi algo exclusivo do movimento cubano. De acordo com Izabel Pimentel da Silva, outros grupos guerrilheiros na América Latina promoveram a retomada de personagens como José San Martín, José Artigas e Simón Bolívar, denominados *Libertadores da América* (Silva, 2016, p. 136). Por outro lado, é a partir do triunfo dos guerrilheiros que se intensifica a valorização do panteão de heróis cubanos, conferindo-lhes maior destaque na construção da memória nacional. É relevante notar que a identidade cubana está estreitamente vinculada ao conceito de *cubanidad*, discutido anteriormente.

Conforme argumenta Giliard Prado, os revolucionários cubanos da década de 1950 demonstraram compreender que, além da conquista do poder, era igualmente fundamental assegurar sua legitimação e consolidação. Para isso, empenharam-se na elaboração de representações simbólicas e na construção de memórias coletivas. Essa preocupação em justificar suas ações e garantir reconhecimento e apoio já se fazia presente durante a fase insurrecional (Prado, 2013, p. 5). Em 10 de outubro de 1968, durante a cerimônia da Vigília Comemorativa pelos Cem Anos de Luta, realizada em Demajagua,⁴² na região de Manzanillo, em Oriente, Fidel Castro reafirmou a noção de continuidade histórica da luta revolucionária em Cuba.⁴³ Além disso, destacou a importância de figuras emblemáticas, como Carlos Manuel de Céspedes, reconhecido como o pai da pátria cubana, enfatizando seu legado na construção da identidade nacional e na luta pela independência:

o que significa para o nosso povo o dia 10 de outubro de 1868? O que representa essa data gloriosa para os revolucionários de nossa Pátria? Significa, simplesmente, o início de cem anos de luta, o começo da revolução em Cuba, pois em Cuba houve apenas uma Revolução: aquela iniciada por Carlos Manuel de Céspedes em 10 de outubro de 1868 e que, neste momento, nosso povo continua a levar adiante. Não há a menor dúvida de que Céspedes simbolizou o espírito dos cubanos daquela época, representando a dignidade e a rebeldia de um povo - ainda heterogêneo - que começava a se afirmar na história (Castro, 2017, p. 11. Tradução nossa).⁴⁴

José Murilo de Carvalho sustenta que a ideologia exerce um papel central na legitimação dos regimes políticos, pois não apenas fornece uma base racional para a estruturação do poder, mas também contribui para a construção de um imaginário coletivo que o sustenta. Nesse sentido, a ideologia atua como um instrumento fundamental para garantir a aceitação e a estabilidade de determinado sistema político, moldando a percepção dos indivíduos sobre a ordem vigente e reforçando a sua legitimidade perante a sociedade

⁴² O nome se refere ao engenho onde Carlos Manuel Céspedes deu o primeiro grito de independência e libertou seus escravos, iniciando as guerras de libertação.

⁴³ Como exemplo, em 2017, a *Editora Historia* publicou a obra *Las Luchas por la Independencia Nacional: 1868-1901*. O livro reúne uma coletânea de discursos de Fidel Castro, nos quais o líder cubano discute o processo de independência de Cuba e estabelece uma conexão entre as lutas anticoloniais do século XIX e a Revolução de 1959, apresentando esta última como uma continuidade da luta pela soberania nacional

⁴⁴ ¿Qué significa para nuestro pueblo el 10 de Octubre de 1868? ¿Qué significa para los revolucionarios de nuestra Patria esta gloriosa fecha? Significa sencillamente el comienzo de cien años de lucha, el comienzo de la revolución en Cuba, porque en Cuba sólo ha habido una Revolución : la que comenzó Carlos Manuel de Céspedes el 10 de Octubre de 1868 y que nuestro pueblo lleva adelante en estos instantes. No hay, desde luego, la menor duda de que Céspedes simbolizó el espíritu de los cubanos de aquella época, simbolizó la dignidad y la rebeldía de un pueblo - heterogéneo todavía - que comenzaba a nacer en la historia.

é por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias [...] (Carvalho, 1990, p. 9- 10).

De maneira geral, o historiador francês Roger Chartier argumenta que as representações são construções intencionais, concebidas para atender às necessidades e objetivos de um grupo específico. Dessa forma, elas não devem ser compreendidas como meros reflexos da realidade, mas como instrumentos fundamentais para a sua organização e atribuição de significado. As percepções do social nunca são neutras; elas moldam práticas e estratégias em diversas áreas, como educação e política, buscando impor uma autoridade sobre outros grupos. Essas representações legitimam projetos de transformação e justificam escolhas individuais. Dessa forma, é fundamental reconhecer que essas representações estão sempre em jogo, imersas em uma dinâmica de poder e controle (Chartier, 2002, p.17).

Em articulação com esse elemento, em *A Invenção das Tradições*, Eric Hobsbawm argumenta que muitas tradições consideradas antigas e contínuas são, na realidade, construções recentes criadas para responder a necessidades sociais e políticas específicas. Para o autor, essas tradições são formuladas de modo deliberado por instituições, Estados e grupos sociais a fim de produzir coesão, legitimar poderes, reforçar identidades e estabelecer um senso de continuidade com um passado frequentemente reconstruído. Distinguem-se dos costumes porque são rígidas e formalizadas, atuando sobretudo em períodos de rápidas transformações históricas, quando se torna necessário criar símbolos capazes de estabilizar a vida social (Hobsbawm, 2008). Diante disso, identificamos que a noção de uma tradição de luta, reforçada de forma pedagógica e incorporada aos livros didáticos, integra um processo de construção e de invenção de tradições no âmbito do projeto societário cubano.

Consequentemente, os revolucionários da década de 1950 buscaram legitimar social e politicamente o novo regime instaurado em Cuba por meio da criação e a apropriação de uma identidade nacional preexistente. Esse processo envolveu a ressignificação e o aprimoramento dessa identidade, de modo a alinhá-la aos ideais revolucionários. Para isso, utilizaram-se de símbolos, alegorias, mitos e da evocação de figuras históricas consideradas heróicas no contexto da independência do século XIX. Com isso, consolidaram no imaginário popular o sentimento de pertencimento e identidade coletiva, fortalecendo a adesão da população ao novo regime e reforçando a ideia de tradição de luta, valorizando a ideia do combate e da guerra permanente.

Mais uma vez, com base na abordagem de José Murilo de Carvalho:

heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, ponto de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico (Carvalho, 1990, p. 55).

Carvalho complementa sua ideia afirmando que um herói digno de admiração deve refletir a identidade nacional, atendendo a alguma necessidade ou aspiração coletiva e incorporando traços de personalidade ou comportamento valorizados pela sociedade (Carvalho, 1990, p. 55). É fundamental ressaltar que a representação do herói é comumente associada à masculinidade. Consequentemente, a narrativa historiográfica cubana tende a apresentar as lutas anti-colonialistas do século XIX e a Revolução de 1959 como realizações masculinas (Schactae, 2022, p. 5). Na obra *La tierra gira masculinamente, compañero: el ideal de masculinidad del guerrillero*”, Andreas Goosses afirma que Che Guevara denominava o guerrilheiro ideal como masculino. Para ele, as mulheres deveriam pegar em armas, ou seja, participar efetivamente da luta armada, apenas em situações de extrema necessidade. No entanto, poderiam exercer outras tarefas como: cozinheiras, professoras e enfermeiras (Goosses, 2001, p. 216).

Desta forma, nosso interesse é ilustrar um contraponto destacando o papel das mulheres, salientando a memória de Mariana Grajales Cuello, que foi moldada para se adequar aos critérios de uma heroína nacional, tendo em vista sua participação nas lutas pela libertação nacional do século XIX. No próximo capítulo, vamos mergulhar na vida dessa personagem, que detém um papel importante e representativo, sobretudo por ser uma mulher negra em um ambiente predominantemente masculino.

CAPÍTULO II

FRAGMENTOS DE UMA HEROÍNA: A CONSTRUÇÃO DE MARIANA GRAJALES CUELLO

CAPÍTULO II: Fragmentos de uma heroína: a construção de Mariana Grajales Cuello

O estudo historiográfico sobre mulheres negras ainda é um campo que enfrenta certa escassez em comparação a outras áreas de pesquisa. Essa limitação não decorre da ausência dessas mulheres nos eventos históricos, mas sim da marginalização sistemática desses sujeitos ao longo da historiografia. Considerando que a construção da narrativa histórica e os usos da memória estão intrinsecamente ligados às estruturas de poder, é possível observar que a historiografia sobre a ilha caribenha permanece majoritariamente branca e masculina. Nesse contexto, os negros, especialmente as mulheres, foram frequentemente excluídos da história ou subrepresentados. De acordo com Giselle Santos, a construção histórica das instituições acadêmicas foi marcada por uma hierarquia que privilegia certos grupos em detrimento de outros, com base em gênero e raça (Santos, 2016, p. 23-25).

Diante desse cenário, destacamos a relevância de estudar a construção da figura de Mariana Grajales Cuello, cuja atuação rompe com a lógica de submissão ao se posicionar como uma personagem ativa na história de Cuba. Contudo, a pesquisa sobre mulheres negras demanda uma abordagem sensível, que considere suas subjetividades e os múltiplos atravessamentos que moldam suas experiências e os silenciamentos estruturais ao longo da história. Em outras palavras, trata-se de um grupo cujas vozes, trajetórias e produções foram frequentemente invisibilizadas pelos registros oficiais que, em geral, foram escritos por homens brancos com perspectivas limitadas ou interessadas em manter determinadas hierarquias.

Em ressonância com as palavras de Petrônio Domingues, julgamos que a história das mulheres negras, não só no caso brasileiro, ainda não foi devidamente contada (Domingues, 2007, p. 347). Em Cuba, as pesquisas sobre figuras femininas negras no século XIX enfrentam significativos desafios, conforme salienta Lidia Sánchez-Fujishiro, que atribui essa lacuna à interconexão de estruturas de poder colonial, patriarcal e escravista (Sánchez - Fujishiro, 2017, p. 140).

Quando se trata de Cuba, a historiografia brasileira parece só ter olhos para os estudos sobre a revolução de 1959, seus impactos na América Latina, o heroísmo de Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e diversos outros homens. Assim, destacamos os baixos números de investigações sobre as mulheres que participaram ativamente do processo revolucionário. E, indo além, frisamos a escassez de pesquisas sobre o século XIX, sendo que

os poucos trabalhos que existem também focalizam uma figura masculina específica: José Martí.⁴⁵

Desta forma, a escolha de trabalhar com a figura de Mariana Grajales Cuello, reconhecida como “*madre de la patria*” cubana, é uma tentativa de debater a importância das narrativas sobre personagens negras na região da América Latina, ressaltando que as lutas contra o império espanhol tiveram uma relevante participação de mulheres negras, como aponta a professora Maria do Carmo Leite ao mencionar o caso da rebelião encabeçada pela negra Carlota⁴⁶ em 1843 (Leite, 2023, p. 39).

A construção de um estudo historiográfico detalhado sobre Mariana Grajales Cuello, a “mãe da pátria cubana”, tem se mostrado um exercício mais complexo do que poderíamos imaginar, isso porque, na maior parte do tempo, o real e o mito se misturam. A história de vida dessa personagem possui uma linha tênue que a separa do ficcional. Ademais, há uma série de versões, lacunas e discrepâncias nas informações sobre a vida de Grajales, especialmente nos anos iniciais. Isso ocorre porque grande parte do nosso conhecimento sobre essa mulher provém da tradição oral, como aponta Sánchez-Fujishiro (Sánchez - Fujishiro, 2017, p. 151). Além disso, a grafia de um de seus sobrenomes apresenta variações, não havendo um consenso estabelecido. Em alguns casos, encontramos “Cuello”, enquanto em outros, “Coello”.

É oportuno salientar que a pesquisa sobre Mariana Grajales enfrenta limitações devido à escassez de fontes primárias e a dificuldade de acesso. Vários trabalhos afirmam que Grajales não possuía conhecimentos básicos de leitura e escrita e por esse motivo não deixou nenhum legado documental.⁴⁷ Consequentemente, os estudos realizados sobre sua vida são fundamentalmente relatos de outros indivíduos, em sua maioria, homens. E, as narrativas masculinas sobre as mulheres são influenciadas por estereótipos sociais arraigados no patriarcado e nas expectativas de gênero. Portanto, sustentamos que o título e a popularização da alcunha de “mãe da nação” decorrem dessa lógica.

Nas próximas linhas, apresentaremos uma síntese biográfica e as contribuições dessa figura feminina, explorando sua influência na cultura popular cubana, bem como a repercussão dessa cultura popular sobre sua memória. Essa exposição contribuirá para uma

⁴⁵ Ayerbe, 2004; Bandeira, 2009; Prado, 2013.

⁴⁶ Mulher de origem Lucumí, pertencia ao engenho “Triunvirato”. Carlota foi presa e, ainda viva, amarrada a quatro cavalos, tendo morrido, por esartejamento, em março de 1844. Disponível https://www.ecured.cu/Rebeli%C3%B3n_de_Triunvirato. Acesso em: 10 dez. 2024.

⁴⁷ No trabalho “*Mariana Grajales Cuello: paradigma de patriotismo y resistencia*”, a pesquisadora Damaris A. Torres Elers menciona uma troca de correspondência entre Mariana e um dos filhos. No entanto, não tivemos acesso a essas cartas.

compreensão mais detalhada do papel histórico de Mariana Grajales Cuello, considerando que a trajetória da “mãe da pátria” e as lutas contra a dominação espanhola, no mar do Caribe, possuem pontos de convergência.

2.1 Vestígios de Mariana: rastros históricos e construções narrativas

Conforme discutido no capítulo anterior, o cenário cubano do século XIX é classificado como o apogeu do colonialismo escravista. Por outro lado, também é identificado como ponto de origem e desencadeamento das ideias que culminaram nas lutas anticoloniais. A vida e atuação de Mariana Grajales Cuello foi contemporânea a esse contexto. Inserida em um sistema social escravista e patriarcal, ela, mulher negra, originária de Santiago de Cuba, tipificada como “parda livre”⁴⁸ e de origem humilde, foi atravessada por indicadores sociais como raça, classe e gênero. É imprescindível destacar que Grajales foi contemporânea do período de escravidão em Cuba, abolida somente em 1886. Assim, novamente reforçamos que a trajetória de Grajales foi marcada por questões raciais (Duany-Destrade, Sánchez- Fujishiro, 2015, p. 75).

A partir das reflexões da antropóloga Verena Stolcke, compreendemos que a categoria raça é uma produção social utilizada para manter e justificar estruturas hierárquicas, especialmente em sociedades marcadas pela colonização. Stolcke afirma que a raça não deve ser entendida como uma realidade biológica, mas sim como uma construção ideológica que opera como instrumento de legitimação das desigualdades sociais e políticas (Stolcke, 1991). Atrelado a isso, Joan Scott compreende o gênero como uma construção histórica e social que organiza significados e práticas a partir da diferença entre os sexos. Para a autora, ele não é um dado biológico, mas sim um instrumento utilizado para atribuir papéis sociais a homens e mulheres. Além disso, o gênero é uma forma primária de estruturar e legitimar relações de poder. A distinção entre masculino e feminino serve como base simbólica para justificar desigualdades sociais, políticas e econômicas (Scott, 1990).

Logo, nos valem do conceito de interseccionalidade preconizado por Kimberlé Crenshaw, que permite analisar como diferentes sistemas de opressão atuam de maneira articulada na produção de desigualdades, se sobrepondo e entrelaçando. Segundo Crenshaw, a interseccionalidade “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” (Crenshaw, 2022, p. 177). Envolve, de maneira específica, a compreensão de como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e demais

⁴⁸ Pessoa de descendência africana, que não era escravizada. Os pardos livres não possuíam os mesmos direitos e privilégios dos brancos, mas não estavam sujeitos à condição de escravidão.

sistemas discriminatórios constituem desigualdades estruturais que hierarquizam e definem as posições de mulheres, grupos raciais, étnicos, classes sociais e outros (Crenshaw, 2022, p.177). Sendo assim, captamos que categorias como raça, classe e gênero são caras para o estudo e análise sobre Mariana Grajales Cuello.

A data de nascimento de Mariana Grajales é objeto de debate entre duas correntes biográficas, com uma defendendo o dia 26 de junho de 1808⁴⁹ e a outra, mais influente e amplamente aceita, baseada nos registros de batismo da Paróquia *Santo Tomás*, 12 de julho de 1815.⁵⁰ Proveniente de uma família de negros livres e fundo social desfavorecido, era filha de José Grajales Matos e de Teresa Cuello Zayas. A origem dessa família é objeto de controvérsia, com algumas linhas de pesquisa indicando que eles migraram do Haiti para Cuba após a Revolução Haitiana.⁵¹ Outras informações sugerem que o pai tinha raízes dominicanas e a mãe era santiaguera.⁵² É sabido que o primeiro descendente do casal nasceu em 1804, foi chamado Marcos de La Caridad, seguido de Marcelino, Cecilia Josefa, Juan Donato e Mariana, todos nascidos em Santiago de Cuba.

Nossa personagem nasceu em um contexto marcado pela expressiva presença da população negra livre na região oriental da ilha, onde, diferentemente da população branca e escravizada, havia uma predominância feminina.⁵³ Sua trajetória sugere uma inserção relativamente harmoniosa na sociedade racializada de Santiago de Cuba. No entanto, sua infância e juventude ocorreram durante o auge da expansão açucareira e da intensificação do regime escravista, período também caracterizado pelo crescente “*miedo al negro*”⁵⁴ por parte da classe branca (Stubbs, 2015, p. 65 apud Ecalona; Torres-Elers, 2015).

A família Grajales, embora composta por negros livres, estava inserida em uma sociedade colonial e escravista, onde as opressões raciais eram uma realidade constante. De origem humilde, não teve condições de proporcionar à filha uma educação formal, cabendo à família, especialmente à mãe, a responsabilidade pela sua formação. Durante os primeiros anos da infância de Mariana, a família fixou residência no povoado de “*El Cristo*”, localizado

⁴⁹ Ver *Celebrating Mariana Grajales Cuello - Mother of Cuba* Disponível em thecaribbeancamera.com/celebrating-mariana-grajales-cuello-mother-of-cuba/ e *Mariana Grajales: Black Progenitores of Cuban Independence*.

⁵⁰ Linha de investigação histórica iniciada pelo historiador cubano Joel Murlot Mercaderes.

⁵¹ O historiador James D. Henderson defende a ideia no texto *Mariana Grajales: Black Progenitores of Cuban Independence*.

⁵² Designação utilizada para denominar os habitantes da região de Santiago de Cuba.

⁵³ Durante o século XIX, a ausência das mulheres brancas nos espaços de sociabilidade era sentida até por estrangeiros. As mulheres negras precisavam trabalhar e por esse motivo ocupavam esses locais. Ver Martínez-Fernández, Luis. "Male City: Native and Foreign Elite Women in Nineteenth Century Havana." In: **Latin American Women and the Search for Social Justice**, edited by Francesca Miller, 25–48. Hanover: University Press of New England, 1991.

⁵⁴ Medo que os negros de Cuba fizessem um levante parecido com o que ocorreu no Haiti.

nos arredores de Santiago de Cuba. A infância de nossa personagem é relativamente desconhecida. A maioria dos trabalhos biográficos começa a partir de sua juventude, com foco em seu casamento.

Aos dezesseis anos, na década de 1830, Mariana contraiu matrimônio com Fructuoso de Los Santos Regüeyferos Hechevarría.⁵⁵ A partir dessa união, nasceram quatro filhos: Felipe (1831-1901), Manuel (1836-?) e Fermín (1838-?). Após sete anos de casamento, Mariana ficou viúva. Nesse interlúdio, Mariana deu à luz um filho chamado Justo (1843-1868), considerado filho natural.⁵⁶ Posteriormente, Mariana conheceu Marcos Maceo, um pardo livre que mais tarde se tornaria seu segundo marido. A origem de Marcos ainda gera controvérsias entre os estudiosos, pois, enquanto muitos biógrafos afirmam que ele nasceu na Venezuela e possuía uma situação econômica favorável, historiadores cubanos, como Olga Portuondo Zúñiga, defendem que ele era natural de Cuba. Além disso, alguns pesquisadores da família Maceo-Grajales apontam que o casal não pode oficializar a união imediatamente, pois Marcos ainda era casado com Amparo Téllez, com quem teve seis filhos. De acordo com as normas do século XIX e as diretrizes da Igreja Católica, o divórcio não era permitido, impedindo que Marcos se casasse novamente enquanto sua esposa fosse viva. O casal só pôde legalizar a união em 6 de julho de 1851, na *Igreja Paroquial de San Nicolás de Morón*, em San Luis, Santiago de Cuba. Do segundo casamento com Marcos nasceram oito filhos, sendo eles: Antonio Maceo (1845-1896), María Baldomera (1847-?),⁵⁷ José Marcelino (1849-1896), Rafael (1850-1882), Miguel (1852-1874), Julio (1854-1870), Dominga de La Calzada (1857-?), José Tomás (1857-1917) e Marcos (1860-1902). Antonio e José têm suas trajetórias registradas em trabalhos historiográficos, com maior ênfase em Antonio. No entanto, sobre os demais descendentes de nossa personagem, há poucas informações disponíveis.

Mariana Grajales foi descrita como a base fundamental da família, que teria exercido uma influência considerável na construção do pensamento político do esposo e dos filhos. Sendo uma família de pardos livres, foram descritos como insatisfeitos com o sistema colonial que à época tinha como pilar a escravidão e cobrava altos impostos. Também se examina o papel de José Asencio, padrinho de Antonio Maceo, na formação do pensamento político e patriótico dos Maceo-Grajales, pois era membro de uma loja maçônica onde se debatiam ideias independentistas e progressistas. Em algumas correntes, Asencio era advogado, com

⁵⁵ Não encontramos evidências para afirmar que também era um pardo livre. Porém, considerando a forma que viviam, acreditamos que estava inserido nessa categoria.

⁵⁶ Justo nasceu no intervalo entre dois casamentos. Alguns artigos o identificam como filho de Marcos Maceo, mencionando a existência de um registro formal, porém, não encontramos esse documento.

⁵⁷ Faleceu com apenas 15 dias de vida.

situação econômica considerável e alto prestígio na década de 1840 (Escalona, 2015 p. 22 apud Escalona; Torres- Elers, 2015). Mas de acordo com Joel Murlot e Manuel Fernández, Ascensio possuía baixa relevância e atuou brevemente em um cargo público em Havana, retornando para Santiago rapidamente (Fernández; Murlot, 2015, p.34 apud Escalona; Torres-Elers, 2015). Para além das divergências sobre o papel do padrinho, é possível afirmar que a família estava atenta e envolvida nos debates sobre a independência e abolição da escravidão.

Em setembro de 1868, os Maceo-Grajaes fundaram o primeiro conselho revolucionário nos arredores de Santiago de Cuba, que compunha parte de um projeto de oposição que estava nascendo na ilha caribenha. Em outubro do mesmo ano, o fazendeiro Carlos Manuel Céspedes proclamou o início da independência de Cuba, junto com outros *criollos*.⁵⁸ O manifesto independentista reivindicava justiça, igualdade, tolerância, ordem e soberania popular. No dia 12 de outubro de 1868 chegou aos Maceo-Grajaes o clamor pela liberdade, manifesto que reivindicava a libertação cubana do império espanhol (Cupull; González, 2015, p. 25).

Destaca-se o silêncio que persiste em torno de sua atuação nas lutas anticoloniais, a participação efetiva é raramente mencionada e aprofundada nos trabalhos historiográficos. A professora Ana Garcia Chichester enfatiza que as pesquisas sobre mulheres afro-cubanas enfrenta dificuldades pela ausência de seu próprio discurso, assim como a tendência predominante na historiografia de enquadrá-las exclusivamente em funções familiares, vinculadas à maternidade, ao matrimônio ou à relação, inclusive de filiação, com figuras masculinas de destaque (Chichester, 2020).

A entrada de Mariana Grajaes na história de Cuba se deu em um contexto de insurgência popular, efervescência política e do início das lutas pela independência da ilha no ano de 1868. Ela atuou principalmente em tarefas atribuídas ao cuidado, como enfermeira e vivendo próxima às tropas do exército *mambí*.⁵⁹ Considerando que a coroa espanhola possuía conhecimento das atividades da família Maceo-Grajaes na luta por independência, a perseguição e o medo de represálias resultaram na presença deles próximo às tropas como

⁵⁸ Algumas versões do episódio afirmam que Céspedes libertou os negros escravizados que estavam sob sua autoridade. No entanto, tal afirmação tende a invisibilizar as múltiplas formas de resistência e luta protagonizadas pelos próprios negros escravizados. É preciso enfatizar que a participação da população negra nos movimentos pela independência de Cuba era necessária, considerando sua expressiva presença demográfica na sociedade cubana do século XIX.

⁵⁹ Segundo Richard Gott, a palavra “mambí”, cunhada pejorativamente pelos espanhóis para denominar os negros rebeldes de Santo Domingo, é uma derivação do termo “mbi”, referência de origem africana, uma forma de insinuar que eram bandidos e criminosos. O título foi novamente utilizado nas guerras pela independência de Cuba, entretanto, passou por um processo de ressignificação, onde os próprios negros adotaram a palavra, como forma de se destacarem (Gott, 2006, p. 91).

forma de autopreservação. Dessa forma, eles faziam o mesmo percurso que o Exército Libertador.

Segundo Chichester, o Exército *Mambí*, composto majoritariamente pela população de negros escravizados e pardos livres, isto é, indivíduos atravessados por marcadores de raça, classe e gênero, representava um segmento social historicamente marginalizado. Justamente por isso, seus integrantes figuravam entre os mais engajados e interessados na luta pela independência, visto que essa representava também uma possibilidade de transformação de suas próprias condições de vida (Chichester, 2020).

Durante os dez anos de guerra, morreram na família Maceo-Grajales: Justo, Marcos Maceo, Felipe, Fermín, Miguel e Manuel e Julio. E, Rafael, junto com outros *mambises*, morreu no exílio em 1882, na cadeia de Chafarinas, Marrocos (Chichester, 2020).

Depois de dez anos de disputas, em 1878, firmou-se o “*Pacto Del Zanjón*”, cujo principal objetivo era encerrar os conflitos bélicos em Cuba. Após o estabelecimento do acordo de cessar-fogo, Mariana Grajales foi para o exílio em Kingston, capital jamaicana. Isso ocorreu em razão da repressão colonial espanhola contra os envolvidos nas lutas pela independência. Mesmo em outro país, Grajales continuou colaborando com a causa independentista, pois sua casa se converteu em um centro de simpatizantes da independência e combatentes exilados, espaço onde conheceu José Martí. É importante destacar que foi a partir desse encontro que Martí escreveu o texto mais famoso sobre Mariana Grajales, onde a chamou de “raiz da alma cubana”. Em 27 de novembro de 1893, Mariana Grajales faleceu no exílio⁶⁰ e foi enterrada no Cemitério Católico Romano de Saint Andrew’s, na Jamaica. Seu corpo só retornou à Cuba em 1923.

2.2 Mariana e Antonio Maceo: uma indissociabilidade construída e questionada

José Antonio de la Caridad Maceo y Grajales (1845–1896), o filho mais velho do segundo casamento de Mariana Grajales, apelidado de “*Titán de Bronce*”,⁶¹ ingressou nas guerras por independência de 1868 junto com os irmãos José⁶² e Justo. Participou da Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e da Guerra de Independência (1895-1898). Defensor da soberania nacional, foi também um crítico do *Pacto de Zanjón*, que pôs fim à primeira fase da guerra sem garantir a abolição da escravidão ou a independência. Morreu em combate em Punta Brava, em 1896, tornando-se símbolo da luta cubana por liberdade e justiça.

⁶⁰ O exílio ocorreu devido a perseguição dos agentes da coroa espanhola.

⁶¹ O apelido é uma referência a bravura e a cor de pele.

⁶² Recebe o apelido de “Leão do Oriente”.

Em Cuba, Antonio Maceo é frequentemente associado à formação da nação, especialmente pelas suas conexões com o meio militar e pela questão racial, que, segundo determinadas correntes historiográficas, simbolizava a união das raças dentro da construção nacional. Grande parte do que se sabe sobre Mariana Grajales provém dos extensos estudos historiográficos dedicados ao titã de bronze⁶³, assim como dos documentos deixados por ele, como cartas e diários, que moldam as percepções sobre sua mãe. São raros os trabalhos que desvinculam suas trajetórias.

Não se trata aqui de minimizar a relevância de Antonio Maceo, mas de propor uma reflexão: Mariana Grajales deve ser lembrada apenas como a mãe de um herói da independência? Ela não possui uma trajetória própria, paralela à de seu filho? O processo de construção da memória sobre Mariana Grajales é, em grande parte, condicionado por essa perspectiva. Sua trajetória é frequentemente narrada a partir da sombra do filho general, e a escassez de estudos independentes sobre ela é notável. Ao buscar pesquisas, documentos ou artigos sobre Grajales, é necessário recorrer ao *Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales* (CEAMG), evidenciando a dificuldade de dissociá-la da figura masculina.

Figura 1 - *Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales*



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.afrocubaweb.com/ceamg.html>. Acesso em 10. Fev. 2025.

O CEAMG, fundado em 1997, sob a jurisdição do Ministério da Cultura de Cuba, está situado em Santiago de Cuba. E se apresenta como uma instituição voltada para o estudo da vida, obra e pensamento revolucionário do general Antonio Maceo e de sua família. No

⁶³ FRANCO, Jose L. **Antonio Maceo: apuntes para una historia de su vida**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Este estudo, considerado o mais completo, foi dividido em três volumes: Tomo I, Tomo II e Tomo III.

entanto, mesmo tendo como um dos objetivos a pesquisa da família Maceo-Grajales, todos os outros ficam em segundo plano. A Figura 1 é uma arte disponível no site *Afro Cuba Web*, onde disponibilizam diversos artigos sobre a família Maceo-Grajales, mas com ênfase no general.

Retomando a questão da associação a figuras masculinas, esse fenômeno não se restringe ao titã. Ao longo da pesquisa, encontramos uma quantidade considerável de textos que mencionam José Martí, outro personagem fundamental para a história nacional, enquanto a trajetória de Mariana segue sendo contada, em grande medida, por meio das figuras masculinas ao seu redor. No entanto, sua história não poderia ser abordada sob outras perspectivas? Pouco se sabe, por exemplo, sobre sua relação com a religiosidade, sua subjetividade, os atravessamentos que marcaram sua vida e até mesmo seu período de exílio. Assim, é necessário questionar os limites da historiografia tradicional e buscar narrativas que resgatem Mariana Grajales para além dos papéis convencionais de mãe e esposa.

2.3 Maternidade, símbolo, representação da pátria e continuidade

Maria Ligia Coelho Prado ressalta que, as narrativas históricas, sobretudo nos séculos XIX e XX, foram escritas principalmente por homens, enquanto as figuras femininas eram descritas por meio de estereótipos de gênero e as “mulheres militantes rebeldes” eram silenciadas. Para pertencer à história, elas precisam estar inseridas na lógica de feminilidade, estabelecida pelos cânones patriarcais, deviam ser boas mães, doces, altruístas, guiadas pelo coração e os sentimentos, sendo que, a virtude cristã e o patriotismo caminhavam juntos (Prado, 1999, p. 33, 46-51 apud Schactae, 2016). Assim, Andrea Schactae cita o exemplo de mulheres que participaram da luta pela independência cubana, mas fugiam da lógica da mãe abnegada, na qual Mariana Grajales está inserida, e por isso não foram relacionadas à memória nacional cubana, são elas: Adela Azucuy,⁶⁴ María Hidalgo Santana⁶⁵ e Paulina Ruiz González⁶⁶ (Schactae, 2016, p. 87).

Julio Pagés aponta que a história nacional de Cuba é marcada por estereótipos de gênero, baseados em valores patriarcais, que conferem maior importância aos homens. Além

⁶⁴ Gabriela de la Caridad Azcuy Labrador (1861-1914) foi uma combatente cubana que participou ativamente das lutas pela independência de Cuba contra a Espanha. Durante a Guerra de Independência (1895-1898), alcançou a patente de capitã no Exército Libertador, sendo uma das poucas mulheres a comandar tropas masculinas. Natural de Pinar del Río, dedicou sua vida à causa independentista.

⁶⁵ María Hidalgo Santana (?-1956) foi uma combatente da independência de Cuba, conhecida como *La Abanderada de Jicarita*. Posteriormente, foi promovida a tenente por Antonio Maceo e a capitã por seu desempenho em batalhas. Faleceu em Alacranes, Matanzas, em 1956.

⁶⁶ Paulina Ruiz foi membro do Exército Libertador de Cuba. Nascida em Corral Falso de Macuriges (atual Pedro Betancourt), uniu-se à luta pela independência em 1895, aos 21 anos, após seu esposo, Rafael González, integrar as forças revolucionárias.

disso, ele ressalta que as guerras foram essenciais no processo de determinação da virilidade, exemplificando com o caso de José Martí, que, por não participar ativamente dos campos de batalha, era alvo de questionamentos. Ele destaca que mulheres que transgrediram a lógica da feminilidade foram rechaçadas e denominadas “*marimachos*” (González-Pagés, 2002).

A categoria mulher está cercada por expectativas sociais. Uma das mais poderosas é aquela que a relaciona à maternidade. Elisabeth Badinter pontua que, em nosso imaginário, a mãe é símbolo de um amor abnegado. Ainda assim, as ideias de maternidade e amor associadas a ela não são intrínsecas à natureza feminina, mas, sim, parte de uma construção social, que pode variar conforme o cenário histórico (Badinter, 1985). Outra autora, Michelle Perrot, argumenta que a maternidade é um fato social que sustenta a sociedade, e que o dever materno é um elemento fundamental que amplia e reforça a feminilidade, conferindo-lhe um papel estrutural (Perrot 2019, p. 47, 69).

Por fim, Marta Nuñez salienta que para entender os processos sociais na História de Cuba, a história das mulheres e sua participação nas lutas emancipatórias é necessário romper com os paradigmas enraizados desde o período colonial, quando se considerava a atividade política e militar inapropriada para as mulheres. Entretanto, isso só é possível através dos estudos de gênero, para discutir as potencializações, invisibilizações e os esquecimentos de homens e mulheres, associados a uma visão baseada na condição biológica. Para Nuñez, os estudos de gênero são importantes para desmistificar e compreender que homens e mulheres foram igualmente importantes nas lutas anticoloniais, atuando em vários âmbitos (Nuñez, 2000, 22 apud Elers, 2019). Indo além, à luz dos estudos que desnaturalizam o gênero, pensado como categoria útil de análise histórica (Scott, 1990), é possível dizer que, desmistificar e compreender homens e mulheres como participantes de um processo histórico implica em analisar as construções que recobrem essas categorias, definindo o que é ser homem e o que é ser mulher em uma dada situação ou em um determinado contexto.

O caráter materno é um tema amplamente explorado nas narrativas sobre Mariana Grajales, muitas vezes em detrimento de outros aspectos. Mas de onde vem essa focalização e qual é a raiz dessa abordagem?

A construção da memória da maternidade de Grajales foi forjada em duas fases distintas: uma primeira, no século XIX, com base nas figuras de Antonio Maceo e José Martí, e uma segunda, no século XX, que se iniciou em 1923 e atingiu seu auge com a vitória da revolução de 1959.

Desde 1882 existia uma relação entre Antonio Maceo e José Martí. No entanto, o encontro entre Mariana Grajales e Martí ocorreu apenas quando ela estava vivendo no exílio,

na ilha da Jamaica. Maceo e Martí mantiveram uma troca de correspondências na qual, em diversas ocasiões, Mariana foi mencionada. Além dessas comunicações, seu nome também apareceu em publicações no jornal *Patria*.⁶⁷ Nesse contexto, José Martí destacou a relevância de Grajales, enfatizando seu papel materno, bem como a atribuição de algumas qualidades que a tornaram uma figura emblemática: o carinho, a força e o patriotismo.

No artigo publicado em 6 de outubro de 1893, José Martí enfatiza o impacto positivo de Mariana Grajales na formação de Antonio Maceo.

Da mãe, mais do que do pai, vem o filho, e é uma grande desgraça dever o corpo a gente fraca ou insignificante, a quem não se pode dever a alma. Mas Maceo foi feliz, porque veio de um leão e de uma leoa. Já está partindo sua mãe, já está caindo a gloriosa velhinha em um indiferente canto estrangeiro, e ainda tem mãos de menina para acariciar quem lhe fala da Pátria. Seus olhos já vagam pelo mundo, como se buscassem outro, e ainda brilham, como quando o espanhol se aproximava, ao ouvir contar uma façanha de seus filhos. Ergue a cabeça enrugada, com um lenço que parece uma coroa. E não se sabe por quê, mas beija sua mão [...] (Martí, 1893, p. 452. Tradução nossa)⁶⁸.

Em dezembro de 1893, Martí enviou uma carta para Maceo, onde expressou seu conhecimento sobre o falecimento de Mariana Grajales, que não teve a chance de testemunhar a libertação de sua terra natal e viveu seus últimos anos no exílio. Também destacou o carinho maternal que Grajales lhe mostrou, tratando-o como um filho. Novamente a ideia de mulher doce e abnegada aparece no discurso sobre nossa personagem.

[...] e em sua grande dor neste momento, acaso não vê que não quis falar com ele? Sua mãe faleceu. No *Patria*, expressei o que a notícia de sua morte arrancou do meu coração: escrevi isso no trem, enquanto voltava de providenciar uma maneira para que, algum dia, possamos lhe dar um sepultamento digno, já que não pôde morrer em sua terra livre. Esse, esse compromisso que continuo, em nome da ideia que ela amou, é a melhor homenagem à sua memória. Vi a anciã duas vezes, e ela me acariciou e olhou como um filho. E a recordarei com amor por toda a minha vida” (Martí, 1894, p.458-460. Tradução nossa).⁶⁹

⁶⁷ Foi um jornal fundado por José Martí em 14 de março de 1892, em Nova York, com o objetivo de promover as ideias independentistas e mobilizar apoio para a luta pela libertação de Cuba e Porto Rico do domínio colonial espanhol. A última publicação foi em 31 de dezembro de 1898.

⁶⁸ *De la madre, más que del padre, viene el hijo, y es gran desdicha deber el cuerpo a gente floja o nula, a quien no se puede deber el alma, pero Maceo fue feliz, porque vino de león y de leona. Ya está yéndosele la madre, cayéndosele está ya la viejecita gloriosa en el indiferente rincón extranjero, y todavía tiene manos de niña para acariciar a quien le habla de la Patria. Ya se le van los ojos por el mundo, como buscando otro y todavía le centellean, como cuando venía el español, al oír contar un lance bueno de sus hijos. Levanta la cabeza arrugada, con un pañuelo que parece corona. Y no se sabe por qué, pero se le besa la mano.*

⁶⁹ *Y de su gran pena de ahora ¿no ve que no le he querido hablar? Su madre ha muerto. En Patria digo lo que me sacó del corazón la noticia de su muerte: lo escribí en el ferrocarril, viniendo de agenciar el modo de que le demos algún día libre sepultura, ya que no pudo morir en su tierra libre: ése, ese oficio continuó por la idea que ella amó, es el mejor homenaje a su memoria. Vi a la anciana dos veces, y me acarició y miró como a hijo. y la recordaré con amor toda mi vida.*

Após a morte de Grajales, Martí publicou dois textos no jornal *Patria*. Em “Mariana Maceo” de 12 de dezembro de 1893, ele novamente destaca o aspecto materno na trajetória de Grajales.

com seu lenço de anciã na cabeça, com os olhos de mãe amorosa para o cubano desconhecido, com um fogo inextinguível no olhar e em todo o rosto quando se falava das glórias de ontem e das esperanças de hoje, *Patria* viu, há pouco tempo, a mulher de oitenta e cinco anos que todo o seu povo - ricos e pobres, arrogantes e humildes, filhos de senhores e filhos de servos - acompanhou até a tumba, uma tumba em terra estrangeira. Mariana Maceo faleceu na Jamaica em 27 de novembro. [...] Não há coração cubano que deixe de sentir tudo o que deve a essa querida velhinha, aquela que acariciava suas mãos com tanta ternura. Sua mente já começava a se perder pelo longo tempo vivido, mas, de vez em quando, aquele rosto enérgico se iluminava, como se um raio de sol brilhasse sobre ele [...] (Martí, 1893, p.25-26. Tradução nossa).⁷⁰

E o célebre “*La madre de los Maceo*”, onde, entre elogios, a denominou como a “raiz da alma cubana”. A publicação é de 6 de janeiro de 1894.

o que havia nessa mulher, que epopeia e mistério havia nessa mulher humilde, que santidade e unção havia em seu seio de mãe, que decoro e grandeza havia em sua vida simples, que, ao escrever sobre ela como se escreve da raiz da alma com serenidade de filho e com profundo afeto? Assim, ela permanece na história, sorrindo ao final de sua vida, rodeada pelos homens que lutaram por seu país, criando seus netos para que também lutem [...] (Martí, 1894, p. 26-27. Tradução nossa).⁷¹

Em janeiro de 1894, Antonio Maceo respondeu à carta de José Martí, que expressava pesar pela morte de Grajales, e destacou que sua mãe era uma mulher de grande virtude.

Três vezes, em minha angustiada vida de revolucionário cubano, sofri as mais intensas e tempestuosas emoções de dor e tristeza causadas pela perda de seres tão amados quanto aquele que acabo de perder agora, em terra estrangeira, submetendo, mais uma vez, meu coração de patriota a uma dura prova - um coração inteiramente dedicado à sua causa e ao dever de filho agradecido.

Ela, a mãe que acabo de perder, me honra com a memória de uma matrona virtuosa e

⁷⁰ Con su pañuelo de anciana a la cabeza, con los ojos de madre amorosa para el cubano desconocido, con fuego inextinguible, en la mirada y en el rostro todo, cuando se hablaba de las glorias de ayer, y de las esperanzas de hoy, vio *Patria*, hace poco tiempo, a la mujer de ochenta y cinco años que su pueblo entero, de ricos y pobres, de arrogantes y de humildes, de hijos de amo y de hijos de siervo, ha seguido a la tumba, a la tumba en tierra extraña. Murió en Jamaica el 27 de noviembre, Mariana Maceo [...] No hay corazón de Cuba que deje de sentir todo lo que debe a esa viejita querida, a esa viejita que le acariciaba a usted las manos con tanta ternura. La mente se le iba ya del mucho vivir, pero de vez en cuando se iluminaba aquel rostro enérgico, como si diera en él un rayo de sol [...]

⁷¹ ¿Qué había en esta mujer, qué epopeya y misterio había en esa humilde mujer, qué santidad y unción hubo en su seno de madre, qué decoro y grandeza hubo en su sencilla vida, que cuando se escribe de ella como de la raíz del alma con serenidad de hijo, y como de entrañable efecto? Así queda en la historia, sonriendo al acabar su vida, rodeada de los varones que pelearon por su país, criando a sus nietos para que peleen

reafirma, além de ampliar, minha obrigação de lutar pelo ideal que foi o altar de sua consagração divina neste mundo. [...] A terceira causa de minha dor você conheceu de perto, quando mal se podia ouvi-la falar sobre os assuntos de Cuba Livre - como ela chamava a Revolução - com a ternura de sua alma e o encanto maternal que brota daquilo que foi moldado com tanto sangue generoso e que nos obriga ao cumprimento de nossos deveres políticos. [...] (Maceo, 1894. In: Portuondo, 1976, p. 116-118 apud Cupull; González, 2015, p. 40. Tradução nossa)⁷².

A gênese da ideia de mãe abnegada e mulher modelo na sociedade foi moldada a partir da influência desses dois personagens: Antonio Maceo e José Martí. Desse modo, em outros contextos, essas ideias foram refinadas e aprofundadas visando fortalecer a noção de identidade e a construção de um panteão de heróis, que representassem a sociedade em desenvolvimento.

Em adição, no texto *Memória e Família* (1989), Myriam Moraes Lins de Barros destaca a relevância dos chamados “guardiões da memória familiar”, indivíduos que assumem a responsabilidade de preservar a história e os valores familiares. Esses sujeitos desempenham um papel fundamental na manutenção das tradições, atuando como mediadores na transmissão da memória e na construção da identidade familiar ao longo das gerações. Assim, argumentamos que Antonio Maceo exerceu a função de mediador na construção e na instrumentalização memória de sua mãe, uma vez que a maior parte das informações disponíveis sobre ela estão, direta ou indiretamente, vinculadas aos seus relatos. Dessa forma, sua atuação influenciou significativamente a forma como a memória materna foi preservada e transmitida.

Por outro lado, em termos comparativos, é possível afirmar que a ampliação da figura materna a essa dimensão ocorreu, em grande medida, devido à influência de José Martí, reconhecido como a principal referência heroica no panteão cubano. Seu papel foi fundamental para a consolidação dessa perspectiva, conferindo-lhe maior relevância dentro do imaginário nacional.

Avançando no tempo, chegamos ao início do século XX, marcado pela jovem república cubana. Paralelamente à instauração de uma República, ainda que instável, surge a necessidade de estabelecer símbolos nacionais e heróis que garantam a legitimidade do novo

⁷² *Tres veces, en mi angustiada vida de revolucionario cubano, he sufrido las más fuertes y tempestuosas emociones del dolor y la tristeza que producen las desapariciones de seres tan amados como el que acabo de perder ahora en tierra extraña, sometiendo a prueba una vez más mi corazón de patriota, que es todo entero de su causa, y de hijo agradecido.*

Ella, la madre que acabo de perder me honra con su memoria de virtuosa matrona, y confirma y aumenta mi deber de combatir por el ideal que era el altar de su consagración divina en este mundo [...] La tercera causa de pena, la conoció usted de cerca, cuando apenas podía oírsele hablar de las cosas de Cuba Libre, como ella decía de la revolución, con la ternura de su alma y el encanto maternal que produce lo que se amasó con tanta sangre generosa y nos obliga al cumplimiento de nuestros deberes políticos [...]

regime político. Dentro dessa lógica, a imagem de Mariana Grajales foi moldada para se tornar um ícone representativo no imaginário coletivo cubano. No século XX, essa tendência se intensificou.

Acreditamos que o marco inicial desse processo, no século XX, seja 1923, trinta anos após a morte de Mariana. Nesse ano, o político José C. Palomino, vice-presidente da Câmara Municipal de Santiago de Cuba, deu início, junto com o comitê “*Pro repatriacion de los restos de Mariana Grajales*”, a empreitada de exumar e transladar os restos mortais dessa figura histórica para sua terra natal, uma vez que faleceu na Jamaica, durante o exílio. Esse momento ficou conhecido como “O enterro cubano de Mariana Grajales”.⁷³ Em Cuba, ela foi sepultada próximo à família no cemitério *Santa Ifigenia*, localizado em Santiago de Cuba. A Figura 2 apresenta a cerimônia do segundo sepultamento.

O filho mais célebre de nossa personagem havia falecido quase três décadas antes, no entanto, a “*Acta de Exhumación*” de 1923, disponível no anexo documental do livro “*Mariana: raíz del alma cubana*”, faz uma breve e elogiosa menção ao ilustre general Antonio Maceo. Essa constatação corrobora com a nossa hipótese de que a representação de Grajales está intimamente ligada à sua condição de mãe, notadamente como a mãe de Maceo, e que, frequentemente, a maternidade eclipsa sua subjetividade e luta política.

Em outra ocasião, defendemos que a ampla difusão e consolidação de Mariana Grajales como “mãe abnegada” resultam, em grande medida, da influência exercida por Antonio Maceo e, sobretudo, José Martí. Além disso, argumentamos que o traslado de seus restos mortais, assim como eventos subsequentes, só foram viabilizados devido à influência e ao impacto de suas atuações e escritos sobre as gerações que os sucederam.⁷⁴ Cabe ressaltar que o próprio Martí, logo após o falecimento de nossa personagem, enfatizou o desejo de que o sepultamento ocorresse em sua terra natal. No decorrer da pesquisa, não encontramos registros que evidenciem diretamente o posicionamento de Maceo sobre essa questão, no entanto, é plausível supor que seu pensamento estivesse alinhado ao de seu amigo.

Figura 2 - El entierro cubano de Mariana Grajales

⁷³ *El entierro Cubano de Mariana Grajales*.

⁷⁴ Em 15 de dezembro de 1893, José Martí escreveu uma carta cujo destinatário era Antonio Maceo. Martí escreveu que Mariana Grajales não teve a oportunidade de morrer em sua própria terra natal.



Fonte: Torres-Elers; Escalona- Chádez, 2015, p. 119. A comissão de repatriação em frente aos restos mortais de Mariana Grajales, minutos antes de serem guardados na urna de mármore que a levaria a terras cubanas. Naquela época, os médicos encarregados do exame forense acabavam de entregar o relatório. No centro, Dominga Maceo. Ao lado dos restos mortais aparecem fragmentos da caixa de carvalho com que Mariana foi sepultada”. Tradução nossa).⁷⁵

Mesmo décadas após o falecimento dessas três figuras históricas, a construção da imagem e da memória de Mariana continuaram em desenvolvimento, especialmente por meio de sua integração ao imaginário social e da produção de diversos elementos destinados à sua consolidação, como é o caso das representações artísticas. A seguir, analisaremos esse processo em maior profundidade.

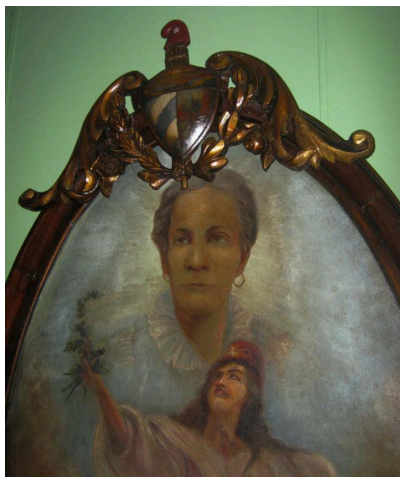
Figura 3: Retrato de Mariana Grajales tomado por Ernesto Bavastro Cassad



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.granma.cu/multimedia/imagenes/36545>. Acesso em: 15. fev. 2025.

⁷⁵ *La comisión de repatriación frente a los despojos de Mariana Grajales, minutos antes de ser guardados en la urna mármol que la conduciría a tierras cubanas. En esos momentos acababan de rendir su informe los médicos encargados del peritaje forense. Al centro, Dominga Maceo. Al lado de los restos, aparecen fragmentos de la caja de roble con que fue enterrada Mariana.*

Figura 4 - Quadro *La Madre de La Libertad* 1



Fonte: Imagem disponível em <https://www.granma.cu/cuba/2015-07-08/la-madre-de-la-libertad-un-momento-de-la-imagen-pictorica-de-marian-a-grajales-cuello>. Acesso em: 17. Fev. 2025

Figura 5 - Quadro *La Madre de La Libertad* 2



Fonte: Imagem disponível no livro CENTRO DE ESTUDIOS ANTONIO MACEO GRAJALES. **De la Tribu Heroica: anuario del Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales**. Dirección: Carmen Montalvo Suárez. Edición: Teresa Melo. Santiago de Cuba: Ediciones Claustrofobias, 2021

Inicialmente, pensamos que a arte representada nas Figuras 4 e 5 estivesse relacionada à iconografia religiosa, especificamente à Virgem Maria, mas ao estudá-la mais a fundo,

constatamos que seu significado transcende essa interpretação inicial. Segundo a historiadora Sandra Pesavento as representações imagéticas carregam significados simbólicos que transcendem a aparência superficial, revelando sentidos ocultos.

Neste caso, na correlação entre exposição e ocultamento, insinua-se um trabalho de substituição, mas onde se registra um deslizamento de sentido. As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade de decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência e sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo (Pesavento, 2012, p.41).

Dessa maneira, quais significados subjacentes podem ser identificados nessa obra de arte? Neste momento, voltamos nossa análise para a obra em si, apresentando informações pertinentes ao seu contexto e interpretação.

De autor anônimo, a obra em questão é conhecida por dois títulos: *La Madre de la Libertad* ou *Mariana Grajales*. A principal característica é a forma oval da moldura, com medida de 1,51 x 0,52 cm, e a técnica de pintura a óleo sobre cartão. Datada de 1942, foi possivelmente produzida na região de Santiago de Cuba e é considerada por muitos uma das mais antigas representações da figura de Mariana Grajales, remetendo a um famoso retrato de Ernesto Bavastro Cassard⁷⁶ (Figura 3). Originalmente, a pintura pertenceu ao general Manuel Benítez Valdés, sendo posteriormente doada, por iniciativa e a pedido do *Club Patriótico de Damas de Oriente*, ao antigo *Centro Provincial de Veteranos de Oriente*. Em reconhecimento à sua importância histórica e simbólica, a obra foi restaurada em homenagem ao bicentenário do nascimento de Mariana Grajales Cuello. Atualmente faz parte do acervo do *Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales* (CEAMG).

Embora a autoria da obra seja desconhecida, ela é considerada uma expressão da cultura popular. O desenhista cubano Jorge Juan Rigol Lomba classificou a obra como uma expressão da pintura popular, ressaltando o anonimato como uma característica essencial da arte cubana no final do século XVIII e início do século XIX. Desde o seu surgimento, a pintura popular cubana foi historicamente desvalorizada, em grande parte devido ao fato de que negros e pardos livres, praticamente os únicos dispostos a exercer esse ofício, foram relegados ao papel de mera mão de obra pelos artistas estrangeiros contratados pelas ordens religiosas. Impedidos de receber uma formação acadêmica formal, esses pintores tiveram que

⁷⁶ Considerando que Bavastro se exilou na Jamaica, é provável que a fotografia tenha sido produzida entre 1878 e 1887.

desenvolver suas habilidades de maneira autodidata, transmitindo entre si apenas os conhecimentos básicos da arte, o que os limitou à condição de artesãos. No entanto, por suas origens populares, a pintura cubana esteve diretamente inserida na vida cotidiana do povo, refletindo sua cultura, valores e experiências (Rigol, 2003). Segundo a pesquisadora Bárbara O. Argüelles Almenares, a pintura popular cubana sobre as guerras de independência teve origem na Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e foi propagada por artesãos com raízes *mambí* ou conexões diretas com a luta pela independência (Argüelles, 2015).

Retomando o fio da história, é importante destacar que a república cubana teve seu início no começo do século XX, tornando-se, à época da criação da pintura, um regime ainda recente. Como toda nação em formação, a jovem república necessitava de símbolos que contribuíssem para a consolidação de sua identidade e legitimidade. Nesse contexto, a pintura em questão emerge como parte desse processo, servindo como um elemento visual representativo dos ideais e valores que se buscava afirmar no novo cenário político.

Prosseguindo com a análise de *La madre de La Libertad*, estamos em sintonia com a perspectiva de Argüelles que sugere que a pintura configura-se como uma alegoria que representa a homenagem da pátria à sua heroína, valendo-se de diversos elementos simbólicos. Nessa composição, a pátria é personificada por uma figura feminina que veste um gorro frígio, tradicionalmente associado à liberdade, é um elemento identitário da Revolução Francesa e sua República. Em suas mãos, ela segura ramos de oliveira e louro, símbolos que remetem, respectivamente, à paz e à vitória (Argüelles, 2015).

A Revolução Francesa é frequentemente associada a uma figura feminina, simbolizando os ideais republicanos. No século XVIII, o nome Marianne, equivalente em espanhol a Mariana, tornou-se popular na França, sendo uma junção de Marie e Anne, dois nomes comuns entre as classes populares. Essa escolha reforçava a identificação da república com o povo, especialmente as camadas mais humildes da sociedade. Como observa José Murilo de Carvalho, o uso de uma figura feminina como representação da pátria tem raízes na tradição clássica, onde a Liberdade era personificada por uma mulher (Carvalho, 1990, p.75). Em adição, Carvalho salienta que

o uso da alegoria feminina se baseava em um sistema de interpretação do mundo do qual a república era apenas parte, embora importante. Na escala dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e pela família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade [...] A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade. O símbolo perfeito seria a virgem-mãe, por sugerir uma humanidade capaz de se reproduzir sem a interferência externa. Comte chegou ao ponto de especificar o tipo feminino que

deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços (Carvalho, 1990, p.81).

Dessa forma, compreende-se que a construção da pintura não ocorreu de maneira aleatória. É plausível supor que a intenção do artista era criar uma composição que evocasse tanto elementos da religiosidade quanto aspectos simbólicos relacionados à república, estabelecendo um jogo visual e conceitual intencional. Isso nos leva a concluir que as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, importadas da França, tinham uma ampla difusão nas camadas populares cubanas, considerando que a pintura é atribuída a esse segmento social.

Além disso, a pintura faz parte do processo de mistificação, construção heroica e preservação da memória de Mariana Grajales, reforçando estereótipos que conferem ao papel materno um caráter sagrado e inquestionável. Assim, sua imagem começou a ser consolidada como um exemplo de virtude e o principal símbolo feminino em Cuba. Justificamos a seleção desta obra pelo fato de acreditarmos que ela representa, de maneira significativa, a abrangência da figura de Mariana Grajales no imaginário popular.

O processo de construção e consolidação da imagem e memória de Mariana Grajales é longo, atravessando gerações e, possivelmente, ainda em curso na sociedade cubana. Um aspecto que merece destaque é a ressignificação da maternidade em sua trajetória e memória. Esse processo atingiu um novo patamar em 1957, quando Grajales recebeu o título de “*Madre de Cuba*” pelo então prefeito de Havana, Justo Luis Pozo del Puerto. É interessante observar que o apelido “*madre de la patria*” foi cunhado posteriormente, ganhou destaque com a revolução e se tornou uma expressão popular.

Destaca-se que a concessão do título foi marcada pelo contexto ditatorial do governo de Fulgencio Batista.⁷⁷ Existe uma vertente que afirma que até 1959, o cargo de prefeito de Havana equivalia a uma vice-presidência em Cuba,⁷⁸ e por isso seria plausível argumentar que a concessão da honraria tinha um caráter legítimo em âmbito nacional. No entanto, atualmente, há debates e disputas em torno da ausência de reconhecimento oficial da nomeação. Para alguns, especialmente aqueles alinhados à corrente de apoio à Revolução, a oficialização seria desnecessária, uma vez que a designação já havia sido amplamente mencionada nos discursos e escritos de Fidel Castro e José Martí, estando consolidada no vocabulário nacional. Por outro lado, os chamados “inimigos da revolução”⁷⁹ argumentam que

⁷⁷ Apesar da concessão do título durante o governo de Batista, não localizamos um debate sobre o tratamento da memória de Mariana Grajales ao longo desse regime.

⁷⁸ Ver <http://www.cubadebate.cu/especiales/2019/08/31/alcaldes-habaneros/>

⁷⁹ O debate em torno da oficialização do título recaiu sobre o entendimento de ameaça à integridade, estabilidade e unidade da Revolução de 1959.

a falta de formalização do título reflete um descaso por parte de Castro. Apesar dessas divergências, é inegável que o título está enraizado no imaginário e no vocabulário cubano. Tal como mencionado anteriormente, a designação de “*Madre de la Patria*” ganhou relevância durante a revolução, e vamos explorar esse tema com mais detalhes a seguir.

Antes da revolução, houve um resgate da memória das figuras-chave do processo de independência do século XIX, destacando-se Antonio Maceo, Mariana Grajales e José Martí. Isso ocorreu, principalmente, devido à necessidade de transmitir a ideia de continuidade das lutas pela libertação e soberania nacional. É fundamental reforçar a relevância da memória simbólica do processo de independência na construção da identidade e na formação dos guerrilheiros. Nesse contexto específico, concretizou-se a criação do “*Pelotón femenino Mariana Grajales*”, popularmente conhecido como “*Las Marianas*”, no dia 4 de setembro de 1958.

É inegável que as mulheres estiveram presentes nas fileiras do Movimento 26 de Julho (M-26) desde a sua formação, desempenhando diversas funções, inclusive na região da Sierra Maestra. No entanto, por um longo período, houve resistência, principalmente por parte dos homens, quanto à sua participação armada nos combates. Ainda assim, a presença feminina foi fundamental desde os primórdios do processo revolucionário em Cuba.

Entre as mulheres que desempenharam um papel de destaque na luta armada, destaca-se Celia Sánchez Manduley (1920-1980). Nascida em Manzanillo, próximo à Sierra Maestra, Sánchez foi uma figura central na organização e no desenvolvimento da guerrilha revolucionária. Ainda jovem, em 1947, tornou-se membro fundadora do Partido Ortodoxo e, anos depois, coordenou a campanha de anistia dos prisioneiros do ataque ao Quartel Moncada. Em 1955, participou da fundação do Movimento 26 de Julho (M-26), consolidando-se como a principal liderança em Manzanillo.

No contexto da luta armada, Sánchez desempenhou um papel essencial na estruturação da rede urbana de abastecimento e recrutamento do Exército Rebelde. Em abril de 1957, tornou-se a primeira mulher combatente a ingressar formalmente no *Ejército Rebelde*, sendo considerada o braço direito de Fidel Castro. Sua importância dentro da organização foi reconhecida quando, em outubro do mesmo ano, passou a integrar o comando geral do movimento. O próprio Che Guevara, em seu diário, referiu-se a ela como uma mulher extremamente ativa (Guevara, 2012, p.62). Posteriormente, Sánchez foi homenageada com o título de “*Heroína de la Sierra*”. Sua influência foi determinante para a criação do pelotão feminino Mariana Grajales, evidenciando sua contribuição para a inserção das mulheres no cenário revolucionário cubano.

No livro *La Contraofensiva Estratégica*, Fidel Castro narra as vitórias do Exército Revolucionário entre 6 de agosto de 1958 e o triunfo da Revolução em janeiro de 1959. Entre os registros documentais de setembro de 1958, há indícios de que, no mês anterior, já havia uma mobilização para a incorporação das mulheres à luta armada. Castro relata que, no final de agosto, presidiu uma reunião com os oficiais no hospital de La Plata, na qual foi debatida a participação das mulheres guerrilheiras, até então limitadas a funções de retaguarda, como combatentes na linha de frente (Castro, 2010).

A documentação revela indícios de uma mobilização voltada à participação feminina na luta armada, sugerindo a existência de certo respaldo à causa. Corroborando essa perspectiva, Teté Puebla, que exerceu a função de vice-comandante do pelotão e, posteriormente, foi condecorada com o título de general, destacou que, após insistentes reivindicações das mulheres, Fidel Castro, então comandante-chefe, autorizou sua participação efetiva no combate. Como resultado dessa movimentação, foi formado o Pelotão Feminino Mariana Grajales, conforme indicado:

Diante da opinião de alguns, finalmente falei por um longo tempo e os convenci do direito das mulheres de também lutarem com armas em mãos. [...] Em 3 de setembro, foi organizado o Pelotão Feminino Mariana Grajales, em homenagem à mãe de Antonio Maceo, um exemplo de patriota cubana (Castro, 2010. Tradução nossa).⁸⁰

Há uma divergência quanto à data de fundação do Pelotão Feminino Mariana Grajales. Enquanto Fidel Castro, em seus escritos, indica o dia 3 de setembro de 1958, Teté Puebla⁸¹ e diversas outras fontes apontam o dia 4 do mesmo mês e ano. Segundo Puebla, a decisão foi tomada em uma reunião do Estado-Maior do comandante, que se estendeu por aproximadamente oito horas. Durante esse encontro, alguns oficiais demonstraram resistência à inclusão das mulheres na guerrilha, argumentando que, diante da escassez de armamentos, seria injusto fornecê-los às combatentes enquanto ainda havia homens desarmados. Em contraposição, Castro sustentava que as mulheres eram soldados mais disciplinadas e, portanto, estavam plenamente aptas ao combate. Convicto da criação do pelotão feminino, ele se comprometeu a treiná-las no manuseio de armas e foi responsável pela escolha do nome da

⁸⁰ *Frente al criterio de algunos, hablé finalmente y durante largo rato, los convenci del derecho de la mujer a luchar también con las armas en la mano.[...] El 3 de septiembre quedó organizado el pelotón femenino Mariana Grajales, nombre de la madre de Antonio Maceo y ejemplo de patriota cubana (Castro, 2010)*

⁸¹ *Marians en Combate: Teté Puebla e el Pelotón Femenino Mariana Grajales en la guerra revolucionaria cubana (2018).*

unidade, uma homenagem clara a Mariana Grajales. Sobre a liderança do pelotão, Fidel Castro afirmou ter nomeado a enfermeira rebelde Isabel Rielo como comandante, concedendo-lhe o posto de tenente. Posteriormente, Rielo alcançou o grau de capitã das Forças Armadas Revolucionárias. Como sua segunda no comando, foi designada a tenente Teté Puebla.

Originalmente, o Pelotão feminino foi composto por treze mulheres. São elas: Isabel Luisa Rielo Rodríguez, Olga Esther Guevara Pérez (Olguita), Ángela Antolín Escalona (Angelina), Edemis Tamayo Núñez (*la Gallega*), Orosia Soto Sardina, Flor Celeste Pérez Chávez, Eva Rodríguez Palma, Lilia Rielo Rodríguez, Rita García Reyes, Juana Bautista Peña Peña, Ada Bella Acosta Pompa, Norma Rosa Ferrer Benítez e Delsa Esther Puebla Viltres (Teté Puebla). Mais tarde, essas mulheres foram incumbidas de integrar a guarda pessoal de Fidel Castro. Segundo Puebla, essa decisão representou uma demonstração da confiança de Castro nelas, além de refletir sua visão de igualdade em relação às mulheres (Waters, 2018, p.54). Na Figura 6, podemos observar Fidel Castro ao lado de algumas integrantes do pelotão feminino.

Figura 6 - Fidel Castro e *Las Marianas*



Fonte: Waters, 2018, p. 52. Da esquerda: Lola Feria, Edemis Tamayo, Teté Puebla, Fidel Castro, Isabel Rielo, Celia Sánchez, Lilia Rielo e Eddy Suñol.

Após essa breve introdução sobre a origem e o significado da unidade militar que levou o nome da personagem central deste estudo, vamos retomar as ideias sobre a recuperação da memória dessa figura feminina após o triunfo do movimento revolucionário em janeiro de 1959.

Para Cássia Vassi, a história das mulheres em Cuba, no período pós-década de 1950, passou a ressaltar sua participação na Guerra dos Dez Anos, gerando disputas sobre qual seria o ideal de mulher, destacando-se o modelo das mambisas (Vassi, 2007, p. 162). Convém observar que a personagem abordada nesta pesquisa também se enquadra nessa categoria. No mesmo movimento, K. Lynn Stoner salienta que “ressuscitar a figura da mambisa e vinculá-la à Revolução foi um dos primeiros atos de criação do mito revolucionário. Sua missão era enraizar a Revolução de 1959 em um passado legítimo” (Stoner, 2003, p.87. Tradução nossa). É nesse contexto histórico que a imagem de Mariana Grajales começa seu processo de revalorização no âmbito da Revolução, impulsionada pelo pelotão mencionado anteriormente.

Com a vitória dos guerrilheiros, poemas e canções também foram importantes no processo de vinculação da Revolução de 1959 ao processo de independência e seus principais personagens. Alguns exemplos são os poemas “*Marcha Triunfal del Ejército Rebelde*”, “*Mujeres*” e “*Mariana Grajales, madre de la Patria*”, escritos por Jesús Orta Ruiz, conhecido como *Él Indio Naborí*, onde o autor faz menção ao Pelotão Feminino e à “mãe da pátria” cubana, nos seguintes trechos:

Marcha triunfal del ejército rebelde:

Passa fulgurante Camilo Cienfuegos./ Iluminam seu rosto cem fogos de glória./
Passam capitães, lavradores curtidos/ que vêm de arar na História. Passam as
marianas sem outras coroas além de seus sacrifícios: cubanas marciais, gardêneas
que um dia se tornaram leões ao beijo de dona Mariana Grajales.” (Tradução nossa).

⁸²

Mujeres:

Vem daquela imortal mãe Mariana Grajales, com seus onze colossais homens de um
mesmo ideal. Quando um diamante se transforma em coral, não há um soluço em
sua boca nem um tremor em seus lábios; e diz ao filho mais novo: Levante-se, pois é
sua vez (Tradução nossa).⁸³

Mariana Grajales, Madre de la Patria:

⁸² Pasa fulgurante Camilo Cienfuegos./ Alumbran su rostro cien fuegos de gloria./ Pasan capitanes, curtidos labriegos/ que vienen de arar en la Historia. Pasan las marianas sin otras coronas/ que sus sacrificios: cubanas marciales, / gardenias que un día se hicieron leonas/ al beso de doña Mariana Grajales (Grifo nosso). Disponível em

<https://www.granma.cu/hasta-la-victoria-siempre-fidel/2016-12-01/marcha-triunfal-del-ejercito-rebelde-01-12-2016-02-12-37>. Acesso em: 23 fev. 2025.

⁸³ “Viene de aquella inmortal madre Mariana Grajales, con sus once colosales hombres de un mismo ideal. Cuando se vuelve coral un diamante de su roca, no hay un sollozo en su boca ni en sus labios un temblor; y dice al hijo menor: Empínate, que te toca (Gifo nosso). Disponível em <https://micubaporsiempre.wordpress.com/2023/03/08/mujeres-del-indio-nabori-mujeres-en-revolucion/> Acesso em: 23. fev. 2025.

Da pátria soberana, Carlos Manuel é o pai e a indiscutível mãe é a heroína Mariana... Foi, porque amava sua terra e amamentou ilustres varões, leoa que deu leões à necessária guerra. Depois, Fidel na Sierra encontrou bravas serranas que se chamavam “Marianas”, e dessa promoção surgiu a Federação de Mulheres Cubanas.” (Tradução nossa).⁸⁴

Nos primeiros anos da revolução, músicas foram compostas em homenagem aos considerados heróis e heroínas de Sierra Maestra, resgatando personagens históricos do processo de independência do século XIX, inclusive Mariana. Nesse sentido, no trabalho *Representações de Che Guevara na canção Latino-americana*, a historiadora Mariana Martins Villaça argumenta que, entre as diversas formas de monumentalização de heróis nacionais, a canção e o documentário assumiram papel de destaque, por possibilitar, de maneira particularmente eficaz, a identificação emocional do público com a figura histórica representada (Villaça, 2006, p. 358).

No texto *Fontes audiovisuais: a História depois do papel*, o historiador Marcos Napolitano sugere diretrizes para o uso de músicas como documento histórico. A mais relevante para a pesquisa historiográfica consiste em reconhecer a obra sonora como um objeto cultural, sem desconsiderar os aspectos literários, linguísticos ou tecnológicos, que podem assumir relevância em outros campos de investigação. A isso se acrescenta que uma análise geral deve considerar aspectos como: criação, produção, circulação e recepção (Napolitano, 2005, p. 271-273).

Além disso, Villaça sinaliza que a canção, que já tinha grande importância em Cuba, ganhou ainda mais força com a política internacionalista adotada pelo governo para expandir a Revolução pela América Latina e apoiar movimentos guerrilheiros. Com o objetivo de estreitar laços com outros países do continente, o governo cubano criou, em 1967, o Centro de la Canción Protesta de Casa de las Américas, durante o congresso da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS) (Villaça, 2006, p. 358)

Nesse contexto estão inseridas as composições do músico cubano Carlos Puebla.⁸⁵ As canções selecionadas são “La mujer esta con la revolución” e “Canto a Mariana Grajales”, ambas atribuídas ao álbum “Carlos Puebla y sus Tradicionales: canto a la isla de la

⁸⁴ *De la patria soberana es Carlos Manuel el padre y la indiscutible madre es la heroína Mariana... Fue, porque amaba a su tierra y lactó ilustres varones, leona que dio leones a la necesaria guerra. Luego Fidel en la Sierra encontró bravas serranas que se llamaron “Marianas”, y de aquella promoción surgió la Federación de las Mujeres Cubanas* (Grifo nosso).

⁸⁵ Carlos Manuel Puebla Concha (1917-1989) foi um cantor e compositor cubano, conhecido como "o cantor da Revolução". Utilizou sua música para difundir os valores da Revolução Cubana, cantando sobre alguns dos eventos mais relevantes desse período.

juventud”, lançado em 1971, pela *Empresa de Grabaciones y Ediciones Musicales* (EGREM), que posteriormente se converteria em *Editora Musical de Cuba*. O álbum possui dez canções e segue um tom político, característico da obra de Puebla, que costumava fazer referência à Guerra do Vietnã, ao Panamá, ao patriotismo e aos símbolos nacionais, como o caso de Grajales, a exemplo das canções a seguir:

*La mujer esta con la revolución*⁸⁶

Es hoy la mujer cubana
el sol de la patria mía
Es campo y es alegría,
es patriota y miliciana
La mujer está con la revolución
En Cuba está con la revolución
La mujer está con la revolución
En Cuba está con la revolución
Esta luz de la mañana
tan sólo así se concibe
Mariana Grajales vive
en cada mujer cubana⁸⁷

*Canto a Mariana Grajales*⁸⁸

*Para Mariana Grajales
hubo tan solo once pausas,
once para la bandera
y once para la patria.
Coro: Mariana Grajales
eres tú la misma patria,
eres cantar y bandera
de los puros ideales.
Once cachorros bravíos
le nacieron a Mariana
once hijos y ninguno,
ninguno murió en la cama.
Coro (se repite)
El camino del decoro
Mariana les señalaba,
el camino luminoso
que ella misma transitaba.
Coro (se repite)
Sus manos llenas de estrellas
que ella misma colocaba,
sobre los hombros altivos
nacidos de su enseñanza.
Coro (se repite)
Era Mariana Grajales
no hay que asombrarse de nada,
la Madre de los Maceo
el cimiento de la patria.*

⁸⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oLPMfkXzCZM>

⁸⁷ É hoje a mulher cubana o sol da minha pátria/ É campo e é alegria é patriota e miliciana / A mulher está com a Revolução Em Cuba, está com a Revolução / A mulher está com a Revolução/ Em Cuba, está com a Revolução / Esta luz da manhã só pode ser concebida assim Mariana Grajales vive em cada mulher cubana

⁸⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3w3-DHlzWYw>

Coro (se repite)

As músicas apresentadas anteriormente fazem parte de um projeto político que busca vincular Mariana Grajales ao processo revolucionário, destacando seu papel histórico e enaltecendo sua importância. Essa valorização ocorre por meio da menção aos seus filhos e aos ideais que defendia. Além disso, a ideia de que as mulheres são continuadoras do legado de Grajales reforça a noção de que as lutas iniciadas no passado ainda persistem e dependem da participação feminina para a consolidação e manutenção da nova sociedade em construção. Ambas as canções possuem um forte valor simbólico, evidenciando a ideia de pátria e a tentativa de associá-la diretamente a Grajales, representando-a como sua maior expressão. No entanto, a segunda canção apresenta inconsistências historiográficas, como a imprecisão sobre o número de filhos, o que pode ser compreendido como uma característica da época. Apesar de o processo de consolidação da memória já estar em andamento, a historiografia sobre o tema ainda era limitada durante a década de 1970.⁸⁹

No dia 23 de agosto de 1960, o então primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro, no discurso do ato de fusão de todas as organizações políticas femininas do país, criou a “Federación de Mujeres Cubanas” (FMC). Castro salientou a participação das mulheres e mencionou Mariana Grajales como exemplo combativo.

E não é novidade, pois a história já nos falava de grandes mulheres em nossas lutas pela independência, e uma delas as simboliza a todas: Mariana Grajales, aquela que disse ao filho mais novo: 'Empine-se, para que você vá lutar também por sua pátria!' E nesta etapa heroica do nosso povo, também ficarão gravados para sempre muitos feitos, nos quais as protagonistas foram mulheres cubanas [...] a Revolução tinha nas mulheres verdadeiras combatentes, verdadeiras lutadoras” (Tradução nossa).⁹⁰

É fundamental destacar que um evento originalmente concebido para valorizar políticas voltadas para as mulheres e conduzidas por elas tem como principal discurso o de um homem. Nesse contexto, Fidel Castro concentrou sua fala na dimensão materna da trajetória de Mariana Grajales. Embora reconheçamos que a maternidade tenha sido e continue sendo um aspecto relevante, não se pode reduzi-la a esse único papel. Por que não

⁸⁹ Sarabia, 1975. O trabalho é considerado um clássico nas pesquisas sobre Mariana Grajales. No entanto, encontra-se desatualizado.

⁹⁰ “Y no es nuevo, ya la historia nos hablaba de grandes mujeres en nuestras luchas por la independencia, y una de ellas las simboliza a todas: Mariana Grajales, aquella que le dijo al hijo más pequeño: “¡Empínate, para que vayas a luchar también por tu patria!” Y en esta etapa heroica de nuestro pueblo, también quedarán grabados para siempre muchos hechos, en los cuales fueron protagonistas mujeres cubanas [...] la Revolución tenía en las mujeres verdaderos combatientes, verdaderas luchadoras”. (Grifo nosso); Disponível em <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f230860e.html> Acesso em: 18. fev. 2025.

ênfatizar também sua atuação política, especialmente no que se refere ao engajamento com outras mulheres que participaram ativamente da vida política cubana?

Compreendemos que a exaltação da maternidade em Mariana Grajales, sobretudo nos anos iniciais da revolução cubana, foi parte de um projeto político mais amplo. Se, por um lado, havia a necessidade de legitimar o novo regime por meio do resgate da memória e da continuidade das lutas do século XIX, por outro, a mobilização da figura materna servia como estratégia para a manutenção do próprio regime. Afinal, os estereótipos de gênero reforçam a ideia de que a mãe é a principal responsável pelo filho, o que pode ter sido instrumentalizado nesse processo.

Quanto a isso, o professor Losandro Antonio Tedeschi observa que os discursos, construídos fundamentalmente por homens, delimitam os domínios sociais das mulheres à maternidade e domesticidade.

A fim de garantir sua permanência no espaço privado do lar, passam a ser construídas as representações sobre as características e capacidades especificamente femininas, entre elas, a relação de afeto com a criança, o amor inato da mãe, o sentimento materno, unindo todas as mulheres em torno dessa única função. É assim que as características biológicas – a maternidade inscrita no corpo feminino – passam a assumir um significado social. A maternidade passa a ser vista como parte da “natureza feminina”, e a função da mãe na educação e cuidado dos filhos como algo natural, o que na modernidade os teóricos do século XVIII não tardaram a acrescentar uma nova função: a de educadora (Tedeschi, 2012, p. 18).

A historiadora Giselle Santos aponta que, após o triunfo da Revolução, as medidas estabelecidas em Cuba como forma de propagação da igualdade muito se assemelham ao modelo elaborado na União Soviética, que valorizava a família e a moral socialista. A autora aponta que em 1974, no II Congresso da FMC, foram fixados os cinco fundamentos da entidade, sendo determinados o papel e a função da chamada “nova mulher”, responsável pela construção da nova sociedade revolucionária, sobretudo como mãe, cuja responsabilidade é a formação das novas gerações. As mulheres, junto com os homens, foram convocadas para construir a “nova sociedade” e atuar nos afazeres revolucionários (Santos, 2009, p. 1).

No período pós-revolucionário, notamos uma valorização dos aspectos maternos nas instituições cubanas. No contexto da *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC), a principal representação visual da organização foi, inicialmente, a ilustração de uma mulher portando uma arma nas costas enquanto segurava um bebê nos braços, simbolizando a conciliação entre a luta revolucionária e a maternidade. É relevante destacar que, em 2007, após o falecimento

de Vilma Espín,⁹¹ esse emblema foi alterado, e a imagem da líder revolucionária passou a ser utilizada como novo símbolo da FMC, refletindo sua importância na história da organização e no movimento de mulheres em Cuba. A trajetória dos emblemas pode ser observada na Figura 7. Sob outra perspectiva, observamos que, na primeira imagem, a pomba branca, símbolo amplamente associado à paz, também remete a significados como pureza, inocência, amor e esperança. No âmbito da doutrina cristã, esse elemento iconográfico adquire ainda maior densidade simbólica, pois é tradicionalmente relacionado à figura do Espírito Santo e à ideia de reconciliação entre Deus e a humanidade.⁹² Dentro desse horizonte interpretativo, a representação visual da mãe e da criança remetem a Maria, a mãe abnegada, e Jesus. Ademais, é importante destacar que atributos como amor, paz e inocência são historicamente vinculados a uma performance de feminilidade, funcionando como construções de gênero que moldam expectativas sociais sobre comportamentos e disposições consideradas “adequadas” às mulheres. Desse modo, a presença da pomba não apenas reforça valores espiritualizados, mas também aciona um imaginário religioso e de gênero que contribui para a produção de sentidos específicos na representação analisada.

Figura 7 - *Tres logos que cuentan una historia*



Fonte: Imagem disponível em:

<https://www.granma.cu/cuba/2018-08-23/tres-logos-que-cuentan-una-historia-23-08-2018-18-08-45>. Acesso em: 18. Fev. 2025.

Retomando a discussão sobre a pintura *La Madre de La Libertad* e as representações femininas associadas à pátria, é pertinente destacar a reflexão do historiador José Murilo de Carvalho. O autor ressalta que, dentro das concepções positivistas, especialmente as

⁹¹ Vilma Espín Guillois (1930 - 2007) foi uma engenheira química e revolucionária cubana, que lutou na Sierra Maestra. Espín foi presidente da Federação das Mulheres Cubanas de 1960, ano de fundação, até à sua morte em 2007.

⁹² Ver Gênesis 8:8-11; Mateus 3:16; Marcos 1: 10; Lucas 3:22 e João 1:32. Os textos bíblicos não especificam a cor da pomba; contudo, na tradição iconográfica cristã, ela é frequentemente representada na cor branca. Esse uso simbólico pode ser relacionado à passagem de Marcos 9:3, que descreve a transfiguração de Jesus e enfatiza a brancura intensa de suas vestes, comparadas à neve. Considerando que a pomba é convencionalmente associada ao Espírito Santo, é compreensível a adoção dessa cor, que reforça significados vinculados à pureza, à divindade e à santidade na construção visual cristã.

formuladas por Auguste Comte, a humanidade seria simbolicamente representada por uma mulher de trinta anos segurando um filho nos braços (Carvalho, 1990, p.81). Essa perspectiva evidencia a forte conexão entre a noção de humanidade e o processo de construção e consolidação da nação, reforçando a imagem materna como um pilar fundamental na configuração do ideal nacional.

Identificamos que, após a revolução, o processo de construção heroica de Mariana se intensificou. Não por acaso, em diversos artigos de sites do governo cubano, é possível encontrar a atribuição do título de “heroína da pátria”. A necessidade de representações simbólicas e de figuras heróicas torna-se essencial para exemplificar e consolidar um modelo de sociedade. Segundo Maria Lígia Prado, a escolha dos heróis nacionais ocorre após uma “luta de representações”, na qual se define quais indivíduos serão consagrados como heróis e heroínas. No caso das mulheres, essas figuras são frequentemente mobilizadas com o propósito de transmitir lições morais às gerações mais jovens. Em muitos contextos, sua imagem é utilizada como instrumento pedagógico para a difusão do civismo no ambiente escolar (Prado, 1999, p. 29-52).

Nesse contexto de consolidação dos heróis nacionais, os historiadores cubanos Damaris Amparo Torres-Elers e Israel Escalona destacam que, após a revolução, houve uma significativa ampliação das pesquisas históricas sobre a participação das mulheres no processo de independência, com especial destaque para Mariana Grajales.⁹³ Entretanto, a dimensão histórica de Grajales não é desenvolvida de maneira ampla, já que muitos estudos, pelo menos os que consultamos durante esta pesquisa, continuam centrados no aspecto materno.

Como foi dito, José Murilo de Carvalho enfatiza que toda sociedade que se preza necessita de heróis, pois são eles que conferem legitimidade aos regimes políticos e reforçam os valores que sustentam a identidade nacional. Segundo o autor, a construção dessas figuras heróicas não ocorre de maneira aleatória, mas sim como parte de um processo de seleção simbólica que reflete ideais, aspirações e mitos fundadores de uma nação. Um herói digno de admiração não apenas incorpora os princípios e virtudes considerados fundamentais para a coletividade, mas também desempenha um papel estratégico na consolidação de um imaginário nacional, projetando um modelo de cidadania e pertencimento. Assim, os heróis

⁹³ Ver Torres- Elers, Damaris Amparo. La participación en las guerras de independencia: una mirada historiográfica desde la contemporaneidad. Disponível em <https://santiago.uo.edu/cu/index.php/stgo/article/view/5144> Acesso em: 18. fev. 2025. Escalona, Israel. Mariana Grajales Cuello en la historiografía cubana. In: Torres-Elers, Damaris Amparo; Escalona Chádez, Israel (org.) **Mariana Grajales Cuello: Doscientos años en la historia y la memoria**. Santiago de Cuba: Ediciones Santiago, 2015.

tornam-se instrumentos de coesão social e legitimação política, sendo continuamente ressignificados de acordo com os desafios e demandas históricas de cada contexto (Carvalho, 1990, p. 55).

Conforme mencionado anteriormente, a construção da memória de Mariana Grajales é fortemente marcada pela ênfase em seu papel materno, aspecto que também se reflete em seu processo de heroização. Nesse sentido, observamos que diversas homenagens prestadas ao longo dos anos foram estrategicamente realizadas em datas coincidentes com as comemorações do dia das mães, evidenciando a associação intencional entre sua figura e a maternidade.

Outro aspecto relevante no processo de construção da imagem e da memória de Grajales foi a atribuição de seu nome a hospitais, escolas, praças e outros espaços públicos, promovendo sua memorialização. A criação desses lugares de memória reflete um esforço deliberado para preservar e consolidar determinadas narrativas históricas. Conforme Pierre Nora, os lugares de memória podem ser físicos, simbólicos ou institucionais, exercendo um papel fundamental na manutenção da memória coletiva. Eles emergem quando a transmissão espontânea do passado dá lugar a registros e monumentos que formalizam e cristalizam esse legado. Nesse sentido, a edificação de monumentos, bem como a realização de cerimônias e homenagens em datas simbólicas, desempenha um papel essencial na construção da identidade nacional e na legitimação de figuras e eventos históricos (Nora, 1993).

O nome de Mariana Grajales também foi atribuído a diversas instituições públicas, como o *Hospital Materno Sur Mariana Grajales Cuello* (Figura 8.) e unidades educacionais, entre elas a *Facultad de Ciencias Médicas Mariana Grajales Coello*, evidenciando o processo de consagração de sua figura na memória oficial cubana.

Figura 8 - *Hospital Materno Sur Mariana Grajales*



Fonte: Imagem disponível em:

<https://sierramaestra.cu/index.php/titulares/item/2969-mas-de-nueve-decadas-dando-vida>. Acesso em: 19 fev. 2025.

O patrimônio cultural, entendido como a herança transmitida de geração em geração dentro de uma comunidade, desempenha um papel fundamental na conexão entre o passado e as pessoas que o vivenciam no presente (Hernández, 2020). Por meio dessa herança, a comunidade mantém viva sua memória histórica, reforça sua coesão social e estabelece um sentido de pertencimento. O *Museo Casa Natal Antonio Maceo*⁹⁴ e o *Centro de Estudios Antonio Maceo* já se configuram como espaços de memória. Contudo, com o intuito de fortalecer essa homenagem, foram desenvolvidos elementos materiais que ampliam a preservação da memória histórica, dentre eles, dois bustos dedicados à “mãe da pátria”. O primeiro, esculpido em pedra branca, é uma obra do artista René Valdés Cedeño⁹⁵, consolidando-se como um marco simbólico dentro desse processo de valorização e reconhecimento. Conforme o pesquisador Víctor Manuel Pullés Fernandez e os registros institucionais, a Federação Democrática de Mulheres realizou, na década de 1950, a doação do busto aos descendentes da família Maceo-Grajales que habitavam a residência. A escultura apresenta dimensões de 29 cm de comprimento, 38,5 cm de largura e 68 cm de altura, estando atualmente em exibição na primeira sala do museu (Pullés, 2021).

A segunda escultura de Mariana, igualmente em exibição no museu, foi concebida

⁹⁴ Localizado em Santiago de Cuba. É o local de nascimento do general Antonio Maceo. Em 1871, as autoridades espanholas confiscaram a propriedade devido ao envolvimento da família Maceo-Grajales na guerra. Embora, pela legislação de 1873, a apreensão devesse ser anulada, o governo colonial manteve o controle sobre os bens expropriados. Somente em 1876, Mariana Grajales conseguiu recuperar a casa.

⁹⁵ René Valdés Cedeño (1916-1976) foi um escultor cubano. Nascido em Havana, formou-se na Academia Nacional de Belas Artes San Alejandro. Foi membro da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), presidiu a filial de Santiago até seu falecimento.

pelo artista Alberto Lescay Merencio⁹⁶ em 2015 para celebrar o bicentenário natalício da “mãe da pátria”. Inicialmente, a peça foi colocada ao lado do túmulo onde repousam seus restos mortais, no cemitério patrimonial Santa Ifigenia. O busto estava assentado sobre um pedestal de madeira, elaborado a partir do tronco de uma árvore centenária proveniente dos montes de Baconao, local historicamente associado às atividades da família Mace-Grajales. Em 2017, com a relocação do túmulo para a área frontal do cemitério, a fim de integrar o corredor patrimonial dedicado aos pais fundadores, a escultura foi incorporada ao acervo do *Museo Casa-Natal Antonio Maceo*, sendo realocada para o pátio da instituição.⁹⁷ No local onde atualmente se encontra o túmulo de Mariana, no corredor dos pais fundadores, foi instalada uma escultura de Grajales, projetada por Lescay. A obra retrata a figura da patriota elevada sobre um imponente pedestal com formato de árvore de ceiba.

É pertinente observar que a ceiba, *ceiba pentandra*, também conhecida como sumaúma, é uma árvore tropical de grande porte, nativa da América Central, América do Sul, Caribe e algumas regiões da África. Pode atingir mais de 60 metros de altura. Além de sua estrutura, a ceiba possui profundo significado cultural e simbólico em diversas tradições. Na *santería*, religião afro-cubana, é considerada uma árvore sagrada, estabelecendo uma conexão entre os vivos e os ancestrais. Há a crença de que espíritos habitam suas raízes e tronco, reforçando sua importância espiritual. Em Cuba, a ceiba é um símbolo de resistência, história e identidade, frequentemente associada a figuras da independência e à ancestralidade africana.⁹⁸

Figura 9: Emplazan busto de Mariana Grajales en Casa Museo

⁹⁶ Alberto Lescay Merencio (1950) é um renomado escultor cubano, conhecido por suas obras monumentais. Formado na Escola Nacional de Arte (ENA) e no Instituto Superior de Arte (ISA) em Havana, especializou-se em escultura monumental na Academia Repin, na Rússia. Fundador da Fundação Caguayo para as Artes Monumentais, Lescay é autor de importantes obras, como o monumento ao General Antonio Maceo, em Santiago de Cuba. Em 2021, recebeu o Prêmio Nacional de Artes Plásticas de Cuba.

⁹⁷ Ver <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/11/27/busto-de-mariana-grajales-madre-los-hermanos-maceo-sera-emplazado-en-la-casa-natal-de-la-familia-maceo-grajales/>

⁹⁸ Ver <https://www.escambray.cu/2017/la-ceiba-un-arbol-de-infinita-cubania/>



Fonte: Imagem disponível em:

<http://www.cuba.cu/politica/2017-11-28/-emplazan-busto-de-mariana-grajales-en-casa-museo/39037> Acesso em: 20. fev. 2025.

Ainda sobre os monumentos, outra obra material importante foi registrada em um documentário no canal do YouTube *Cultura Santiago de Cuba*, conta oficial da Direção Provincial de Cultura em Santiago de Cuba.⁹⁹ A produção audiovisual “*Mariana Grajales, Madreceiba, Madre de la Patria*”, nome também da escultura (Figura 10.), produzida pela *Fundación Caguayo* e *Producciones Amanda*, foi dirigida por Carlos Fernández López e concluída em 2017, embora tenha sido disponibilizada na internet apenas em 2020. A obra acompanhou o processo criativo por trás da escultura de Mariana Grajales, concebida pelo artista plástico Alberto Lescay Merencio (Figura 9), proporcionando uma visão detalhada sobre as etapas de sua criação e os conceitos que a permeiam.¹⁰⁰

Com aproximadamente 20 minutos de duração, a narrativa visual desenvolve o argumento central de que a pátria cubana acolhe seus heróis, garantindo que jamais sejam esquecidos, uma vez que são perpetuados por meio do respeito e da glorificação. O filme não segue uma ordem cronológica linear, iniciando-se com a cerimônia realizada em 10 de outubro de 2017 (Figura 11). A escolha dessa data possui um forte caráter simbólico, remetendo ao Grito de Yara, ocorrido em 10 de outubro de 1868, evento que marcou o início das lutas pela independência de Cuba. Nesse contexto, a cerimônia também celebrou a inauguração da escultura criada pelo artista Alberto Lescay e homenagens a Mariana Grajales e Carlos Manuel Céspedes. A cerimônia, liderada por Raúl Castro, contou com o novo sepultamento dos restos mortais dos considerados mãe e pai da pátria, no cemitério Santa

⁹⁹ Ver <https://youtube.com/@culturasantiagodecuba3248?si=XBQhcDShBX6mTQeg>

¹⁰⁰ Produção audiovisual disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QjI4jwBX2KY> Acesso em 23. fev. 2025.

Ifigenia.

A escultura foi produzida no Taller Gaguayo, em Santiago de Cuba, o mesmo espaço onde, aproximadamente três décadas antes, o artista Alberto Lescay criou o monumento dedicado a Antonio Maceo, localizado na Praça da Revolução da cidade. Lescay destaca que seu empenho na realização dessa obra está diretamente ligado à importância de Mariana Grajales, reconhecida como uma das fundadoras da nação, mãe simbólica de todos os cubanos e figura que sacrificou seus filhos em prol da independência de Cuba. O artista ressalta, ainda, que, mais uma vez, o bronze prestou homenagem à imortal família Maceo-Grajales.¹⁰¹ Lescay complementa afirmando que Grajales foi uma mulher excepcional que, em sua visão, demonstrou que sua terra natal e sua nação poderiam estar acima de tudo, inclusive de seus próprios filhos.

O documentário vai além das reflexões do escultor, incorporando também as percepções de outras personalidades, como o historiador Joel Murlot. Durante sua entrevista, Murlot destaca que o maior legado de Mariana Grajales reside em sua fecundidade, não apenas pelo fato de ter gerado 14 filhos, mas pela forma como todos eles se tornaram símbolos de patriotismo e compromisso com a causa independentista.

Quando me pedem para falar sobre Mariana Grajales, geralmente começo apontando seu primeiro mérito, para mim, que é a fecundidade. Mas não apenas pelo fato de ter dado à luz catorze filhos, e sim pela certeza de que esses filhos e filhas foram exemplos de patriotismo e de cumprimento da lei. Ou seja, pelo fato de ter sido mãe desse grupo de homens tão extraordinários, que chegaram ao topo do Ejército Libertador de Cuba. Essas qualidades conferem a Mariana uma espécie de categoria de matriz, pois nem todo pai, nem toda mãe, é capaz de oferecer à sociedade filhos que saibam amar seu país, que saibam lutar por ele, que saibam até mesmo morrer por ele. Mariana é uma das pessoas que mais influenciou o caminho adotado para seguir o curso da revolução de 1868” (Murlat, 2017. Tradução nossa).¹⁰²

É relevante notar que, mais uma vez, a figura de Mariana é predominantemente associada ao papel de mãe, enquanto seus aspectos políticos, sua atuação e os anos de envolvimento e convivência com o exército mambí são frequentemente relegados ou omitidos nas narrativas. Nesse contexto, Alberto Lescay ressalta que Grajales foi e continua sendo uma

¹⁰¹ A menção ao bronze é uma alusão ao general Antonio Maceo, conhecido como o "titã de bronze" devido à tonalidade de sua pele.

¹⁰² Cuando me piden que hable de Mariana Grajales, yo suelo comenzar apuntando su primer mérito, para mí, que es el de la fecundidad. Pero no solo por el hecho de haber parido catorce vástagos, sino por el hecho cierto de que esos hijos e hijas fueron ejemplos de patriotismo y del cumplimiento de la ley. O sea, el hecho de haber sido la madre de este grupo de hombres tan extraordinarios, que llegaron a la cúspide del Ejército Libertador de Cuba. Estas cualidades le dan a Mariana una especie de categoría de crisol, porque no todo padre, no toda madre, es capaz de aportar a la sociedad hijos que sepan amar al país, que sepan luchar por él, que sepan incluso morir por él. Mariana es una de las personas que más influyó en el camino adoptado para seguir el curso de la revolución de 1868.

figura central para a compreensão da *cubania*¹⁰³ e da identidade nacional. Ele ainda pontua que sua trajetória permanece um mistério para muitos, levantando a seguinte questão: como uma camponesa de origem humilde conseguiu alcançar uma posição de tanto prestígio e reconhecimento? No entanto, ao longo de sua análise, mantém o enfoque na maternidade ao afirmar que o amor pelos filhos e pela pátria parece, para ela, se fundir em uma única e mesma devoção.

A obra distingue-se pelos inúmeros simbolismos que a atravessam. O bronze utilizado na escultura foi fundido a partir de buchas de canhão, material que, originalmente, servia à defesa da pátria, reforçando a conexão entre a memória histórica e a luta pela independência. O documentário registra a viagem do artista até Majaguabo, local considerado o berço de nossa personagem. O objetivo da jornada foi a coleta de terra nas proximidades da antiga residência da família Maceo-Grajales, um gesto carregado de significado, que busca estabelecer um vínculo entre a obra, o território e as raízes da homenageada. Por essa razão, durante o processo, a equipe contou com o auxílio de camponeses da região, que ressaltaram o orgulho e a relevância de sua participação nesse evento. No entanto, seus nomes não foram divulgados. Além disso, o piso do local é formado por pedras de Palmarito de Cauto, área que a família Grajales se estabeleceu por um tempo. Para Lescay, a participação popular desempenha um papel fundamental na construção da obra, pois permite estabelecer um diálogo entre passado, presente e futuro. Mais do que um objeto de contemplação, a escultura deve servir como um convite à reflexão, reforçando a conexão entre a memória coletiva e a identidade histórica.

Figura 10 - Escultura de Mariana Grajales

¹⁰³ A discussão sobre o conceito encontra-se no primeiro capítulo, na página 20.



Fonte: Imagem disponível em: https://www.ecured.cu/Escultura_de_Mariana_Grajales. Acesso em: 23. Fev. 2025.

Figura 11 - Homenagem a Mariana Grajales



Fonte: Imagem disponível em: <https://www.trabajadores.cu/20181127/presidio-teresa-amarelle-homenaje-a-mariana-grajales/?amp=1>. Acesso em: 23. Fev. 2025.

Ainda no campo do simbolismo, o escultor explica a razão pela qual o monumento recebeu o nome de “*Mariana Grajales, Madreceiba, Madre de la Patria*”(Figura 10.). Em declarações a um portal de notícias cubano, Lescay afirmou que a obra de arte estabelece uma conexão entre Mariana e a árvore ceiba, considerada sagrada e de grande valor simbólico,¹⁰⁴ que possui força física e espiritual, características que também se refletem em Mariana. Ele

¹⁰⁴ A ceiba, em Cuba, transcende sua condição de árvore para assumir o papel de símbolo sagrado profundamente enraizado nas práticas religiosas e culturais do país. Nas religiões de matriz africana, como a Santería, a Ceiba é reverenciada como morada dos orixás e de entidades espirituais, sendo, por isso, um local privilegiado para a realização de oferendas e rituais. Acredita-se que essa árvore sagrada funcione como um elo entre o mundo terreno e o espiritual, conectando o céu e a terra. Ver <https://tocorocubano.com/la-ceiba-pentandra-un-gigante-sagrado-tropical-en-suelo-cubano/>

afirma que o rosto de Mariana tenta expressar a firmeza da mulher cubana, de personalidade segura e decidida.¹⁰⁵

É digno de menção que durante a produção audiovisual são feitas diversas referências a José Martí, Fidel Castro e Antonio Maceo com intuito de vincular as trajetórias, o que em alguns momentos faz parecer que a figura dessa mulher está à sombra desses homens. Nos momentos iniciais, é apresentado o trecho em que Martí descreve Mariana Grajales como “a raiz da alma cubana”. Além disso, é defendida a ideia de que o título de “Mãe da Pátria” atribuído a Mariana ganhou força a partir das reflexões de Martí, algo já mencionado ao longo deste capítulo.

A construção da memória é também um exercício de poder, no qual a história oficial é frequentemente narrada a partir da perspectiva da classe dominante, composta, em grande parte, por homens brancos. Embora seja inegável a importância dessa personagem na história do país, a ênfase em seu papel materno, em detrimento de sua atuação política, reflete uma estratégia de apagamento que busca reduzir sua representatividade e minimizar sua luta enquanto mulher negra em um contexto marcado pelo período escravocrata. A questão racial continua sendo um tema delicado, pois, segundo o historiador Alejandro De la Fuente, o debate sobre desigualdades raciais e sobre negritude era frequentemente percebido como uma ameaça à estabilidade e à integridade da revolução, pois acreditavam que poderia causar divisões no nacionalismo cubano. De la Fuente destaca a existência de estudos sobre personagens históricos negros, porém, na maioria das vezes, são conduzidos por historiadores e autores negros (De La Fuente, 2014, p. 4-6). Junto a isso, Aline Helg determina que a revolução nega “o protagonismo histórico dos afro-cubanos e evita todo debate sobre racismo no país” (Helg, 2014).

Consideramos que seu protagonismo político teria sido um legado mais relevante e ousado a ser enfatizado pela Revolução 1959, tendo em vista um processo de organização e participação política das mulheres na FMC. No entanto, observamos que, mesmo quando uma mulher desempenha papéis fundamentais em diferentes esferas, como no caso dessa figura histórica, sua identidade continua sendo reduzida às categorias de mãe e esposa, perpetuando uma narrativa que limita sua importância a funções tradicionalmente femininas. Antonio Tedeschi destaca que a história das mulheres é frequentemente narrada a partir de uma perspectiva masculina, que constrói, por meio dos discursos, uma ideia de “natureza feminina” associada exclusivamente à maternidade. Nesse contexto, as representações femininas se restringem a dois arquétipos: Eva, símbolo do pecado e da insubmissão, e a

¹⁰⁵ Ver <https://www.lajiribilla.cu/es-mariana-hecha-ceiba-o-ceiba-convertida-en-mariana/>

Virgem Maria, mãe e santa (Tedeschi, 2012, p.15-19).

A memória e a trajetória de Mariana Grajales são permeadas por simbolismo, refletido em datas comemorativas, monumentos, nomes de praças e até em grupos guerrilheiros. Podemos afirmar que, mesmo postumamente, Mariana consolidou seu lugar na memória coletiva, no imaginário social e no panteão de heróis da pátria. O projeto político de sua integração a essa narrativa nacional demonstrou-se bem-sucedido, especialmente após o triunfo da Revolução em 1959. No entanto, embora amplamente evocada na memória e no imaginário popular, a produção historiográfica sobre Mariana ainda é limitada, tanto dentro quanto fora de Cuba. As análises raramente rompem com as atribuições de gênero, perpetuando discursos que a reduzem à maternidade: “Mariana foi a mãe de homens valentes”, “Mãe carinhosa”, “Mãe de Antonio Maceo”, “Mãe de generais”. Poucos estudos ultrapassam essa perspectiva e exploram outras dimensões de sua atuação. O discurso em sua biografia continua sendo construído a partir das mesmas representações tradicionais: “Heroína”, “Mãe”, “Símbolo das mulheres”. No próximo capítulo, analisaremos como uma das principais biografias de Mariana Grajales a retrata, destacando os adjetivos utilizados para descrevê-la. Exploraremos, ainda, de que maneira essas escolhas reforçam narrativas que enfatizam e perpetuam a imagem de Mariana essencialmente a partir da maternidade.

CAPÍTULO III

A MARIANA BIOGRAFADA: ENTRE O QUE SE DIZ E O QUE SE PERDE

CAPÍTULO III: A Mariana biografada, entre o que se diz e o que se perde: problemas e lacunas

O campo de estudos históricos sobre Mariana Grajales Cuello é relativamente recente. O embrião dessas pesquisas nasceu a partir dos trabalhos sobre o filho mais famoso, Antonio Maceo, o “titã de bronze”. A trajetória de Grajales era e, apesar dos avanços, ainda é vista como um apêndice do general Maceo. Consideramos que a década de 1970 marcou o início dos estudos sobre esse tema de pesquisa, tendo como marco principal a publicação do livro *Historia de una Familia Mambisa: Mariana Grajales* (1975), da historiadora cubana Nydia Sarabia.¹⁰⁶ Apesar das lacunas apresentadas, por um longo período, a obra foi reconhecida como principal estudo sobre a “mãe da pátria cubana”.

Acreditamos que o contexto de publicação e os estudos sobre Mariana Grajales se deram sobretudo a partir do advento da vertente de análise da história das mulheres e da necessidade de emergir a participação feminina nos episódios históricos do século XIX, em especial no processo de independência. Aqui, cabe novamente salientar que Mariana Grajales é parte de uma exceção, porque décadas depois, ainda são poucas as investigações acerca das mulheres, principalmente negras. Desta forma, partimos do pressuposto que Mariana Grajales é uma das poucas mulheres negras estudadas de forma ampla no cenário cubano.

Mas apesar da amplitude dos trabalhos, o campo ainda apresenta lacunas significativas, temas pouco explorados ou silenciados, como a religiosidade, a influência africana, a negritude e o ativismo político, elementos fundamentais para a compreensão do perfil de nossa personagem. Trabalhamos com a hipótese de que tanto a escolha quanto a omissão desses temas estão relacionadas à construção de um ideal político fundamentado na imagem dessa mulher. A partir disso, emergem as seguintes questões: a Mariana biografada foi diferente da mulher negra do século XIX que participou ativamente do processo de independência? Por que décadas depois a biografia dessa personagem precisa ser um apêndice apenas para compreender a trajetória masculina? E o que separa o real e o mito dentro dessa história de vida?

¹⁰⁶ Nydia Sarabia Hernández (1922-2017) foi uma intelectual e militante cubana formada em magistério e jornalismo, que atuou como professora, jornalista e historiadora. Participou da luta contra o regime de Batista no Movimento 26 de Julho, desempenhando funções clandestinas de apoio ao Exército Rebelde. Após a Revolução de 1959, exerceu cargos no jornal Sierra Maestra, no Conselho Nacional de Cultura e no Instituto de História de Cuba, além de integrar o Escritório de Assuntos Históricos. Militante do Partido Comunista, participou de diversas organizações políticas e culturais, como a FMC. Também teve papel central no campo da historiografia, sendo fundadora e dirigente de entidades nacionais e internacionais de historiadores, com destaque para a *Asociación de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe* (ADHILAC). Disponível em: <https://adhilac.com.ar/?p=13098>. Acesso em: 19 set. 2025.

Refletimos sobre a premissa de que Mariana é uma das poucas, se não a única, mulher negra dentro do panteão de heróis cubanos e sua presença configura um rompimento com a lógica patriarcal vigente ao representar tantas outras mulheres negras, que foram invisibilizadas dentro do processo das lutas por independência de Cuba.

As narrativas sobre essa mulher, a que chamaremos de Mariana biografada, são atravessadas por mitos e ficções, construídos a partir do uso da imagem como uma tentativa de legitimação e legalização de uma república jovem e, posteriormente, o embrião de um regime socialista. Por esse motivo, entendemos que não estamos diante de Mariana Grajales Cuello enquanto mulher mambisa, impregnada de subjetividade e pelas forças sociais entrecruzadas que impactaram sua vivência, mas, sim, a Mariana biografada, aquela cuja existência foi filtrada por outros olhares, que reforçam o viés patriarcal.

Ao tratar o caso de Manuela Sáenz,¹⁰⁷ Rosane Maria Cardoso salienta que a personagem articula elementos da história, da ficção, do mito e do discurso político. Enfatizando que antes do processo de mitificação, ocorreram diversas tentativas de apagamento dessa figura (Cardoso, 2020, p.4). Dentro dessa lógica, defendemos que a figura de Grajales também passou por um processo de apagamento e adequação. Assim, percebemos que o silenciamento e a secundarização de mulheres é algo comum nos primeiros estudos sobre os variados processos de independência na América Latina.

No capítulo anterior, abordamos a ausência de fontes primárias deixadas pela própria Mariana Grajales, não tivemos conhecimento de textos escritos por nossa personagem. Por vezes, ela foi descrita como uma mulher analfabeta, o que levanta questionamentos baseados nas contribuições de Michelle Perrot, que discute a destruição de escritos femininos para ocultar o lado privado dos homens:¹⁰⁸ Mariana era mesmo uma mulher analfabeta ou o sumiço de suas correspondências era necessário? Apesar dos questionamentos, ambas as hipóteses dificultam a reconstrução de sua personalidade, uma vez que temos acesso à figura de Mariana no âmbito doméstico, a partir do registro do filho, enquanto sua dimensão pública foi deixada em segundo plano.

Elizabeth Jelin ressalta que a memória é um processo seletivo, no qual a lembrança está condicionada ao esquecimento e silenciamento, evidenciando que recordar envolve, simultaneamente, escolhas e omissões (Jelin, 2012, p. 62). Embora discuta um panorama

¹⁰⁷ Manuela Sáenz (1797 - 1856) foi uma revolucionária equatoriana, conhecida por seu papel nas lutas de independência da América do Sul e por sua atuação ao lado de Simón Bolívar, de quem foi companheira política e afetiva.

¹⁰⁸ PERROT, Michelle. Práticas da memória Feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.8, n. 18, 1989, p.9-18.

distinto, compreendemos que o pensamento também é válido para analisarmos o contexto de formação da memória presente na biografia de Mariana Grajales.

A palavra biografia é de origem grega, sendo derivado dos termos *bíos* (vida) e *graphein* (escrever). No dicionário da língua portuguesa a expressão significa “descrição pormenorizada da vida de uma pessoa” (Amora, 2009, p. 94). Apesar de ser um trabalho detalhado, Pierre Bourdieu argumenta que a biografia, como normalmente produzida, representa uma forma ilusória de conhecimento, ao projetar uma continuidade artificial sobre a vida do sujeito, desconsiderando os condicionamentos sociais e históricos que moldam suas ações e experiências (Bourdieu, 2006, p. 189-190).

Nessa perspectiva, ao analisar a trajetória de um sujeito histórico, é necessário considerar suas relações e o contexto social e econômico em que está inserido. Giovanni Levi, no texto *Usos da biografia*, indica a necessidade de compreender o papel do indivíduo na história articulando experiências pessoais e estruturas coletivas. Nesse sentido, a biografia, se revela atravessada por condicionantes sociais e históricos, mas também por elementos de autonomia capazes de gerar transformações. Levi destaca que uma vida pode ser interpretada tanto como exceção à norma quanto como expressão representativa de um grupo ou classe social (Levi, 2006). Como mencionado em outra oportunidade, definimos Mariana Grajales como uma figura singular, sendo uma das poucas mulheres negras do processo de independência cubano amplamente estudadas, além de representar a agência dessas personagens em seu contexto histórico.

No entanto, Lilia Moritz Schwarcz aponta as dificuldades inerentes ao gênero biográfico para historiadores e cientistas sociais. Segundo a autora, existe o risco de ceder à tentação de atribuir unidade e “inventar” trajetórias lineares e contínuas para os sujeitos investigados, os quais, contudo, frequentemente se recusam a corresponder às previsões ou expectativas do pesquisador (Schwarcz, 2013, p. 52). No fenômeno estudado neste trabalho, percebemos que a narrativa construída em torno de Mariana Grajales se apresenta marcada por “invenções” e por uma trajetória linear. Sua infância e juventude são silenciadas, de modo que sua vida passa a ser narrada apenas a partir da fase adulta, como se tivesse início com as guerras de independência em 1868. Além disso, pouco se registra acerca do período de exílio na Jamaica. Assim, sua biografia é reduzida a uma cronologia simplificada: nascimento, maternidade, ingresso nas lutas de independência e morte no exílio.

Nossa problematização está justamente em como se deu essa representação e a potencialização do caráter materno na história de vida de Grajales. Tania Zimmermann e Márcia Medeiros ressaltam o processo de construção de identidades fixas atribuídas a

mulheres e homens. Segundo as autoras, a mulher é destinada à maternidade como função exclusiva do feminino, bem como às tarefas domésticas e ao espaço privado. Dessa forma, muitas acabam por anular sua individualidade, passando a existir em função da dominação masculina (Zimmerman; Medeiros, 2004, p. 42). Nesse sentido, propomos uma análise da biografia de Mariana Grajales Cuello observando uma suposta influência da moralidade cristã ocidental.

No livro *As Mulheres e a História: uma introdução teórico metodológica*, o professor Losandro Antonio Tedeschi discute as representações da moral católica. Nessa ocasião, Tedeschi aponta que o modelo judaico-cristão foi central na construção histórica do papel social da mulher, influenciando tanto a esfera religiosa quanto a sociedade e a cultura ocidental. Para Tedeschi, o cristianismo elaborou modelos simbólicos de feminilidade, representados por Eva e Maria, que, de forma antagônica, estabeleceram parâmetros para a percepção e a autorrepresentação das mulheres na sociedade, contribuindo para a manutenção de papéis e valores vinculados a uma tradição patriarcal (Tedeschi, 2012, p. 57-60). Para Tedeschi

A imagem da mulher veiculada pela moral cristã será encarada como fator determinante dos modelos de auto-representação da mulher e da identidade feminina que são por si construções sociais em nível mais vasto, em que a religião assume um papel particularmente importante. Todavia, não restarão dúvidas de que o discurso oficial da Igreja terá sido fundamental na perpetuação de desigualdades associadas ao gênero e de que “a par de um discurso histórico factual foi-se desenvolvendo uma argumentação lógica de suporte deste processo (Tedeschi, 2012, p. 57).

Aplicando essa reflexão à nossa pesquisa, é válido destacar que Olga Cabrera assinala que as instituições dominantes em Cuba do século XIX eram a Igreja, o Estado e a família branca (Cabrera, 2017, p. 118). Em seguida, no caso de Mariana Grajales, isto é, o processo de construção da memória é uma representação próxima a figura de Maria, a mãe abnegada. Ao revisitar o segundo capítulo, sobretudo as figuras quatro e cinco, constatamos as tentativas de vincular nossa personagem, ainda que de forma sutil, aos movimentos marianos.

Por fim, nas páginas que seguem, tomaremos como ponto central de análise da biografia *Mariana: raíz del alma cubana* a presença de uma moral cristã na construção da memória de Mariana Grajales. Essa dimensão moral atravessa a narrativa e orienta a forma como sua figura é representada, destacando valores como a virtude, o sacrifício e a devoção materna. Observamos que tais elementos não apenas configuram um ideal feminino alinhado aos princípios cristãos, mas também legitimam a imagem de Mariana como “mãe da pátria cubana”. Assim, o caráter moral e os adjetivos atribuídos à personagem se tornam

fundamentais para compreender o modo como sua memória foi consolidada e politicamente apropriada ao longo do tempo.

3.1 Notas de leitura acerca de Mariana: raíz del alma: Panorama dos autores

Neste trabalho escolhemos trabalhar com a obra biográfica *Mariana: raíz del alma cubana*, publicado pela primeira vez em 1998, trabalho do casal Adys Cupull (1937)¹⁰⁹ e Froilán González (1943),¹¹⁰ jornalista e historiador, respectivamente. Ambos pertencem à geração de Moncada, caracterizada como a juventude que “despertou” politicamente após 1953. Atuaram como alfabetizadores na Sierra Maestra e, posteriormente, se tornaram historiadores, professores universitários, documentaristas e diplomatas.¹¹¹ Podem ser compreendidos como intelectuais orgânicos, conforme a designação de Antonio Gramsci.¹¹²

A obra, composta por cento e três páginas distribuídas em quatro capítulos e os testemunhos de Francisca Ulloa, neta de Dominga Maceo Grajales, e de José Antonio Maceo, neto do General Antonio Maceo Grajales. Inclui, ainda, um anexo documental que reúne o *Texto de la Moción aprobada por el Ayuntamiento de Santiago de Cuba*, o *Certificado de defunción de Mariana Grajales*, a *Acta de Exhumación* e a *Carta del presidente Laredo a Dominga Maceo*. É importante destacar que a seleção do livro está ligada ao teor do discurso sobre a maternidade de Mariana e a facilidade de acesso, diferente da obra de Nydia Sarabia (1975), que tem pouca circulação e difícil alcance.

A epígrafe do livro, texto de Luis Hernández Serrano faz referência ao título da obra e ao escrito de José Martí que denomina Mariana Grajales como a “*raíz del alma cubana*”. Os pais de nossa personagem, que não são muito evocados, são mencionados, assim como o local em que viveu. Contudo, queremos dedicar uma atenção especial ao trecho que sugere um patriotismo latente e a figura da mãe que criou homens valentes e heróicos.

Vieste ao mundo no Oriente,
de Teresa e José;
dos dois nasceu tua fê
patriótica como um torrente.
De ti se forjou um valente
punhado de heróis, irmã.
És a seiva precoce

¹⁰⁹ Para ver mais https://www.ecured.cu/Adys_Cupull

¹¹⁰ Para ver mais https://www.ecured.cu/Froilán_González_García

¹¹¹ Ver Cesaroni, Rosana. Cultura. Adys Cupull Reyes y Froilán González García: “Somos de la generación que despertó con el Moncada y nuestros héroes serán eternos”. Resumen Latinoamericano, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://www.resumenlatinoamericano.org/2024/12/11/cultura-adys-cupull-reyes-y-froilan-gonzalez-garcia-so-mos-de-la-generacion-que-desperto-con-el-moncada-y-nuestros-heroes-seran-eternos/>. Acesso em: 20 set. 2025.

¹¹² Gramsci, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

que enriqueceu nossa história,
a raiz da nossa glória:
RAÍZ DA ALMA CUBANA¹¹³

Seguindo essa mesma linha, Grajales, nas primeiras páginas, é novamente relacionada à ideia de mãe patriótica, abnegada e exemplo a ser seguido e multiplicado pelas mulheres cubanas e a vinculação do Pelotão feminino homônimo e outras mulheres que atuaram na Sierra Maestra e no ataque ao Quartel de Moncada. A dedicatória revela como a imagem de Grajales foi um símbolo importante

Às mães cubanas que ofereceram seus esposos e filhos em defesa da pátria e da humanidade. Às mães da estirpe de Mariana Grajales. Especialmente a Eufrosina Guerra, mãe dos Pardos. Ao Pelotão feminino Mariana Grajales, formado por nosso comandante chefe Fidel Castro, em 4 de setembro de 1958, na Sierra Maestra.¹¹⁴

A simbologia materna é reforçada outra vez por meio da citação do trecho da carta de José Martí enviada para Antonio Maceo em 15 de abril de 1893.¹¹⁵ Nela, Martí afirma que Mariana Grajales o olhou como um filho.

Na apresentação da obra, os autores iniciam destacando aspectos da infância de Grajales, ressaltando que cresceu em um contexto marcado pelas notícias das revoltas de pessoas escravizadas e das lutas pela independência nas colônias espanholas, bem como pela experiência direta da discriminação racial. O texto procura enfatizar constantemente a subjetividade de Grajales, destacando tanto sua afeição pela região em que vivia quanto as angústias que enfrentava, além da aprendizagem de valores transmitidos por seus pais, como bondade, honestidade e elegância. Ao abordar sua vida familiar e a relação com os filhos, retoma-se, mais uma vez, a ênfase nos princípios maternos que seriam transmitidos às gerações seguintes: honra, solidariedade, firmeza, respeito, educação, cultura, amor ao trabalho, a natureza, a liberdade e a unidade familiar (Cupull; González, 2015, p. 2-3). Observamos que os adjetivos anteriormente destacados estão presentes de forma recorrente na maioria dos textos que se referem a Mariana, especialmente na imprensa. Ademais, tais

¹¹³ *Viniste al mundo en Oriente, de Teresa y José; de los dos nació tu fe patriótica cual torrente. De ti se forjó un valiente manito de héroes, hermana. Eres la sabia temprana que enriqueció nuestra historia la raíz de nuestra gloria: RAÍZ DEL ALMA CUBANA*

¹¹⁴ *A las madres cubanas que han dado ofrendado esposos e hijos en defensa de la patria y de la humanidad. A las madres de la estirpe de Mariana Grajales. Especialmente a Eufrosina Guerra, madre de los Pardos. Al Pelotón Femenino Mariana Grajales constituido por nuestro comandante en jefe Fidel Castro, el 4 de septiembre de 1958, en la Sierra Maestra*

¹¹⁵ É importante destacar a divergência de datas. Na coletânea Obras Completas, que reúne cartas, documentos e publicações do jornal *Pátria*, a carta em questão apresenta indicação distinta de mês e ano, sendo registrada como dezembro de 1893, conforme registro feito nas páginas 58 e 59 deste trabalho.

qualificativos remetem à relevância atribuída à sua figura, sobretudo no que concerne à transmissão desses valores aos seus filhos.

Adys Cupull e Froilán González ressaltam que, ao investigarem a trajetória de Mariana, se deparam com a presença de José Martí como referência fundamental. Outro aspecto relevante apontado pelos autores diz respeito aos monumentos e lugares de memória erigidos em sua homenagem, conforme já discutido no capítulo anterior. Reforça, assim, a noção de um legado, no qual Mariana é consagrada como precursora e “mãe dos cubanos”, cuja memória permanece viva entre milhões de compatriotas (Cupull; González, 2015, p. 3-4). A referência a Martí corrobora com nosso argumento de que a trajetória de vida de Mariana Grajales é recorrentemente apresentada como um apêndice das biografias masculinas. Para além disso, as trajetórias de homens e mulheres parecem funcionar como apêndices da história nacional. Não é tanto o sujeito, com suas particularidades, idiossincrasias e subjetividades que interessa, mas sua contribuição para o nascimento da nação, que parece ser o grande personagem das biografias que focalizam heróis e heroínas nacionais.

Ao mencionar a nomeação da Faculdade de Ciências Médicas de Holguín, Cupull e González relatam o que denominam como uma anedota: segundo os autores, a escolha do nome teria ocorrido a partir de uma visita de Fidel Castro à instituição, ocasião em que o líder sugeriu a homenagem em razão do expressivo número de mulheres matriculadas (Cupull; González, 2015, p. 3). Esse episódio evidencia, mais uma vez, que a legitimação da memória de Mariana Grajales é constantemente mediada por figuras masculinas de grande projeção histórica, como Fidel Castro, Antonio Maceo e, conforme discutido anteriormente, José Martí.

Ao concluírem a apresentação, Cupull e González retomam o texto de Martí, no qual Mariana Grajales é designada como a “raíz del alma cubana”. Os autores enfatizam que o povo cubano deve rememorar diariamente sua figura, uma vez que, embora tenha nascido no século XIX, Mariana é evocada como representação simultânea do passado, do presente e do futuro da nação. Nesse contexto, sua imagem é reafirmada como o maior símbolo materno de Cuba, associada a virtudes como honestidade, patriotismo e união, sendo concebida como elemento fundamental para a continuidade histórica de homens e mulheres cubanos.

A seguir, propomos apresentar e discutir, ainda que de forma sintética, como as noções de virtude e de feminilidade se encontram imbricadas na obra de Adys Cupull e Froilán González. Para isso, vamos trabalhar com os quatro capítulos do livro, considerando as contradições e as diferentes versões que aparecem ao longo da obra. A publicação em análise retoma questões previamente discutidas, em especial aquelas desenvolvidas no segundo

capítulo deste estudo. É importante salientar que a maioria dos autores mencionados ao longo da obra integra o repertório intelectual cubano, ainda que suas referências não estejam apresentadas em conformidade com as normas e convenções acadêmicas. Entretanto, compreendemos que tal aspecto não compromete a legitimidade do documento, tampouco o seu potencial valor histórico.

3.2 O capítulo inaugural: *La muchacha del Río Guaninicún*

O *Río Guaninicún* constitui um curso de água localizado na província de Santiago de Cuba, na região oriental da ilha. Sua bacia hidrográfica apresenta características típicas da Sierra Maestra, com relevo montanhoso e cobertura vegetal densa,¹¹⁶ que Cupull e González provavelmente conheceram na juventude, quando lá atuaram como alfabetizadores. Essa localidade constitui o lugar de nascimento de Mariana, o povoado de *El Cristo*, na região de Santiago de Cuba, cenário de grande parte de sua trajetória.

O capítulo aborda aspectos relacionados ao nascimento de Mariana, incluindo seus pais, o local de origem e sua formação inicial. Ressalta a existência de diferentes versões acerca de sua educação, embora sem aprofundamento significativo. Com base em Eduardo Torres-Cuevas, os autores destacam que os Grajales constituíam uma família humilde, caracterizada como “mulata e pobre”. Não obstante, enfatizam que possuíam notável força moral e que Mariana, desde cedo, foi instruída tanto nos valores familiares quanto nos cuidados com o lar (Cupull; González, 2015, p. 7).

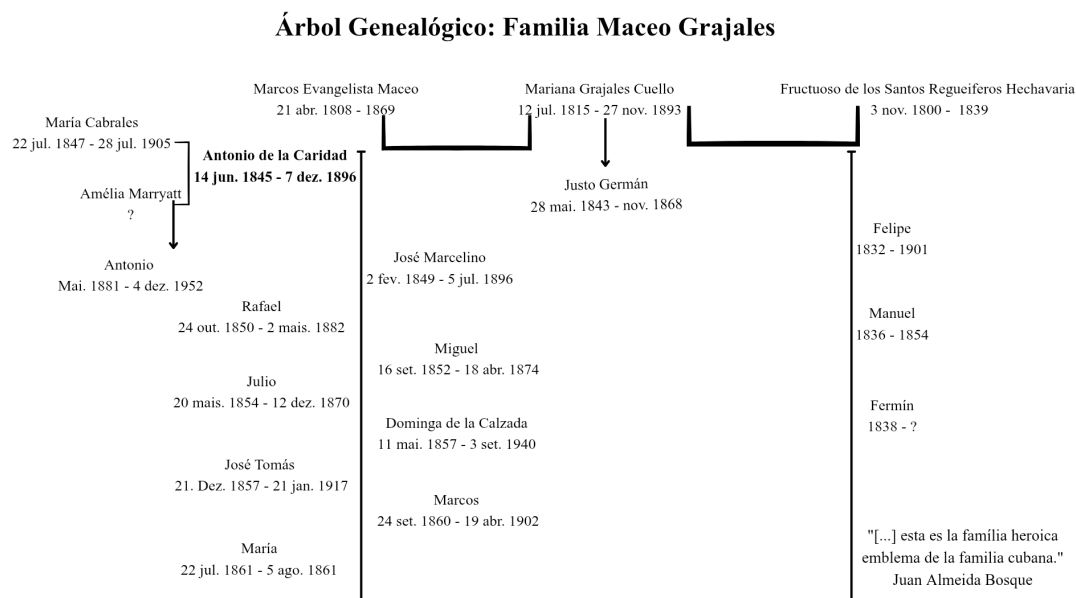
Os autores ressaltam a construção da perspectiva política de Mariana Grajales ao evidenciarem a influência da cultura francesa na formação de seus pais, especialmente no que se refere à influência da luta contra a escravidão no Haiti, às notícias de independência que circulavam pela América espanhola e às rebeliões de pessoas escravizadas em Cuba. No que concerne ao regime escravista, Cupull e González observam que uma questão recorrente inquietava Mariana: Por que tanta crueldade?. Destacam, ainda, que sua experiência de sofrimento diante da exploração e da discriminação dirigidas à população negra contribuiu para o despertar, desde cedo, de um profundo sentimento de rebeldia e de amor à liberdade. Os biógrafos assinalam que Mariana aprendeu com os pais o que é ser bondoso, justo e honesto. Para além disso, reforçam que aprendeu a ler e escrever e cuidar do lar (Cupull; González, 2015, p.8). Retomamos, aqui, a recorrência narrativa que, de modo quase pedagógico, insiste em reafirmar os valores morais e os adjetivos associados à trajetória de Mariana Grajales. Entretanto, ressalta igualmente a ênfase atribuída às responsabilidades

¹¹⁶ Para ver mais <https://mapcarta.com/19461142>

domésticas, de modo que a representação construída conjuga o amor à pátria e à liberdade com a imagem de uma mulher dedicada ao lar e às atividades cotidianas, como o cuidado da casa e o preparo dos alimentos. Também evidenciamos um dos principais debates em torno da trajetória de Mariana Grajales: a questão acerca de sua alfabetização, isto é, se sabia ou não ler e escrever, tema para o qual talvez não haja resposta conclusiva.

Neste capítulo, que não segue uma ordem cronológica, alternando entre referências aos filhos e ao período correspondente à infância, não são apresentadas novas informações sobre Mariana além daquelas já discutidas anteriormente. Nossa principal crítica recai no salto temporal: a narrativa tenta construir a trajetória de Mariana enquanto indivíduo, embora sempre focada no caráter moral exemplar, e, em seguida, aborda seu casamento com Fructuoso de los Santos Regüeyferos Hechevarría. Por fim, os autores encerram o capítulo enfatizando o exemplo de decência representado pela família de nossa personagem.

Figura 12 - Árvore genealógica



Fonte: Cupull; González, 2015, p. 10. Árvore genealógica da família Maceo-Grajales exposta na Cassa Museo.

A transição entre os capítulos introduz outro aspecto relevante: a árvore genealógica apresentada na Figura 12. Dois elementos merecem destaque: o primeiro se refere à citação atribuída a Juan Almeida Bosque; o segundo, à ênfase conferida ao nome de Antonio Maceo em detrimento dos demais filhos. De acordo com a obra, essa genealogia se encontra exposta

na Casa Museu Antonio Maceo. Tais elementos corroboram a hipótese defendida ao longo desta dissertação, segundo a qual a imagem da família Maceo-Grajales foi mobilizada como representação do ideal de família cubana, aquela que manifesta um amor intenso pela pátria. Ademais, constata-se a presença de divergências relativas às datas de nascimento e de falecimento de María Baldomera, visto que determinadas interpretações afirmam que ela teria morrido com apenas quinze dias de vida, conforme já assinalado no segundo capítulo deste trabalho. Entretanto, algumas fontes indicam a existência de outra criança chamada María, que igualmente teria falecido poucos dias após o nascimento, o que contribui para a persistência de imprecisões e ambiguidades na documentação referente a Mariana Grajales.

Adys Cupull e Froilán González recorrem ao poema de Lidia Turner,¹¹⁷ contudo, não indicam a data de sua publicação. Ainda assim, observamos novamente a evocação da imagem da mãe como uma árvore robusta,¹¹⁸ capaz de gerar bons frutos.

Dizer Mariana...
 é dizer tronco forte, imenso,
 é dizer cedro, majagua, sombría ceiba,
 é dizer árvore que se abre em muitos ramos.
 É dizer treze frutos maduros e mambises,
 é dizer muralha diante das tempestades,
 desafiando violentos furacões,
 é dizer firmeza, coragem,
 raízes profundas da selva e da manigua (Tradução nossa)¹¹⁹

3.3 Como el aroma de las flores

O segundo capítulo inicia abordando o segundo casamento de Mariana Grajales com Marcos Maceo. São apresentadas duas versões a respeito da origem de Marcos: a primeira afirma que ele teria nascido na Venezuela, enquanto a segunda sustenta que era natural de Santiago de Cuba, assim como Mariana.

Após o debate referente a procedência do pai dos Maceo, Adys Cupull e Froilán González destacam que Marcos era um homem insatisfeito com o sistema colonial escravista que estava em vigência em Cuba e que essa conjuntura alimentava uma percepção

¹¹⁷ Lidia Turner Martí, intelectual negra cubana. Doutora em Ciência Pedagógica pela Universidade de Havana. Professora da *Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona*, membro da Academia de Ciências de Cuba. Disponível em <https://fernwoodpublishing.ca/authors/view/lidia-turner-marti>. Acesso em: 18 set. 2025.

¹¹⁸ No segundo capítulo, quando debatemos sobre a escultura, comentamos a associação da árvore à figura de Mariana.

¹¹⁹ *Decir Mariana... es decir tronco fuerte, inmenso, es decir cedro, majagua, ceiba umbrosa, es decir árbol que se abre en muchas ramas. Es decir trece frutos maduros y mambises, Es decir muralla ante las tempestades desafiando a violentos huracanes, es decir firmeza, valor raíces profundas de selva y de manigua*

depreciativa em relação a Espanha. Posteriormente, observamos as narrativas sobre o aspecto econômico de Marcos Maceo, pois é descrito pelos autores como um homem que conseguiu adquirir terras, uma delas chamada *La Granada*, situada na região de Majaguabo, território de San Luis, localizado em Santiago de Cuba, onde produzia tabaco, madeira e alguns frutos (Cupull; González, 2015, p.14). Nesse trecho, não fica evidente se a condição econômica se mantém até o momento do casamento com Mariana. É válido destacar, contudo, que diversos textos acadêmicos mencionam a família Maceo-Grajales como sendo de origem humilde.

Subsequentemente, os autores voltam a abordar o tema do casamento dos Maceo-Grajales sublinhando que Marcos era casado com Amparo Téllez e por esse motivo não conseguiu legalizar o compromisso com Mariana, Tendo em vista que, naquele período, não havia a possibilidade de divórcio no âmbito da Igreja Católica (Cupull; González, 2015, p.14-15). À luz das observações feitas anteriormente, compreendemos que a biografia de Mariana é construída com ênfase na moralidade. Em consequência, após a informação sobre a impossibilidade do matrimônio, identificamos adjetivos bastante evocados ao longo do livro. Os autores reforçam que o casal Maceo-Grajales era admirado e descrito por seus contemporâneos como honestos, decentes, retos e trabalhadores. É possível notar um diálogo com nossa hipótese, uma vez que há constante necessidade de ressaltar a virtude de Mariana e de sua família. Do ponto de vista da moral judaico-cristã, a convivência com um homem casado não era bem vista. Por outro lado, apesar desses supostos “erros” e “pecados”, atribuem à família valores positivos. Os adjetivos utilizados funcionam, portanto, como uma forma de justificar ou suavizar eventuais questionamentos sobre o caráter da personagem.

Outro tema repetidamente citado é sobre a criação dos filhos de Mariana Grajales. Neste capítulo, referenciando o escritor Eduardo Torres-Cuevas, Cupull e González chamam atenção para a formação dos membros da prole, destacando uma suposta formação “campesina e mulata”, cheia de “amor” e “união”. Além disso, também receberam educação em uma escola destinada a filhos de negros libertos, localizada em Santiago de Cuba (Cupull; González, 2015, p.15).

A questão racial era um tema recorrente nos debates da família Maceo-Grajales, principalmente devido ao sistema escravista, os levantes dos escravizados e a proximidade e influência da Revolução Haitiana. Segundo Cupull e González, esses debates resultaram da estreita relação com José Asencio.¹²⁰ Em continuidade à discussão sobre as relações raciais, os autores mencionam que Luis Acosta Brehal destacou Santiago de Cuba como a segunda

¹²⁰ Personagem mencionado na página 52 do segundo capítulo, padrinho de Antonio Maceo.

maior cidade do país em termos populacionais, ressaltando que a população negra, livre e escravizada representava mais de 65% do total (Cupull; González, 2015, p.16).

O encerramento do capítulo retoma elementos já tratados anteriormente, especialmente aqueles referentes ao nascimento de alguns filhos e à oficialização do matrimônio. No entanto, algumas informações adicionais são incluídas e merecem uma breve consideração. A primeira trata da canção que, de acordo com a tradição, Mariana cantava aos filhos.

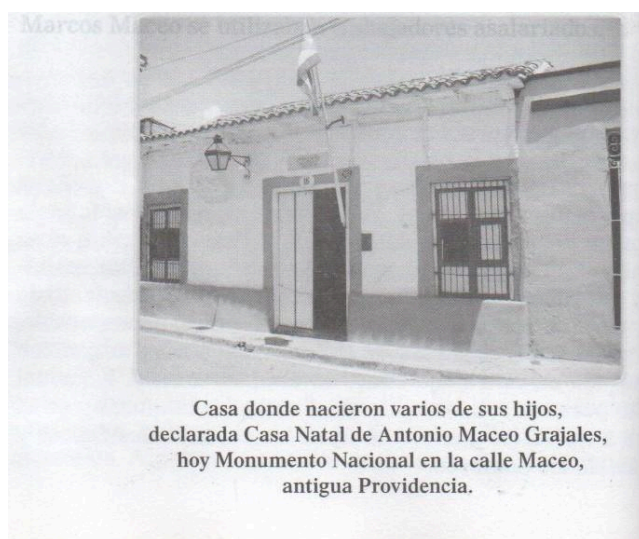
Se nasce livre a formiga,
a bibijagua¹²¹ e o grilo,
sem questões de bolso
nem espanhol que os persiga,
nenhuma lei os obriga
a ir ao cartório
comprar sua liberdade,
e eu, com minha dignidade,
não serei livre algum dia? (Cupull; González, 2015, p.17, tradução nossa)¹²²

O segundo aspecto abordado diz respeito à residência da família Maceo-Grajales. Segundo Cupull e González, a casa estava localizada na cidade de Santiago de Cuba. Os biógrafos mencionam que o historiador Eusebio Hernández, em uma conferência publicada em 1930, descreveu a residência como composta por vários quartos, sala de jantar e um pátio amplo, adornado por diversas árvores. O pesquisador Luis Acosta Brehal acrescenta que a casa estava situada nas proximidades da cadeia de *Cimarrones*, da *Calle del Gallo*, do porto e da estação ferroviária. O bairro, por sua vez, abrigava residências de algumas famílias abastadas, concentradas ao redor da igreja de São Francisco, o que restou da casa é possível observar na Figura 13. O historiador José Luciano Franco observa que a propriedade dos Maceo era cuidadosamente cultivada e produtiva, garantindo o sustento familiar, e que todos os filhos participavam das atividades agrícolas. O capítulo se encerra retomando a formação dos filhos e enfatizando o papel de Mariana, caracterizada como o “centro da família” e reconhecida pelos filhos como a verdadeira chefe do lar. Mais uma vez, sobressaem-se os valores de honra, respeito, decência, lealdade e amor à pátria, apresentados como princípios fundamentais da educação transmitida por Grajales (Cupull; González, 2015, p. 18-20).

¹²¹ A formiga (*Formicidae*) pertence à espécie *Atta insularis*, nativa de Cuba.

¹²² *Si nace libre la hormiga la bibijagua y el grillo, sin cuestiones de bolsillo ni español que lo persiga, ninguna ley los obliga a ir a la escribanía a comprar su libertad, y yo, con mi dignidad, no seré libre algún día?*

Figura 13 - Casa natal de Antonio Maceo



Fonte: Cupull; González, 2015, p. 22. Local de nascimento de vários filhos de Mariana Grajales, posteriormente foi denominada Casa natal de Antonio Maceo.

3.4 La voz de La Manigua

O que é Manigua? De origem taína e classificada como substantivo feminino, a palavra carrega significados que ultrapassam a descrição geográfica. O termo *Manigua* é utilizado para designar uma área de vegetação densa, composta por arbustos, cipós e outras plantas de pequeno porte, entrelaçadas entre si. Inicialmente empregada para se referir a uma espécie de pântano litorâneo, passou a adquirir, ao longo do tempo, conotações simbólicas associadas à ideia de refúgio e resistência, sendo representada como um verdadeiro santuário para os lutadores revolucionários cubanos.¹²³

Observamos que o capítulo em questão não foge à regra, pois continua trabalhando com adjetivos que expressam o que é socialmente construído como ideal de feminilidade, como “bondade” e “ternura”, em especial relacionado a criação dos filhos. Outro enfoque possível é como a narrativa sobre Mariana Grajales foi conduzida a partir das experiências masculinas, associadas aos filhos ou ao marido.

¹²³ Para mais informações, ver <https://www.ecured.cu/Manigua>

Essa questão se mostra relevante quando, após abordar o sentimento *criollo* e o amor à terra, nos deparamos com uma pequena biografia de Antonio Maceo, repleta de adjetivos positivos. Um jovem de “bom porte”, “distinto”, “pensamento elevado” e altruísta visto que, se relata que ao ver um adolescente escravizado sofrendo uma violência física, se dispôs a ajudá-lo. Nesse breve relato biográfico, destacam-se informações acerca do casamento de Antonio Maceo e de suas viagens à cidade de Santiago de Cuba (Cupull; González, 2015, p.23-24).

Em consonância com a lógica que exalta as trajetórias masculinas, as narrativas referentes ao ano de 1868 abordam a fundação do Primeiro Conselho Revolucionário e o momento em que se atende ao chamado de Carlos Manuel de Céspedes. Nesse contexto, o foco recai sobre a participação dos filhos Antonio, José e Justo, destacando o ingresso no exército *Mambí*. A atuação de Mariana, por sua vez, é constantemente apresentada de forma subordinada à de Marcos ou dos filhos.

Em uma das raras instâncias em que a narrativa revela Mariana como sujeito, Adys Cupull e Froilán González salientam que Fernando Figueredo a descreveu como uma mulher que passava dos cinquenta e cinco anos, robusta, baixa, nervosa e ágil, o que a contrastava com o esposo (Cupull; González, 2015, p.26). O texto não apresenta qualquer referência ou indicação acerca da identidade ou da trajetória de Figueredo.

Uma variável que defendemos ser pouco explorada e, por vezes, silenciada é a articulação política de Mariana Grajales. Para Cupull e González, a partir da prisão do filho Rafael, Grajales passou a buscar as amizades com algum grau de influência, a exemplo de comerciantes espanhóis, para pedir ajuda (Cupull; González, 2015, p.26). Apesar de não aprofundarem o tema, os autores apresentam um dado relevante que demonstra, ainda que sutilmente, que nossa personagem não foi apenas espectadora, mas desempenhou um papel ativo como agente político.

Em outra ocasião apontamos que a agência de Mariana é muito associada ao cuidado, isso se repete quando Cupull e González destacam que

No meio das florestas densas, às vezes impenetráveis, Mariana era voz alentadora, enfermeira para os insurgentes e para os feridos da tropa inimiga. Em certos momentos não havia comida, e a fome precisava ser mitigada com mandioca azeda e

jutías¹²⁴ do mato. Calçavam sapatos feitos de yaguas¹²⁵ e careciam de tudo, exceto de vergonha e vontade (Cupull; González, 2015, p. 26-27, tradução nossa)¹²⁶.

É significativo quando observamos que a relação entre Mariana e as figuras femininas da família Maceo-Grajales, como filha, noras e amigas próximas não são abordadas de forma abrangente. A única menção a essa relação está vinculada a Antonio Maceo, e é relativa a um suposto episódio em que as mulheres, ao tomarem conhecimento de que ele foi ferido durante um combate, começaram a chorar e Grajales as repreendeu dizendo que não queria lágrimas no ambiente, mesmo sentindo a dor de uma mãe (Cupull; González, 2015, p.27-28). Ao passo que Mariana é relatada como uma mulher firme, as outras são relatadas através da “emotividade” e “sentimentalização” (Tedeschi, p. 2012, p. 87). Corroborando com essa ideia de firmeza de Grajales, na ocasião de 1878, com o *Pacto del Zanjón* e o final da primeira fase das lutas pela independência, Máximo Gómez registrou em seu diário, datado de 19 de fevereiro de 1878, o relato de um encontro com mulheres patriotas. Para ele, se tratou de uma noite melancólica, marcada pela lembrança daquelas que haviam perdido filhos e esposos sem alcançar a independência. Conforme apontam Cupull e González, Mariana encontrava-se entre essas mulheres, exibindo em seu semblante severo e estoico sinais de sofrimento, ainda que expressasse, ao mesmo tempo, ternura e doçura (Cupull; González, 2015, p. 28).

Retomando os acontecimentos, o casal Cupull e González aponta que foi em 1878 que a “mãe da pátria” seguiu para o exílio em terras jamaicanas,¹²⁷ na companhia de duas filhas, Baldomera e Domingas, da nora María Cbrales e de outros personagens não nomeados da família Maceo-Grajales. No presente capítulo, os autores apresentam a localização da nova residência de Mariana, *Church Street No. 34*, descrita como humilde. Sendo um reflexo das dificuldades e limitações econômicas e da barreira linguística¹²⁸ que ocorreram no exílio. Entretanto, a personagem supracitada permaneceu colaborando com a causa independentista e foi durante esse período que seu domicílio se converteu em um ponto de encontro de outros personagens que apoiavam o movimento pela independência, entre eles José Martí (Cupull; González, 2015, p. 29-30).

¹²⁴ *Campromyidae* é uma família de roedores nativos de Cuba e de outras regiões do Caribe. São conhecidos como rutias, originado do espanhol *jutías*.

¹²⁵ A *yagua* é uma camada de fibras que reveste o topo macio e jovem de algumas espécies de palmeiras. Para ver mais <https://www.ecured.cu/Yagua>

¹²⁶ *En medio de los bosques frondosos, a veces impenetrables, Mariana sería voz alentadora, enfermera para los insurrectos y para los heridos se la tropa enemiga. A veces no tenían comida y el hambre debía ser mitigada con yuca agria y jutías de monte. Calzaban zapatos confeccionados con yaguas y carecían de todo, menos vergüenza y voluntad*

¹²⁷ Para Cupull e González, Mariana decidiu pela Jamaica porque desejava se manter próxima de Cuba, recusando a partir para destinos mais distantes (Cupull; González, 2015, p.30)

¹²⁸ A comunicação ficava comprometida porque Mariana não falava inglês.

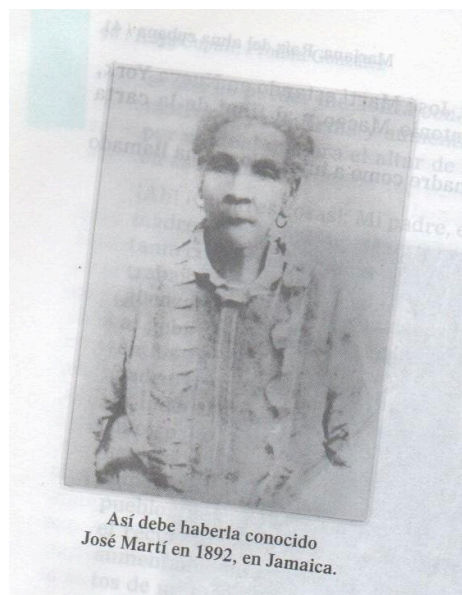
Nesse período, outros membros da família, em especial os homens, mantinham-se atuantes no movimento independentista, dedicados às lutas e às estratégias que buscavam a concretização da independência cubana. Algumas dessas figuras masculinas foram capturadas e submetidas a julgamento. A partir desse momento, percebemos uma inflexão significativa na narrativa, que passa a se concentrar nos homens, sobretudo em Antonio Maceo. Mais uma vez, Mariana é deslocada para um papel secundário, convertida em coadjuvante dentro de uma história que, embora relacionada à sua trajetória, privilegia as ações e os feitos dos homens que a cercam. A personagem é apresentada de forma limitada, reduzida à imagem de alguém agradecida e orgulhosa pelos feitos de seus descendentes (Cupull; González, 2015, p. 31).

O momento em que a agência de Mariana Grajales reaparece na narrativa está, novamente, associado à figura de um de seus filhos. Durante o exílio, Mariana procura o cônsul na tentativa de interceder por José, então encarcerado, mas seu gesto de súplica não alcança o êxito desejado (Cupull; González, 2015, p. 33). Identificamos, nessa passagem, a construção de uma imagem de Mariana associada à figura de Maria, uma mãe marcada pelo sofrimento e pela luta, que intercede em favor de seus filhos. Tal caracterização, contudo, esvazia sua subjetividade e restringe sua atuação à esfera afetiva, sem reconhecer a densidade política e simbólica.

Ao longo do restante do capítulo, uma figura relevante na história cubana aparece no texto: José Martí. Assim, as páginas restantes se dedicam à transcrição das publicações e a troca de correspondências entre Martí e Antonio Maceo, notadamente as que fazem referência à “mãe dos Maceo”. No segundo capítulo desta dissertação, discutimos que a construção da memória de Mariana Grajales teve seu início a partir de Maceo e Martí. Na ocasião, classificamos Maceo como o “guardião da memória familiar” (Lins de Barros, 1989).¹²⁹ Porém, tecemos críticas à forma como a trajetória da “mãe da pátria” assume um papel secundário perto das figuras supracitadas. Aqui, constatamos que é uma prática recorrente na historiografia acerca de Mariana, uma vez que a organização discursiva prioriza essas figuras masculinas. Isso se evidencia na forma como a neta da família Maceo-Grajales, Lucila Rizo Maceo, filha mais velha de Baldomera Maceo, aparece no texto, apenas como uma mera testemunha do encontro entre Mariana e Martí (Cupull; González, 2015, p. 34). Partimos da hipótese de que a presença da jovem na narrativa está condicionada exclusivamente a esse episódio específico, o que indica que, em outras circunstâncias, sua figura provavelmente permaneceria ausente.

¹²⁹ Para mais informações, retomar a página 60.

Figura 14 - Retrato de como José Martí deve ter conhecido Mariana Grajales



Fonte: Cupull, González, 2015, p. 42. Retrato de como José Martí deve ter conhecido Mariana Grajales em 1892.

Na Figura 14, localizada na página 42 do livro, observa-se que a narrativa é construída em torno de José Martí, uma vez que a imagem de Mariana é acompanhada pela legenda: “Assim José Martí deve tê-la conhecido em 1892, na Jamaica” (Cupull; González, 2015, p. 42, tradução nossa). Em momento anterior, reafirmamos a relevância da trajetória de vida de Mariana; contudo, destacamos também seus limites. Sua figura jamais é apresentada de modo a ofuscar, sobretudo, Maceo e Martí. A construção da memória de Mariana é elaborada em relação direta a essas figuras masculinas e, posteriormente, vinculada a personagens da Revolução de 1959. Resta-nos, então, uma questão: a história de Mariana é indissociável dessas figuras masculinas, ou seria possível narrá-la de forma autônoma, sem centralizá-los e, talvez, invertendo a lógica que a coloca em posição coadjuvante?

3.5 *Fuego inextinguible: o que vem depois?*

Em um primeiro momento, o subtítulo não despertou nossa atenção, entretanto, em uma leitura posterior, passamos a refletir sobre uma possível justificativa para sua escolha. Assim, a expressão “fogo inextinguível”, tradução do título do capítulo, de maneira literal, significa um fogo que não pode ser apagado. Com base nisso, assimilamos que a frase é empregada a partir de um sentido figurado e, acima de tudo, simbólico. Convém lembrar que, após o êxito da Revolução Cubana em 1959, a figura de Grajales passou a ser mobilizada, de maneira quase pedagógica, como exemplo para todas as mulheres cubanas, que, por sua vez,

eram consideradas as continuadoras de um suposto legado de luta e emancipação. Logo, compreendemos que a ideia de um fogo eterno faz referência a essa herança simbólica e da manutenção dos confrontos pela liberdade.¹³⁰

No que consideramos o último capítulo, Adys Cupull e Froilán González relatam os acontecimentos ocorridos trinta anos após o falecimento de Mariana Grajales, sucedidos durante o exílio jamaicano. Nesse trecho, os autores descrevem os desdobramentos relacionados à exumação e ao traslado dos restos mortais da “mãe da pátria”, organizando o relato em três subtópicos: *La exhumación*, *Las honras fúnebres* e *La difamación*.

Cupull e González iniciam afirmando que durante os anos da “república mediatizada”, as novas autoridades se incomodavam com os falecidos célebres e o ideal seria esquecê-los, mas os notáveis continuavam presentes no coração da população. Justificando com uma frase atribuída a José Martí: “quando há homens sem decoro, há outros que contêm em si o decoro de muitos homens”¹³¹ (Cupull; González, 2015, p. 44, tradução nossa).

É verdade que Mariana Grajales morreu na Jamaica durante o período que estava no exílio e o sepultamento ocorreu no país supracitado, mas Cupull e González ressaltam que houve tentativas infrutíferas de repatriar os restos mortais de Grajales. Somente em 1923 a proposta deixou de ser apenas um projeto teórico e passou a ser concretizada, graças a um grupo de patriotas de Santiago de Cuba, que pleitearam a José C. Palomino, vice-presidente da Câmara Municipal de Santiago de Cuba, apresentou um projeto de lei para fazer o traslado dos vestígios do corpo de Grajales (Cupull; González, 2015, p. 44). Gostaríamos de pontuar que os autores não deixam claro os motivos da repatriação não ter ocorrido antes e nem o porquê de os “mortos gloriosos” serem um inconveniente para os governantes, mas é interessante pensar que há uma certa distinção entre “patriotas” e “homens sem decoro”. Resta saber até que ponto essa lógica se estende o período pré-revolucionário, para o contexto de Fulgencio Batista.

Em 14 de março de 1923, o pleito foi aprovado e criaram uma comissão com alguns nomes relevantes da “capital oriental”, entre eles o próprio José C. Palomino e alguns parentes de Mariana Grajales, eram eles: Domingas, a única filha viva que naquele período tinha 66 anos, e alguns de seus netos como Ramón Maceo, Ana Rizo, Rosendo Romero, Hilario Grajales, Ignacio e Antonio Regüeyferos. Cupull e González sinalizam que, em 22 de março de 1923, o jornal santiaguero *La Independencia* publicou uma carta de agradecimento a

¹³⁰ Em Cuba, há a ideia de que a Revolução de 1959 é uma continuidade das lutas pela independência que ocorreram no século XIX. Discutimos esse tema no primeiro capítulo da dissertação.

¹³¹ *Cuando hay hombres sin decoro, hay otros que encierran en sí el decoro de muchos hombres.*

Palomino, assinada por Dominga. Na mensagem, demonstra gratidão pela iniciativa e declara que Mariana, viúva de Maceo, em vida, sempre declarou o desejo de descansar em sua terra natal e o sonho de uma Cuba livre. Ao finalizar a missiva, a filha da “mãe da pátria” assina enquanto Dominga Maceo, viúva de Romero (Cupull; González, 2015, p. 44-45). É sintomático pensar que, em geral, as mulheres estão sempre atreladas a algum homem. Michelle Perrot assinala que, quando as mulheres aparecem nos espaços públicos são lembradas a partir da qualidade de mães, donas de casa, guardiãs dos víveres (Perrot, 2019, p. 21). No caso delineado acima, as mulheres são enquadradas na condição de viúvas, em uma declaração que é, paradoxalmente, reiterada por uma mulher. Convém refletir sobre as ideias acerca da dominação masculina e como são assimiladas e estão impregnadas também nos discursos femininos (Bourdieu, 2002).

Adys Cupull e Froilán González indicam que, em 13 de abril de 1923, os jornais de Santiago anunciaram a saída de um navio com destino a Jamaica, com o objetivo de repatriar os restos de Mariana Grajales. E destacam a manchete do periódico *El Cubano Libre*: Na segunda-feira partirá o navio Baire para Kingston, a fim de buscar os restos mortais da mãe do Titã Maceo.¹³² Irão recebê-los a comissão de vereadores, familiares da ilustre patriota, veteranos e jornalistas¹³³ (Cupull; González, 2015, p. 45, tradução nossa). Reiteradamente é indispensável sublinhar como Mariana Grajales geralmente é tratada apenas como uma mãe. Diante disso, percebemos que nossa personagem não é mencionada nominalmente, é referida apenas como “mãe do titã Maceo” e como “ilustre patriota”.

Ao chegar em Kingston, a capital jamaicana, a comissão de traslado foi recebida pelo cônsul cubano na região para obter a permissão para exumação e a certidão de óbito. Nessa perspectiva, Américo Portuondo, um integrante da delegação cubana escreveu uma carta ao então presidente da república, doutor Alfredo Zayas. Na mensagem, a questão referente às honras fúnebres de Mariana Grajales são vinculadas apenas ao papel de mãe ilustre de Antonio Maceo. A primeira vista, nos parece que as homenagens são concedidas não pela participação e atuação nas lutas pela independência, mas pela função de mãe de um general.

Santiago de Cuba, 16 de abril - Honroso Presidente da República. - Palácio Presidencial - Habana- Próxima chegada da Jamaica dos restos de Mariana Grajales, mãe do general Antonio Maceo; urgem medidas para a tributação das honras militares correspondentes ao maior-general e os créditos necessários para as despesas funerárias e o enterro, tendo em conta a história patriótica da ilustre

¹³² Referência a Antonio Maceo, cujo apelido era Titã de Bronze.

¹³³ *El lunes saldrá el baire para Kingston a buscar los restos de la madre del Titán Maceo. Irán a recibirlos la comisión de concejales, familiares de la ilustre patriota, veteranos e periodistas* (Cupull; González, 2015, p. 45).

matrona e o sentimento geral do país (Cupull; González, 2015, p. 46, tradução nossa).¹³⁴

De acordo com Cupull e González, a tumba de Mariana Grajales Cuello foi encontrada no dia 20 de abril por membros da comissão cubana, entre eles Palomino, o cônsul Luis Sturla, Hilario Grajales e Francisco Fernández. No outro dia, alguns jornais de Cuba já divulgaram as informações. Os autores priorizam as publicações de *El cubano libre*, cuja manchete dizia: OS RESTOS MORTAIS DE MARIANA GRAJALES, MÃE DOS MACEO, FORAM ENCONTRADOS NO CEMITÉRIO CATÓLICO EM KINGSTON. Amanhã, serão exumados e transportados para esta cidade na embarcação Baire (Tradução nossa. Cupull; González, 2015, p. 49)¹³⁵. Já o periódico *El Imparcial*, jornal de grande circulação dentro da ilha caribenha, publicou em uma de suas páginas:

OS RESTOS MORTAIS DA MÃE DOS MACEOS

Kingston, 21 de abril, às 11h da manhã. Durante todo o dia de ontem, em companhia do cônsul de Cuba nesta cidade, dos cidadãos cubanos Socarrás e Figueredo, e do Sr. Fernández, que partiu de Santiago com a comissão que veio a esta cidade, todos conhecedores do local onde havia sido enterrada a senhora Mariana Grajales, viúva de Maceo e mãe dos inesquecíveis líderes que levam esse sobrenome (Cupull; González, 2015, p. 49-50, tradução nossa).¹³⁶

Podemos perceber que a ideia de “mãe ilustre” sempre predominou nos discursos sobre Mariana Grajales, sobretudo na imprensa. Novamente, reforçamos que os adjetivos e a valorização de nossa personagem habitualmente estão associados à questão materna. Consideramos fundamental destacar constantemente essas referências à “mãe dos Maceo”, pois sustentamos que a atuação de Mariana ultrapassa os limites impostos pela maternidade, ainda que as construções narrativas se estruturam para indicar o contrário.

¹³⁴ Santiago de Cuba, 16 de abril - Honorable Presidente República. - Palacio Presidencial. - Habana. - Proxima llegada de Jamaica restos Mariana Grajales, madre general Antonio maceo, urgen medida tributacion honorares militares correspondientes mayor general y créditos necesarios gastos funerales y entierro habida cuenta historia patriótica ilustre matrona y sentimiento general país.

¹³⁵ Han sido encontrados, en el cementerio católico de Kingston los restos de Mariana Grajales, madre de los Maceo. Mañana se procederá a la exhumación de los mismos y su traslado a esta ciudad en el cañonero Baire

¹³⁶ LOS RESTOS DE LA MADRE DE LOS MACEO Kingston, 21 de abril, a las 11 a.m. Durante todo el día de ayer, en unión del Cónsul de Cuba en esta ciudad, de los ciudadanos cubanos Socarrás y Figueredo y del Sr. Fernández que salió este último de Santiago con la comisión que vino a esta ciudad, conocedoras todas del lugar en que había sido enterrada la señora Mariana Grajales viuda de Maceo y madre de los inolvidables caudillos de ese apellido

3.6 La exhumación

Além disso, é oportuno analisar que, dentro dessa narrativa, a única passagem em que Dominga Maceo recebe destaque e um papel de agência é quando mencionam sua cooperação e importância para a localização de onde Mariana Grajales foi supostamente enterrada e a confirmação da ossada. Adys Cupull e Froilán González apontam que a filha de Grajales reconheceu a arcada dentária, pois possuía características específicas. Por outro lado, ela é descrita em um momento de intensa comoção e muitas lágrimas. Em seguida, na presença de Dominga, os restos mortais foram depositados em uma urna e fechados por Palomino e o prefeito de Kingston, que cobriram com a bandeira de Cuba e depositaram ramos de flores (Cupull; González, 2015, p.51-52).

De acordo com Adys Cupull e Froilán González, durante as cerimônias fúnebres foram ressaltadas as virtudes patrióticas atribuídas a Mariana Grajales Cuello (Cupull; González, 2015, p.53). É sintomático observar que a noção de virtude permeia, de forma direta ou indireta, toda a construção biográfica, pois está presente tanto nas interpretações elaboradas pelos autores quanto nas referências a acontecimentos contemporâneos à personagem e em menções posteriores à sua morte. Para além da maternidade, trata-se de um dos discursos mais recorrentes mobilizados em torno de Mariana Grajales, reafirmando sua imagem como figura moralmente exemplar e dotada de elevado valor simbólico.

Nas páginas subsequentes, os autores sinalizam a parte burocrática do processo de traslado, nome dos médicos envolvidos, os agradecimentos às autoridades britânicas, a cerimônia fúnebre e o evento que ocorreu no consulado cubano em Kingston. Muitas pessoas, cubanos e jamaicanos, passaram pelo consulado para um cortejo. Além disso, Mariana foi descrita pela imprensa local como uma “grande dama” (Cupull; González, 2015, p. 53-54).

3.7 Las honras fúnebres

Adys Cupull e Froilán González relatam que uma multidão, composta por autoridades locais, veteranos das lutas pela independência e representantes de instituições oficiais, reuniu-se no porto de Santiago de Cuba para acompanhar a chegada do navio que transportava a urna funerária e render homenagens. No momento do desembarque, Dominga Maceo confirmou que se tratava dos restos mortais de sua mãe. A urna foi confiada aos veteranos da independência, encarregados de conduzi-la ao carro fúnebre. Posteriormente, foi levada até a prefeitura da cidade, coberta pela bandeira nacional e adornada com flores (Cupull; González, 2015, p. 55-56).

O evento repercutiu na imprensa, o jornal *El Cubano Libre* publicou em sua manchete: O povo de Santiago, em consonância com seu profundo patriotismo, prestou ontem uma homenagem adequada aos restos mortais da mãe dos Maceo (Cupull; González, 2015, p. 56, tradução nossa).¹³⁷ Além disso, Cupull e González mostram que foram enviadas diversas coroas de flores de autoridades, dos jornais e dos netos (Cupull, González, 2015, p. 57). Ao longo do texto, fica evidente que muitas homenagens foram rendidas à “mãe da pátria”.

Nesse contexto, Adys Cupull e Froilán González destacam que Miguel Balanzó,¹³⁸ membro do conselho nacional de veteranos da independência de Cuba, em seu discurso, disse que rezou à mãe dos Maceo para fortalecer o espírito do povo cubano e o afastar das paixões mesquinhas, ambições injustas e do excesso de lucro na república que ela ajudou a fundar (Cupull; González, 2015, p. 59). E continuou:

Afirmou que são tantos e tão sublimes os feitos que enobreceram a vida de Mariana Grajales e, ao mesmo tempo, tão amplamente desconhecidos e esquecidos, que causaria espanto a espontânea e imponente manifestação de sentimento público verificada ontem, se não fosse conhecido o patriotismo dos cubanos, que se exalta com facilidade (Cupull; González, 2015, p. 59, tradução nossa).¹³⁹

Esse ponto nos permite pensar que já nos primeiros anos do século XX, circulava a noção de que muitos aspectos sobre a vida de Mariana Grajales eram desconhecidos e esquecidos. Em tese, os personagens daquele período estavam temporalmente mais próximos da época em que Mariana Grajales viveu do que nós. É importante recordar que, em momento anterior, especialmente no segundo capítulo, destacamos que grande parte do que se conhece sobre a personagem tem origem em relatos orais. Diante disso, emergem alguns questionamentos: quanto desse legado se perdeu até o período de maior produção sobre Mariana, após a Revolução de 1959? E quanto mais se perdeu até chegarmos à atualidade?

No desdobramento do tópico observamos o reforço constante de adjetivos referentes a Mariana, embora sempre vinculados à maternidade, como já destacamos em diversas ocasiões, entre eles, “mãe de heróis” e “gloriosa mãe dos Maceo”. A partir do que é apresentado por Cupull e González, percebemos que os qualificativos e a ideia de virtude são

¹³⁷ *El pueblo de Santiago, de acuerdo con su acendrado patriotismo, rindió, ayer, justo tributo a los restos de la madre de los Maceo.*

¹³⁸ Miguel Balanzó Díaz (1872-?) foi um militar que lutou na Guerra de Independência de Cuba, alcançando o posto de tenente-coronel no Exército Libertador. Destacou-se como patriota de Santiago de Cuba. Disponível em https://www.ecured.cu/Miguel_Balanzo_D%C3%ADaz Acesso em 19 out. 2025

¹³⁹ *Afirmó que son tantos y tan sublimes los hechos que ennoblecieron la vida de mariana grajales, y tan generalmente desconocidos, y olvidados, que causaría asombro la espontánea e imponente manifestación de sentimiento público verificada ayer, si no fuese conocido el patriotismo de los cubanos, que se exalta fácilmente*

recorrentes ao tratar de Grajales. No entanto, permanece a questão: esses adjetivos se referem a ela própria ou são atribuídos pelo vínculo com Antonio Maceo?

3.8 La difamación

Neste segmento, ainda que de forma sutil, conseguimos captar que a construção da memória da “mãe da pátria” não é algo coeso e está inserida em uma lógica de disputas. Cupull e González sinalizam que, desde que os desdobramentos para a exumação se iniciaram, por volta da década de 1920, houve diversos questionamentos de pessoas que eles classificam como odiosas e sem amor no coração. As inquisições eram referentes à veracidade da ossada de Mariana Grajales, pois alguns não acreditavam que eram autênticos e destinavam diversas críticas aos envolvidos na comissão formada para fazer a repatriação dos restos mortais. E provocou o cenário em que, Dominga Maceo e outros familiares foram até o governador de Santiago de Cuba para reforçar a fidedignidade do material ósseo (Cupull; González, 2015, p. 61).

A repatriação é apresentada como um ato de profundo patriotismo, no qual Mariana é caracterizada como uma patriota abnegada, enquanto seus opositores são descritos como “odiosos”. Essa oposição evidencia a construção de uma narrativa marcada pela dicotomia entre “nós” e “eles”, nós, os patriotas; eles, os inimigos da pátria. Considerando o contexto de publicação da obra, na década de 1990, já sob o regime revolucionário, é possível perceber como essa lógica discursiva dialoga com o imaginário político do período, também sustentado pela divisão entre os que apoiavam a revolução e aqueles considerados seus opositores ou responsáveis por tentar enfraquecê-la. Assim criam-se os mitos irretocáveis?

Por fim, a obra biográfica *Mariana: raíz del alma cubana* apresenta testemunhos e anexos documentais como *Texto de la moción aprobada por el ayuntamiento de Santiago de Cuba*, *Certificado de defunción de Mariana Grajales*, *Acta de exhumación* e *La carta del presidente Laredo a Dominga Maceo*. Não negamos a relevância desses documentos, reconhecendo sua importância histórica, mas trata-se da única documentação disponibilizada de maneira ampla pelos órgãos estatais responsáveis pela memória da família Maceo Grajales, demonstrando também uma seletividade em relação à difusão das fontes. Contudo, nesta pesquisa, optamos por não nos deter em sua análise, uma vez que o foco recai sobre a construção narrativa da biografia. Nosso intuito é compreender como a memória de Mariana Grajales Cuello é abordada dentro da Revolução e como se criou o mito e a concepção de uma mulher irretocável.

Compreendemos que nenhuma construção discursiva é isenta de posicionamentos ou neutralidade, toda narrativa, especialmente no campo historiográfico e biográfico, é atravessada por dimensões subjetivas e ideológicas. No caso específico da obra de Adys Cupull e Froilán González, é possível identificar que os autores escrevem a partir de um horizonte interpretativo fortemente influenciado pelo ideário revolucionário cubano. Dessa forma, suas representações de Mariana Grajales Cuello refletem, direta ou indiretamente, os valores e expectativas do contexto político em que foram produzidas.

É importante ressaltar que o objetivo aqui não é realizar uma crítica à Revolução Cubana, cuja relevância histórica e social é inegável, sobretudo por ter contribuído para a ampliação da visibilidade de figuras como Mariana Grajales, nem tampouco desqualificar o trabalho dos autores. A questão que buscamos problematizar ao longo deste capítulo, e que atravessa de forma mais ampla esta pesquisa, diz respeito à ênfase reiterada no caráter materno da personagem, em detrimento de sua dimensão política.

Defendemos, portanto, que Mariana Grajales deve ser compreendida para além da maternidade heroica e da mitificação que a circunda. Sua trajetória, enquanto mulher negra, patriota e participante ativa nos processos de independência, exige uma leitura que reconheça suas múltiplas atuações, evitando reduzi-la a um símbolo moral ou alegoria nacional.

3.9 A realidade e construção mítica em Mariana Grajales

Em entrevista concedida à RFI em 2019, cujos trechos foram publicados pela revista eletrônica *CartaCapital*, a escritora brasileira Conceição Evaristo evidencia que, quando pessoas negras alcançam posições de destaque na sociedade, elas tendem a ser tratadas quase como figuras míticas. Embora se refira especificamente ao contexto brasileiro, a intelectual ressalta que “a exceção confirma a regra”, destacando, contudo, a necessidade de problematizar quais são essas regras que fazem com que pessoas negras sejam vistas como exceções.¹⁴⁰ Nesse sentido, entendemos que, no cenário cubano, a figura de Mariana Grajales Cuello está inserida nessa lógica, considerando a excepcionalidade de uma mulher negra adentrar ao panteão de heróis nacionais e defendendo que sua atuação não se limita ao caráter maternal.

O termo “mito” é oriundo da palavra grega *mythos*, cujo significado é “narrativa”. Na tradição clássica, designava relatos simbólicos utilizados para explicar fenômenos naturais, a

¹⁴⁰ Evaristo, Conceição. Cada vez mais, o racismo no Brasil sai do armário. *CartaCapital*, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/conceicao-evaristo-cada-vez-mais-o-racismo-no-brasil-sai-do-armario/>. Acesso em: 01 set. 2025.

origem do mundo e os deuses. Nesse sentido, no *Minidicionário Amora*, a primeira classificação de mito é “fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade”, seguido por “coisa que não possui existência real”, “aquilo que não se crê” e “quimera, utopia” (Amora, 2009, p. 466). Dentre as variadas definições, essa última se mostra particularmente relevante, uma vez que, o conceito de utopia é empregado para representar uma sociedade fictícia cujas estruturas e princípios seriam considerados ideais ou próximos da perfeição. Sob tal lógica, identificamos que a “Mariana biografada”, faz parte de uma construção mítica e utópica, visto que manifesta valores socialmente prestigiados, especialmente a noção de maternidade heroica.

Ao trabalhar com o conceito de mito, Pierre Grimal indica que o mito se contrapõe ao *logos*, pois enquanto o primeiro se associa à fantasia, o segundo remete à razão e ao juízo; juntos, representam duas funções complementares da linguagem (Grimal, 1982, p. 8). Segundo Grimal

Mas o “mito” tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante um ato de fé, caso pareça “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque quer acreditar. O mito, assim, atrai em torno de si toda a parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações (Grimal, 1982, p. 9).

A figura de Mariana Grajales ultrapassa os limites da história factual e adentra o domínio do mito. Conhecida como a “mãe da pátria cubana”, sua imagem foi progressivamente moldada por diferentes contextos políticos e culturais, transformando-se em um símbolo de virtude, sacrifício e patriotismo. A mulher real, mãe, esposa e participante ativa nas lutas pela independência de Cuba, foi convertida, ao longo das décadas, em um ícone moral e nacional, cuja representação atende tanto a um ideal feminino quanto a uma pedagogia patriótica.

Percebemos que a memória de Mariana e sua inserção no panteão nacional vinculam-se a uma concepção exemplar da história, própria da tradição da *historia magistra vitae*, orientada pela valorização das virtudes individuais como modelos de conduta. Nesse quadro, a biografia não se reduz nem à simples celebração de trajetórias ilustres nem à narrativa histórica em sentido estrito, mas articula diferentes funções relacionadas à maneira como o passado é interpretado e transmitido. Desse modo, o discurso biográfico atua tanto na

conformação de valores sociais quanto na produção de significados históricos, em consonância com as expectativas de seu tempo (Oliveira, 2015).¹⁴¹

Talvez jamais seja possível distinguir plenamente o que pertence ao domínio do real e o que se inscreve no campo do mítico, talvez ambos coexistam de maneira indissociável. O fato histórico incontestável é que Mariana Grajales Cuello existiu, mas sua trajetória foi progressivamente revestida de elementos simbólicos que a transformaram em personagem de múltiplas interpretações. Assim, mais do que oposições entre verdade e ficção, o que se observa é um equilíbrio dinâmico entre o real e o mítico, em que o exagero, a idealização e a ênfase simbólica cumprem uma função pedagógica e moralizadora na construção das narrativas históricas.

Não é possível afirmar que a história de Mariana tenha passado por transformações substanciais ao longo do tempo, na verdade, grande parte do que hoje conhecemos sobre sua trajetória é resultado das produções elaboradas no período pós-revolucionário. Surge, então, um questionamento pertinente: seria a Mariana biografada após 1959 a mesma figura representada durante a ditadura de Fulgencio Batista? E, ainda, onde estão as produções, registros e homenagens referentes a esse período anterior? Essas lacunas sugerem não apenas um silenciamento histórico, mas também a construção de uma memória seletiva, moldada conforme os interesses e as necessidades simbólicas de cada contexto político.

A mitificação de Mariana Grajales revela, portanto, o processo pelo qual a história é revestida de simbolismo para atender às demandas de cada tempo. Sua figura, simultaneamente real e idealizada, encarna o elo entre o passado colonial e o projeto de nação, funcionando como uma narrativa de continuidade e resistência. Assim, mais do que uma personagem histórica, Mariana se torna uma alegoria da própria identidade cubana, uma mulher cuja memória foi elevada à esfera do mito para inspirar e legitimar a construção de um ideal coletivo.

É sintomático pensar que a “Mariana biografada”, isto é, a construção da memória de nossa personagem não segue uma linha cronológica, ora abordando algum aspecto sobre a formação inicial e ora sobre os valores que passou para os filhos. Neste contexto, os valores constituem a palavra-chave que orienta a análise, sempre os valores que podem ser transmitidos para a prole. Em *Mariana: Raíz del alma cuba* o discurso dos capítulos se mostrou bastante similar, reforçando adjetivos que representam a grandeza e a importância de

¹⁴¹ Ver GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.) O Brasil imperial. v. 2: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 425-465.

Grajales, mas sempre vinculados a ideia de feminilidade, o que se espera de uma mulher: docilidade e abnegação, dentro da lógica da moralidade cristã e na representação de Maria, a mãe virtuosa.

Os atributos são mobilizados como uma justificativa para a paixão exacerbada pela pátria, o descontentamento com o sistema escravista e a insatisfação com o domínio espanhol. Embora a obra tenha como foco principal a trajetória de Mariana, observamos que, em diversos momentos, a narrativa se desloca para exaltar os feitos do filho ou do marido. Reconhecemos que o fato de haver estudos dedicados a uma mulher negra representa um avanço no campo historiográfico dos processos independentistas, tradicionalmente centrado em figuras masculinas e, em sua maioria, brancas. No entanto, é possível identificar que, em vários trechos, a personagem acaba sendo relegada a um papel secundário. Tal aspecto suscita uma reflexão relevante: mesmo uma figura enquadrada na lógica da feminilidade e do ideal materno é, por vezes, preterida quando se trata de destacar protagonistas masculinos.

Por fim, compreendemos que a trajetória de Mariana Grajales Cuello é constantemente reinterpretada a partir de interesses e demandas do presente. Dessa forma, sua vida é frequentemente construída de modo a justificar a formação e os feitos de seus filhos, restringindo sua relevância ao papel materno, como se todos os acontecimentos de sua existência tivessem como finalidade moldá-la enquanto mãe dos Maceo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre Mariana Grajales Cuello constituiu um desafio instigante. Desafiador, porque em diversos momentos nos deparamos com a limitação das fontes disponíveis; e instigante, porque possibilitou abordar a trajetória de uma mulher racializada que desempenhou papel relevante nos primórdios das lutas pela independência de Cuba. Como buscamos demonstrar ao longo do trabalho, antes mesmo da atuação dos chamados “senhores”, setores marginalizados da sociedade já estavam profundamente engajados no processo de resistência.

A história de Cuba ou, mais especificamente, o modo como essa história foi construída e narrada, está profundamente ancorada na noção de uma luta permanente. É nesse horizonte discursivo, marcado pela valorização da resistência contínua e pela centralidade do combate como diretriz estruturante da identidade nacional, que se insere a personagem central deste trabalho.

Neste trabalho, nosso objetivo central foi evidenciar os processos de construção da memória de Mariana Grajales, à luz dos aportes teóricos da interseccionalidade e compreender as ressignificações da trajetória e os usos da memória de Grajales nas narrativas e imagens construídas dentro do projeto societário cubano. Além disso, buscamos evidenciar de que maneira fatores como raça, gênero e classe atravessaram essas narrativas, seja pela amplificação da dimensão maternal em detrimento da agência política de Mariana Grajales, seja pelo apagamento da questão racial em determinados discursos, especialmente nos primeiros anos da Revolução.

Ao longo da elaboração deste trabalho, foi possível vislumbrar, ainda que de forma parcial, a amplitude da representação de Mariana Grajales Cuello para o povo cubano enquanto “mãe da pátria”. Reconhecemos e reafirmamos sua relevância histórica, mas compreendemos que sua trajetória excede as tentativas de reduzi-la a um único papel. Ressaltamos, ainda, que até o encerramento desta pesquisa não tivemos acesso às supostas cartas atribuídas a Mariana. Esse ponto merece atenção, pois há fontes que a descrevem como uma mulher iletrada, enquanto outras mencionam correspondências de sua autoria. O que se apresenta, de modo mais sólido e acessível, são narrativas produzidas majoritariamente por homens, marcadas por discursos limitantes e por uma concepção normativa de feminilidade.

Destacamos que dois personagens são fundamentais para a conformação daquilo que denominamos aqui de “Mariana biografada”: Antonio Maceo e José Martí. No século XX, os discursos revolucionários, influenciados por essas narrativas e muitas vezes apropriando-se delas, reforçaram a dimensão maternal de Grajales, convertendo-a em um ideal exemplar do

que significaria ser uma mulher cubana. É importante ressaltar que o conceito de “Mariana Biografada” surge a partir do reconhecimento dos mitos que permeiam as histórias contadas acerca de Grajales.

Nossa hipótese sustenta que Mariana Grajales Cuello ultrapassou a imagem de mãe abnegada, constituindo-se, sobretudo, como uma agente política. Contudo, em razão da ausência de escritos próprios ou de relatos em primeira pessoa, sua memória foi majoritariamente moldada em torno da maternidade e, em certas ocasiões, associada de forma sutil a elementos de religiosidade e moralidade cristã.

Entendemos, portanto, que Mariana foi muito mais do que a mãe dos Maceo ou a “mãe da pátria”. Para além de figura histórica, ela representa um caso singular de representatividade na história latino-americana, especialmente porque poucas mulheres negras lograram ingressar no panteão de heróis nacionais e permanecer de maneira tão significativa no imaginário coletivo. Em razão das limitações de acesso às fontes e dos filtros impostos pelos órgãos responsáveis pela sua preservação e difusão, não é possível dimensionar plenamente a extensão da atuação política de Mariana Grajales, assim como diversos outros aspectos de sua trajetória que se perderam ou foram ocultados ao longo do tempo. Ainda assim, pode-se sustentar que sua participação foi mais ampla do que aquela apresentada pela memória oficial cubana. Embora frequentemente enquadrada por discursos que buscaram restringir e delimitar seu papel, a atuação de Mariana revela alguns indícios de uma agência política mais significativa do que a narrativa hegemônica tende a reconhecer.

REFERÊNCIAS

FONTES

CALLEJAS, Susana; Díaz, Horacio; López, Francisca; Loyola Oscar. **Historia de Cuba:** Nivel Medio Superior. La Habana: Editora Pueblo y Educación, 2010.

CASTRO, Fidel. **Las luchas por la independencia nacional (1868 - 1901)**. Havana: Editora Historia, 2017.

_____. **La contraofensiva estratégica**. ,2010. Disponível em:
<http://www.cubadebate.cu/especiales/2010/10/29/la-contraofensiva-estrategica-septiembre-de-1958/>. Acesso em: 18. fev. 2025.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, em e lacto de fusion de todas las organizaciones femeninas revolucionarias**. Salon-teatro de la CTC, 23 de agosto de 1960. Disponível em:
<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f230860e.html> Acesso em: 18. fev. 2015

CÉSPEDES, Carlos Manuel de. **Manifiesto de la junta Revolucionaria de la isla de Cuba**. Disponível em
https://www.cubamilitar.org/wiki/Manifiesto_de_la_Junta_Revolucionaria_de_la_Isla_de_Cuba#:~:text=La%20isla%20de%20Cuba%20no%20puede%20estar%20privada%20de%20los,%20C%20ilustrado%20%20sensible%20y%20generoso. Acesso em 20 de fev. 2025.

CUPULL, Adys; GONZÁLEZ, Froilán. **Mariana: Raíz del alma cubana**. La Habana: Editora Política, 2015.

Cultura Santiago de Cuba. Documental- Mariana Grajales, Madreceiba, Madre de la Patria. Youtube, 3 de junho de 2021. 20min54s. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=QjI4jwBX2KY> Acesso em 23. fev. 2025.

GUEVARA, Ernesto Che. **Diário de um combatente**. São Paulo: Planeta, 2012.

Manifiesto de la Junta Revolucionaria de la Isla de Cuba. Disponível em:
https://www.cubamilitar.org/wiki/Manifiesto_de_la_Junta_Revolucionaria_de_la_Isla_de_Cuba. Acesso em: 10 fev. 2025.

MARTÍ, José. Antonio Maceo. In: **Obras completas**: volume 02. Disponível em
<https://martianoscuba.wordpress.com/obras-completas-de-jose-marti/>. Acesso em: 20. dez. 2024.

_____. In: **Obras completas**: volume 04. Disponível em
<https://martianoscuba.wordpress.com/obras-completas-de-jose-marti/> Acesso em: 20. dez. 2024.

_____. “Mariana Maceo” “La madre de los maceo” . In: **Obras completas**: volume 05. Disponível em <https://martianoscuba.wordpress.com/obras-completas-de-jose-marti/>. Acesso

em: 20. dez. 2024.

ORTA, Jesus. Poema Mujeres (del Indio Naborí) dedicado a la mujer cubana #MujeresEnRevolución, 2023. Disponível em <https://micubaporsiempre.wordpress.com/2023/03/08/mujeres-del-indio-nabori-mujeresenrevolucion/> Acesso em: 23. fev. 2025.

_____. Marcha Triunfal del Ejército Rebelde, 2016. Disponível em <https://www.granma.cu/hasta-la-victoria-siempre-fidel/2016-12-01/marcha-triunfal-del-ejercito-rebelde-01-12-2016-02-12-37>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PUEBLA, Carlos. La mujer está con la revolución. Youtube, 5 de agosto de 2021. 3min.22s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oLPMfkXzCZM>

_____. Canto a Mariana Grajales. Youtube, 5 de agosto de 2021. 4min19s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3w3-DHizWYw>. Acesso em:

WATERS, Mary-Alice. **Marianas en combate: Teté Puebla e el Pelotón Mariana Grajales en la guerra revolucionaria cubana 1956-58**. EUA: Pathfinder Press, 2018.

BIBLIOGRAFIA

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARGÜELLES ALMENARES, Bárbara Oraima. La Madre de la Libertad, un momento de la imagen pictórica de Mariana Grajales Cuello. Granma, 8 jul. 2015. Disponível em: <https://www.granma.cu/cuba/2015-07-08/la-madre-de-la-libertad-un-momento-de-la-imagen-pictorica-de-mariana-grajales-cuello>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ASPREY, Robert. **War in the shadows: the history of guerrilla**. Garden City, NY: Doubleday, 1975.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Rosane. As biografias de Manuela Sáenz: Um embate de memórias, vozes e discursos. *Letrônica*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e35160, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/35160>. Acesso em: 1 dez. 2025.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CENTRO DE ESTUDIOS ANTONIO MACEO GRAJALES. *De la Tribu Heroica: anuario del Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales*. Santiago de Cuba: Ediciones Claustrofobias, 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2002.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

CODARIN, Higor. Uma revolução de homens jovens: as revolucionárias brasileiras no treinamento guerrilheiro em Cuba (1968-1971). **Revista de História** (São Paulo), n. 183, 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002.

DE LA FUENTE, Alejandro. **Una nación para todos: raza, desigualdad y políticas en Cuba (1900-2000)**. La Habana: Imagen Contemporánea, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil**. Cadernos Pagu, n. 28, 2007.

DUANY-DESTRADE, Lídice; SÁNCHEZ-FUJISHIRO, Lidia. Mariana Grajales Cuello, ¿mujer de su época?. In: TORRES-ELERS, Damaris Amparo; ESCALONA CHÁDEZ, Israel (org.). **Mariana Grajales Cuello: Doscientos años en la historia y la memoria**. Santiago de Cuba: Ediciones Santiago, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERRER, Ada. **Insurgent Cuba: race, nation and revolution, 1868-1898**. Chapel Hill; London: University of North Carolina Press, 1999.

FRANCO, José L. **Antonio Maceo: apuntes para una historia de su vida**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. 3 v.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&M, 2019.

GARCIA CHICHESTER, Ana. El legado de las mambisas afrodescendientes a la guerra de independencia cubana. **Procesos Históricos**, n. 38, p. 27-38, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=20064052003>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GONZÁLEZ-PAGÉS, Julio Cesar. Género y masculinidad en Cuba: ¿El otro lado de una historia? **Nueva Antropología**, v. 18, n. 61, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/159/15906106.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

GOOSSES, Andreas. La tierra gira masculinamente, compañero: el ideal de masculinidad del guerrillero. In: HELFRICH, Silke (org.). **Género, feminismo y masculinidad en América Latina**. El Salvador: Heinrich Böll, 2001.

GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HENDERSON, J. D. **Mariana Grajales: Black Progenitors of Cuban Independence**. Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/1868/Mariana-Grajales.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2025.

HELG, Aline. Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história cubana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/93972812>. Acesso em: 20 fev. 2025.

HERNÁNDEZ, Sofia. ¿Por qué es importante proteger el patrimonio cultural? Universidad de Colima, 6 out. 2020. Disponível em: <https://portal.ucol.mx/dgpc/ver-noticias-2656.htm>. Acesso em: 22 mar. 2025.

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Viva la Revolución: a era das utopias na América Latina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 1, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8474>. Acesso em: 5 fev. 2025.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

LE RIVEREND, Julio. **Breve Historia de Cuba**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1999.

LEITE, Maria do Carmo Luiz Caldas. **Cuba insurgente: identidade e educação**. Curitiba: CRV, 2023.

LOYOLA, Oscar; TORRES-CUEVAS, Eduardo. **Historia de Cuba 1492-1898: formación y liberación de la nación**. La Habana: Pueblo y Educación, 2001.

MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, Luis. Male City: Native and Foreign Elite Women in Nineteenth Century Havana. In: MILLER, Francesca (ed.). **Latin American Women and the Search for Social Justice**. Hanover: UPNE, 1991.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 273–294, 2015.

PÉREZ, Felipe. **Los primeros rebeldes de América**. La Habana: Gente Nueva, 1988.

PÉREZ, Louis. **Cuba**: between reform and revolution. 1988.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória**: estratégias de legitimação da Revolução Cubana (1959-2009). Tese (Doutorado), UnB, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14538>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **A formação das nações latino-americanas**. 11. ed. São Paulo: Atual, 1994.

_____. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

PULLÉS FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. Los monumentos erigidos a Mariana Grajales Cuello en Santiago de Cuba. In: **Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales. De la Tribu Heroica. De la Tribu Heroica**. Santiago de Cuba: Ediciones Claustrofobias, 2021.

REIS, Daniel Aarão. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLLEMBERG, Denise (org.). Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RIGOL, Jorge. Pintura popular, séculos XVIII–XIX. In: _____. **Apuntes sobre la pintura y el grabado en Cuba**: de los orígenes a 1927. La Habana: Editorial Adagio, 2007.

SAIANI, Renato César Santejo. O Estado de S. Paulo e a independência cubana: repercussão e posicionamento (1895-1898). In: **XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH**, 2011.

SÁNCHEZ-FUJISHIRO, Lidia. **El ayer colonial de la mujer afrodescendiente cubana del siglo XIX**, 2017. Disponível em: <https://santiago.uo.edu/cu/index.php/stgo/article/view/3814>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Mulher e revolução em Cuba. **Histórica**, n. 38, 2009.

_____. Os estudos feministas e o racismo epistêmico. **Gênero**, v. 16, n. 2, 2016.

SARABIA, Nydia. **Historia de una familia mambisa**: Mariana Grajales. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

SCHACTAE, Andrea Mazurok. “Mulheres Guerreiras” e o(s) feminino(s) nas instituições armadas na América Latina. **Dimensões**, v. 36, 2016.

_____. O herói Che: gênero, fotografia e Revolução Cubana. **Anos 90**, v. 29, p. 1-20, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.117426.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SCOTT, J. S.; MARTINS, E. “As ideias de liberdade penetraram profundamente”: comunicação e revolução, 1789-1793. **Translating the Americas**, v. 6, n. 1, 2025.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Nuestra América: a revolução cubana e o internacionalismo das esquerdas revolucionárias na América do Sul. In: ARAÚJO, Rafael et al. **Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina**. Aracaju: IFS, 2019.

_____. **“Por ti, América”: luta armada, internacionalismo e latino-americanismo na trajetória da Junta de Coordinación Revolucionaria**. Tese (Doutorado), UFF, 2016. Disponível em <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1808.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SILVA, Márcio Seligmann. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Unicamp, 2022.

STONER, K. Lynn. Militant heroines and the consecration of the patriarchal state: the glorification of loyalty, combat and national suicide in the making of Cuban national identity. **Cuban Studies**, v. 34, 2003.

STOLCKE, Verena. Mulheres invadidas: sexo, raça e classe na formação da sociedade colonial. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 21, 1991.

TORRES-ELERS, Damaris Amparo. **La participación en las guerras de independencia: una mirada historiográfica desde la contemporaneidad**, 2019. Disponível em: <https://santiago.uo.edu/cu/index.php/stgo/article/view/5144>. Acesso em: 18 fev. 2025.

TORRES-ELERS, Damaris Amparo; ESCALONA CHÁDEZ, Israel (org.). **Mariana Grajales Cuello: Doscientos años en la historia y la memoria**. Santiago de Cuba: Ediciones Santiago, 2015.

VASSI, Cássia. A mulher cubana e sua sociedade: da independência à revolução. **Dimensões**, n. 19, 2007.

VILLAÇA, Mariana Martins. Representações de Che Guevara na canção latino-americana. **Projeto História**, n. 32, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

SITES

Adys Cupull. **Ecured**. Disponível em: https://www.ecured.cu/Adys_Cupull. Acesso em: 20. set. 2025.

ALONSO, Milagroso Pérez. Más de nueve décadas dando vida. **Sierra Maestra**. 29 de outubro 2022. Disponível em: <https://sierramaestra.cu/index.php/titulares/item/2969-mas-de-nueve-decadas-dando-vida>. Acesso em: 19. fev. 2025.

BIANCHI, Ciro. Alcaldes habaneros. **CubaDebate**. Apuntes del cartulario. 31 agosto 2019. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2019/08/31/alcaldes-habaneros/>. Acesso em: 18. fev. 2025.

Busto de Mariana será emplazado en casa natal de la familia Maceo-Grajales. **CubaDebate**. 27 novembro 2017. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/11/27/busto-de-mariana-grajales-madre-los-hermanos-maceo-sera-emplazado-en-la-casa-natal-de-la-familia-maceo-grajales/>. Acesso em: 20. fev. 2025.

Celebreting Mariana Grajales Cuello - Mother of Cuba. 24 fevereiro 2023. **The Caribbean Camera**. Disponível em: <https://thecaribbeancamera.com/celebrating-mariana-grajales-cuello-mother-of-cuba/>. Acesso em: 20. dez. 2024.

Centro de Estudios Maceístas; Centro de Estudios Antonio Maceo Grajales. Santiago de Cuba. 2020. Disponível em: <https://www.afrocubaweb.com/ceamg.html>. Acesso em: 10. fev. 2025.

CESARONI, Rosana. Cultura. Adys Cupull Reyes y Froilán González García: “Somos de la generación que despertó con el Moncada y nuestros héroes serán eternos”. **Resumen Latinoamericano**, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://www.resumenlatinoamericano.org/2024/12/11/cultura-adys-cupull-reyes-y-froilan-gonzalez-garcia-somos-de-la-generacion-que-desperto-con-el-moncada-y-nuestros-heroes-seran-eternos/>. Acesso em: 20 set. 2025.

Emplazan busto de Mariana Grajales en Casa Museo. **Portal Cuba**. 28 novembro 2017. Disponível em: <http://www.cuba.cu/politica/2017-11-28/-emplazan-busto-de-mariana-grajales-en-casa-museo/39037>. Acesso em: 20. fev. 2025.

Escultura de Mariana Grajales. **Ecured**. Disponível em: https://www.ecured.cu/Escultura_de_Mariana_Grajales. Acesso em 23. fev. 2025.

FRANCO, Fiorella Duany. ¿Es Mariana hecha ceiba, o ceiba convertida en Mariana?, 2017. Disponível em: <https://www.lajiribilla.cu/es-mariana-hecha-ceiba-o-ceiba-convertida-en-mariana/>. Acesso em: 23. fev. 2025.

Froilán González García. **Ecured**. Disponível em:
https://www.ecured.cu/Froil%C3%A1n_Gonz%C3%A1lez_Garc%C3%ADa. Acesso em: 20. set. 2025.

HERNANDEZ, Henrik La ceiba pentandra: un gigante sagrado tropical en suelo cubano. **Tocororo Cubano**. 13 agosto 2024. Disponível em:
<https://tocororocubano.com/la-ceiba-pentandra-un-gigante-sagrado-tropical-en-suelo-cubano/>. Acesso em: 23. fev. 2025.

José Martí. **Ecured**. Disponível em: https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9_Mart%C3%AD. Acesso em: 10. fev. 2024.

La ceiba, un árbol de infinita cubanía. **Escambray, Agencia Cubana de Noticias**. 20 novembro 2017. Disponível em:
<https://www.escambray.cu/2017/la-ceiba-un-arbol-de-infinita-cubania/>. Acesso em: 23. fev. 2025.

Manigua. **Ecured**. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Manigua>. Acesso em: 10. out. 2025.

Miguel Balanzo Díaz. **Ecured**. Disponível em:
https://www.ecured.cu/Miguel_Balanzo_D%C3%ADaz. Acesso em: 19. out. 2025.

Presidió Teresa Amarelle Homenaje a Mariana Grajales. **Trabajadores**. 28 novembro 2018. Disponível em:
<https://www.trabajadores.cu/20181127/presidio-teresa-amarelle-homenaje-a-mariana-grajales>. Acesso em: 23. fev. 2025.

Rebelión de Triunvirato. **Ecured**. Disponível em:
https://www.ecured.cu/Rebeli%C3%B3n_de_Triunvirato. Acesso em: 10. dez. 2024.

Río Guaninicúm. **MapCarta**. Disponível em: <https://mapcarta.com/19461142>.

Tres logos que cuentan una historia. 23 de agosto de 2018. Disponível em:
<https://www.granma.cu/cuba/2018-08-23/tres-logos-que-cuentan-una-historia-23-08-2018-18-08-45>. Acesso em: 18. fev. 2025.